

A ESCOLA VIVA

*Psicologia
Educativa*

AFRO DO PELO PROFESSOR
AMARAL FONTOURA

3.^a EDIÇÃO


Editora Afronta

Curso de Pedagogia

Faculdade Católica

12-60
24.07.04

PSICOLOGIA
EDUCACIONAL

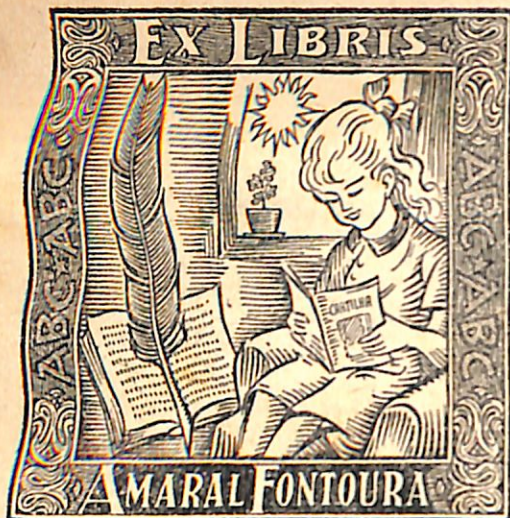
Maria Neco Ribeiro

MARIA NECY RIBEIRO

Diretora

GHEMAT
DIGITALIZADO

Psicologia Educacional — o



BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

Série I — A Escola Viva — Vol. 5.º

SOB A DIREÇÃO DO PROF. AMARAL FONTOURA

Amaral Fontoura

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Da Universidade do Estado do Rio. Da Faculdade de Serviço Social do D. F.
Chefe do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais.
Técnico de Educação

Psicologia Educativa

PARA AS FACULDADES DE FILOSOFIA,
INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO
E ESCOLAS NORMAIS

3.ª Edição

1961

GRÁFICA EDITORA AURORA
Rua Vinte de Abril, 16 — C. Postal 20
RIO DE JANEIRO



OBRAS DE AMARAL FONTOURA:

I) PARA A "BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA":

1. Volume 1.º:
"FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO"
(um volume de 366 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1949
2.ª edição — 1952
3.ª edição — 1954
4.ª edição — 1957
5.ª edição — 1960
2. Volume 2.º:
"SOCIOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 405 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1951
2.ª edição — 1953
3.ª edição — 1954
4.ª edição — 1956
5.ª edição — 1957
6.ª edição — 1959
7.ª edição — 1960
3. Volume 3.º:
"METODOLOGIA DO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 460 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1955
2.ª edição — 1957
3.ª edição — 1957
4.ª edição — 1958
5.ª edição — 1959
6.ª edição — 1961
4. Volume 4.º:
"PSICOLOGIA GERAL"
(um volume de 479 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1957
2.ª edição — 1958
3.ª edição — 1960
- 5.º Volume 5.º:
"PSICOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 496 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958
2.ª edição — 1959
3.ª edição — 1961
6. Volume 6.º:
"DIDÁTICA ESPECIAL DA 1.ª SÉRIE"
(um volume de 88 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958
7. Volume 7.º:
"PRÁTICA DE ENSINO"
(um volume de 432 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960
8. Volume 8.º:
"O PLANEJAMENTO NO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 340 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960
9. Volume 9.º:
"DIDÁTICA GERAL"
(um volume de 380 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.ª edição — 1961

10. Volume 10:
"MANUAL DE TESTES"
(um volume de 436 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.^a edição — 1960

EM PREPARO:

- Volume 11.^o: "Novos Horizontes para a Educação Rural"
Volume 12.^o: "Organização e Administração da Escola Primária"
Volume 13.^o: "Nossa Experiência de Educação Rural"
Volume 14.^o: "Instituições Escolares"
Volume 15.^o: "Didática da Escola Normal"

II) OUTRAS OBRAS DE AMARAL FONTOURA

11. "PROGRAMA DE SOCIOLOGIA" — Livraria do Globo; Pôrto Alegre;
1.^a edição — 1940 3.^a edição — 1943
2.^a edição — 1942 4.^a edição — 1944
12. "O RURALISMO, BASE DA ECONOMIA NACIONAL" — Rio, 1941.
13. "DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO" — Editora Globo; Pôrto Alegre, 1943 (Colaboração referente à Sociologia, Economia e Política).
14. "INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA" — um volume de 523 páginas; Editora Globo; Pôrto Alegre.
1.^a edição — 1948 3.^a edição — 1955
2.^a edição — 1953 4.^a edição — 1961
15. "O DRAMA DO CAMPO" — Edição da revista "Serviço Social"; São Paulo, 1949.
16. "INTRODUÇÃO AO SERVIÇO SOCIAL" — um volume de 512 páginas; Editora Marcel Beerens; Rio, 1950; 3.^a edição, Editora Aurora, Rio, 1959.
17. "ASPECTOS DA VIDA RURAL BRASILEIRA" — (Premiada com o 1.^o lugar no concurso levado a efeito pelo Ministério da Agricultura). Um volume de 285 páginas; Edição oficial, 1950.
18. "A ATUALIDADE POLÍTICA BRASILEIRA A LUZ DA SOCIOLOGIA" (Aula Magna na Faculdade de Serviço Social do D. F.; Rio, 1955).

EM PREPARO:

- "RETRATO VERDADEIRO DO BRASIL" (uma análise sociológica da realidade brasileira).
"TRATADO DE SOCIOLOGIA RURAL BRASILEIRA".
"EDUCAÇÃO DE BASE E CENTROS SOCIAIS RURAIS".
"O DRAMA DA CRIANÇA".

A Glorinha,

minha filha querida e

meu "laboratório" de Psicologia,

com quem tanto tenho aprendido.

A todos aqueles que lutam e sofrem

Na "batalha da educação"

Procurando dar ao Brasil

Uma escola melhor, mais vibrante, e mais viva.

Índice Geral

Obras de AMARAL FONTOURA	V
Dedicatória	VII
Índice Geral	IX
Índice de "Exercícios e Experiências"	XI
Índice de gravuras	XII
Apresentando a "BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA"	XIII
Introdução — "EDUCAÇÃO RENOVADA E ESCOLA ATIVA":	1

1) Sentinelas avançadas do progresso. 2) A criança e o pássaro. 3) Mais vale olhar que ouvir. 4) Este tesouro: as mãos. 5) A alegria melhora a vida. 6) Não há educação sem amor. 7) Respeito à personalidade da criança. 8) Conhecimento das vivências. 9) Aos professores de Psicologia Educacional.

Capítulos

	§§	Pág.
PRIMEIRA PARTE:		
Psicologia Genética ou da Criança		
I) Psicologia Educacional: Conceito, Relações, Divisão	1.º/8.º	7
II) Psicologia da Criança; Teorias sobre a infância; Métodos	9.º/19	19
III) Psicologia Genética: Desenvolvimento físico e psíquico	20/32	41
IV) A primeira infância: de 0 a 3 anos (fases sensorial, motora e glóssica)	33/40	67
V) A segunda infância: de 3 a 7 anos (fase lúdica)	41/54	85
VI) A terceira infância: de 7 a 12 anos (fase de especialização)	55/67	111
VII) A adolescência: de 12 a 18 anos	68/77	133
VIII) A criança-problema	78/89	153

	§§	Pág.
IX) As funções gerais da consciência na criança: Atenção — Memória — Associação de Idéias	90/96	177
X) Os fenômenos intelectivos na criança: Sensação — Percepção — Imagem — Abstração — Juízo — Raciocínio	97/110	185
XI) Os fenômenos afetivos na criança: Prazer — Emoções — Sentimentos — Tendências — Paixões ...	111/118	199
XII) Os fenômenos ativos na criança: Reflexos — Instintos — Hábitos — Vontade... A Escola Ativa: seus fundamentos psicológicos	119/128	213
XIII) A linguagem na criança	129/137	229
XIV) O desenho na criança	138/147	245

SEGUNDA PARTE:

Psicologia da Aprendizagem

XV) O processo educativo. Natureza da aprendizagem. Fatores da aprendizagem	148/163	267
XVI) Leis da aprendizagem	164/182	289
XVII) Motivação e transferência	183/200	309
XVIII) Aprendizagem motora, ideativa e apreciativa	201/210	335
XIX) A aferição da aprendizagem	211/227	355

TERCEIRA PARTE:

Psicologia Diferencial

XX) A Personalidade. Personalidade psicológica, moral, prática e social. Dupla personalidade, sonambulismo e hipnotismo	228/236	387
XXI) A Inteligência	237/246	407
XXII) Medida da inteligência. Testes de nível mental, individuais e coletivos, verbais e não-verbais	247/257	425
XXIII) O temperamento. Conceito e caracteres do temperamento	258/262	459
XXIV) O caráter. Formação do caráter ..	263/271	475
Bibliografia Geral	—	493

Índice de Exercícios e Experiências

Capítulo	Parág.
V. Aplicação do teste de BINET-SIMON a uma classe pré-primária	53
VI. Idem, a uma classe primária	66
VII. Questionário para os adolescentes	76
VIII. Tratamento de alunos-problema	88
X. Os fenômenos intelectivos na criança	109
XI. Influência do medo provocado durante a infância	117
XII. Que personagem você gostaria de ser?	127
XIII. Teste de enumeração de palavras	136
XIV. Aplicação do teste do desenho (de GOODENOUGH)	146
XV. Quais os conhecimentos que foram realmente aprendidos pelo aluno? ..	162
XVI. De que matérias e professores você mais gostava? Por que? ..	181
XVII. Experiência: dar aulas motivadas e não motivadas, e comparar os resultados	199
XVIII. Como são os algarismos do seu relógio?	209
XIX. Levantar o histograma ou perfil da turma	226
XX. Testes de personalidade	234
XXII. Testes de inteligência	254
XXIV. Testes de temperamento e caráter	269

Índice de Gravuras

FIG.	ASSUNTO	PÁG.
1	O feto e o recém-nato	45
1-A	Tamanho do feto no útero materno	46
2	Influência da hereditariedade	52
3	Atrofia da tireóide	88
3-A	Criança de apartamento.. ou prisão?	126
4	Juventude transviada	141
5,6	Juventude trabalhando	143
7,8	Idem, idem	144
9	Desenho de uma criança de 4 anos	247
10	Desenho de uma criança de 7 anos	249
11	Desenho de uma criança de 8 anos	250
12	Desenho de uma criança de 10 anos	252
13	O funil e a bomba	270
14	A ponte de ligação entre o "eu" e o mundo ..	274
15	Cadeia de neurônios	276
16	Aprendizagem do rato no labirinto	296
17	Pontos atribuídos a uma prova de Geometria	362
18	Perfil da turma	374
19	Gráfico da turma com a situação individual	376
20	Gráfico de marcha (anual)	378
21	Perfil individual (de 1 mês, ou de fim de ano)	379
22	As várias teorias da inteligência: Stern, Spearman e Thorndike	419
23	Distribuição de níveis de inteligência	436
24	O Q.I. (Quociente Intelectual) e as profissões	440
25	O teste da bola no campo	443
26	Labirinto de Porteus	445
27	Tábua de Goddard	446
28	Teste alfa do Exército Americano	448
29	Idem, idem	448
30	Idem, idem	448
31	Idem, idem	448
32	Teste beta — Cubos para contar	450
33	Teste beta — Símbolos para substituir	451
34	Teste beta — Figuras com lacunas	453
		455

Apresentando

a

BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

De regra geral, quase todos os nossos educadores sentem a necessidade de uma Renovação Educacional no país, que torne a escola mais viva, mais dinâmica, mais ligada à realidade e faça com que seus alunos saiam mais capacitados a trabalhar pelo progresso nacional.

Se isso é verdade em todos os graus de ensino, particularmente o é no Ensino Normal. Com efeito, se pretendemos renovar o Brasil, criar melhores condições de vida para o nosso povo, temos que educar esse povo. E para educar melhor, temos que preparar professores cada vez mais eficientes e interessados na solução do problema.

Não há exagero em afirmar que nas mãos do professor primário reside uma das maiores esperanças de dias melhores para o Brasil. Daí a alta responsabilidade das nossas Escolas Normais — as escolas que formam tais professores.

Uma das maiores dificuldades, porém, com que as Escolas Normais têm lutado, para a consecução de seu objetivo, é a falta de livros dentro desse espírito de Educação Renovada. Apesar de toda boa vontade dos diretores e professores das Escolas Normais, é quase impossível fazer renovação usando livros antiquados, fora de fase. É difícil fazer escola ativa com livros cheios de teorias, mas muito pouco práticos. A maioria (claro que há honrosas exceções) das obras existentes não permite tal renovação.

Eis por que foi criada a "Biblioteca Didática Brasileira": ela se destina a ser uma coleção de livros escritos especialmente para o Ensino Normal e dentro desse espírito renovador, objetivo, prático.

Para ter a certeza de atingir tais objetivos, a Editora Aurora entregou a direção da "Biblioteca Didática Brasileira" a um dos educadores mais categorizados no assunto: o professor Amaral Fontoura, reputado Técnico de Educação, que há muitos anos se vem batendo por essa renovação no Ensino Normal. Professor de várias Faculdades — bem como da notável Universidade Católica do Rio de Janeiro — delegado do governo junto a várias Escolas Normais, professor de inúmeros cursos de aperfei-

coamento para professores, Amaral Fontoura consegue reunir duas qualidades que raramente se encontram juntas: profundo conhecimento teórico da Pedagogia, ao lado de um admirável espírito prático, objetivo.

A "Biblioteca Didática Brasileira" é, assim, uma coleção de livros que não apenas ensinam o que se deve fazer, mas ao mesmo tempo mostram como se deve fazer. E tudo dentro de um espírito de grande equilíbrio, que fica equidistante da "escola velha" e dos exageros da "escola nova". O lema dos livros do prof. Amaral Fontoura pode ser "non novum sed novi", seguindo assim as próprias palavras do Papa Pio XI, quando diz "acolhendo, pois, o que é novo, (o mestre) terá o cuidado de não abandonar facilmente o antigo, demonstrado bom e eficaz pela experiência dos séculos".

Depois de publicar "Fundamentos de Educação" e "Sociologia Educacional", (obras que alcançaram grande êxito, tanto que já se encontram em 5.^a e 7.^a edição, apesar de serem tão recentes), a "Biblioteca Didática Brasileira" lançou a "Metodologia do Ensino Primário" (já em 6.^a edição), a "Psicologia Geral" (já em 3.^a edição), a "Psicologia Educacional" (já em 3.^a edição), a "Didática Especial da 1.^a Série", a "Prática de Ensino", "O Planejamento no Ensino Primário", "Didática Geral" e o "Manual de Testes", todos de autoria do Professor Amaral Fontoura.

Diante da boa acolhida que tem recebido dos educadores brasileiros e do público em geral a BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA, resolvemos então estendê-la e publicar uma série completa de livros para todo o currículo das Escolas Normais.

Mas, com os aplausos que nos têm chegado por essa iniciativa, recebemos, igualmente, numerosos pedidos de publicação de material didático que esteja de acordo com os princípios da Educação Renovada, que norteiam esta Biblioteca. Mostram os educadores a dificuldade de seguirem as linhas da Educação Moderna, pelo fato de não haver livros, material de trabalho, jogos, cartazes, etc., publicados em articulação com aqueles princípios e métodos.

Resolvemos, atendendo a esses apelos dos educadores, subdividir a Biblioteca Didática Brasileira em 4 séries, dando-lhe a seguinte constituição:

Série I — "A escola viva":

(Livros especializados para o currículo das Escolas Normais):

- Vol. 1 — "Fundamentos de Educação" — (em 5.^a edição).
- Vol. 2 — "Sociologia Educacional" (em 7.^a edição).
- Vol. 3 — "Metodologia do Ensino Primário" (em 6.^a edição).
- Vol. 4 — "Psicologia Geral" — (em 3.^a edição).
- Vol. 5 — "Psicologia Educacional" — (em 3.^a edição).
- Vol. 6 — "Didática Especial da 1.^a série."
- Vol. 7 — "Prática de Ensino".
- Vol. 8 — "O Planejamento no Ensino Primário".
- Vol. 9 — "Didática Geral".
- Vol. 10 — "Manual de Testes",

Próximos volumes a aparecer:

- Vol. 11 — "Educação Rural".
- Vol. 12 — "Organização e Administração da Escola Primária".
- Vol. 13 — "Uma Experiência de Educação Rural".
- Vol. 14 — "Instituições Escolares".
- Vol. 15 — "Didática do Ensino Normal".

Série II — "Legislação do Ensino e textos auxiliares":

- Vol. 1 — "Programas do Ensino Primário para as Escolas do Estado da Guanabara" (em 2.^a edição).
- Vol. 2 — "Programas do Ensino Primário do Estado do Rio de Janeiro".

Série III — "Livros texto para as crianças".

(livros de leitura, conhecimentos, etc.).

Série IV — "Como aprender brincando..."

(material de ensino)

- N.º 1 — Método de Educação Integral para a 1.^a série (Linguagem, Matemática, Conhecimentos Gerais, Educação Moral, Educação Cívica, Educação Artística, Educação Social, Trabalhos Manuais e Educação Física incluídos num só texto, totalmente articulado, através de uma história).

Introdução

1. SENTINELAS AVANÇADAS DO PROGRESSO

Nunca é demais louvar a dedicação, a coragem, quase podemos dizer o heroísmo do magistério primário brasileiro, espalhado por todos os rincões do território pátrio.

Por toda parte está presente o professor primário: mesmo onde não há médico nem dentista, onde não há farmácia nem cinema, nos mais atrasados lugarejos, nos mais distantes povoados, lá está o professor primário, como sentinela avançada da Civilização!

No entanto, não basta que existam escolas por toda parte: é preciso que existam *boas escolas*, cujo rendimento, cujos frutos compensem o esforço do abnegado mestre.

E para isso é imprescindível que as escolas se baseiem na Psicologia e na Pedagogia. A Psicologia nos mostra como é o espírito humano, como funciona o nosso psiquismo; a Pedagogia toma esses conhecimentos e os aplica à escola. A Psicologia estuda a criança, a Pedagogia estuda a sua educação.

2. A CRIANÇA E O PÁSSARO

Ora, a primeira coisa que a Psicologia nos ensina é que a criança é um ser eminentemente *ativo* e que só pode desenvolver-se em atividade.

A atividade é um imperativo biológico da criança. Esta tem necessidade de ser ativa como o pássaro tem necessidade de voar. Dizer para a criança "*não seja ativa!*" é o mesmo que dizer para o pássaro "*não voe!*"

A *escola ativa* é, pois, a primeira e a mais constante diretriz que todos os professores precisam seguir em seu nobre trabalho, para dêle obter o melhor rendimento. Fazer *escola ativa* tem que ser a preocupação inseparável do mestre primário. E a maneira de fazê-lo é o que pretendemos mostrar nas páginas deste livro.

3. MAIS VALE OLHAR QUE OUVIR...

Não podemos limitar-nos, em nossas aulas, a *falar* e exigir que os alunos fiquem imóveis e silenciosos, a *escutar* apenas. A primeira medida a tomar é, pois, transformar o ensino de *auditivo* em *visual*. A criança precisa *ver* as cousas e não apenas *escutar*. Os chineses, com a sua proverbial sabedoria, já há dezenas de séculos proclamavam esse princípio:

— “*Mais vale olhar uma vez que ouvir cem vêzes.*”

A *educação visual* é, assim, um precioso instrumento do mestre primário, que para isso se deve valer constantemente de cartazes, gravuras, desenhos, feitos com as crianças ou pelas crianças.

4. ÊSTE TESOURO: AS MÃOS

Juntando êsses dois princípios — 1.º) a criança é essencialmente ativa, e 2.º) o mestre precisa valer-se de cartazes e desenhos — chegamos imediatamente a um terceiro princípio da maior importância: é o de que a escola precisa desenvolver ao máximo os *trabalhos manuais*.

Através dêsses trabalhos, a criança recortará figurinhas de revistas e as colará, formando os cartazes e álbuns preconizados. *Trabalhos manuais* permitirão que as aulas de Português, de Matemática e de Conhecimentos Gerais sejam *concretizadas*, isto é, que seus assuntos sejam transformados em jogos, em objetos, em cousas sólidas pelos alunos.

Os trabalhos manuais desenvolvem na criança o amor ao trabalho, o método, o gosto, a capacidade de autocrítica, a confiança em si mesma. E são altamente disciplinadores, porque a criança, entretida no trabalho, não tem tempo nem disposição de fazer traquinadas.

Enfim, os trabalhos manuais permitem à escola fugir daquele terrível e enfadonho *verbalismo*, daquele ensino feito só de palavras, de frases, de regras, de relações de nomes a decorar... A escola do tipo antigo vinha desenvolvendo no aluno apenas a sua capacidade intelectual, a sua memória. Os trabalhos manuais vêm colocar em funcionamento novamente êste tesouro que já estava ficando abandonado — *as nossas mãos*.

5. A ALEGRIA MELHORA A VIDA

A alegria é um dos maiores estímulos para a vida e para o trabalho. A Filosofia já provou experimentalmente que a alegria aumenta o *tonus vital*, dá ao indivíduo maior disposição, mais capacidade e resistência, numa palavra: mais saúde física e mental. Sômente por essas razões já a escola deveria ser um permanente ambiente de alegria.

Mas se é necessária a todos os homens, para melhor enfrentar a vida, a alegria é sobretudo o traço característico da infância, que não tem preocupações. E para que o garoto se sinta feliz na escola, é imprescindível que esta seja também um ambiente de saudável alegria.

Não confundamos, no entanto, alegria com desordem, com correrias desordenadas, com exageros de nenhuma espécie.

O necessário é que a alegria na escola resulte da compreensão entre professor e alunos, da amizade que os deve ligar entre si, e, finalmente, do trabalho escolar ativo, variado, dinâmico, interessante, atraente para as crianças.

Todos sabem que um ambiente agradável e bonito — seja uma residência, um clube, uma loja comercial ou

um consultório médico — exerce forte influência favorável sobre os moradores, fregueses ou clientes. Não é à toa que os comerciantes modernos gastam tanto dinheiro em oferecer um ambiente agradável ao freguês: é que isto já o predispõe favoravelmente a fazer ali as suas compras...

Ora, a mesma cousa acontece com a criança na escola: *um ambiente bonito e agradável predispõe o aluno favoravelmente à aprendizagem*. Precisamos, pois, ter a preocupação de tornar nossas escolas agradáveis, bonitas, bem ornamentadas, coloridas.

Mesmo que o prédio seja velho, como sói tanto acontecer, a professora pode transformar-lhe o aspecto, ornamentando as paredes com quadros, cartazes e gravuras. E ainda colocar jardineiras ou caixotes ou latas com plantas no chão, nas janelas, nos corredores...

6. NÃO HÁ EDUCAÇÃO SEM AMOR

É muito difícil compreendermos os outros, sabermos o que lhes vai na alma, percebermos por que agem desta ou daquela forma. Porque *para compreender é preciso amar*. Só quando amamos alguém estamos dispostos a compreendê-lo. Só o amor compreende, só o amor perdoa.

Por isso, o professor de verdade, o mestre digno dêse nome, ama seus alunos. *Precisamos amar nossos alunos!* E amar sobretudo os mais pobres, os mais infelizes, aquêles que mais necessitam do carinho, da compreensão, do estímulo de seus mestres. *Não há educação sem amor*.

7. RESPEITO A PERSONALIDADE DA CRIANÇA

Mas não basta amar as crianças: é preciso respeitá-las, respeitar sua personalidade em formação. Não queremos que todos os alunos ajam da mesma forma, gostem das mesmas matérias, sejam igualmente "bonzinhos", igualmente dóceis.

É necessário aceitarmos que as criaturas humanas são diferentes. Divergem no físico e no mental, na inte-

ligência e no caráter, nas formas de reação e nas manifestações de sua conduta.

Não pretendamos que Joãozinho aja sempre como Pedrinho: *não queiramos que as mangueiras dêem laranjas...*

No entanto, note-se bem que "respeito à personalidade da criança" não significa de maneira alguma deixar a criança fazer tudo que lhe der na cabeça. Isso seria simplesmente não educar, deixá-la sem educação. A liberdade, na escola como na sociedade, tem que possuir limites muito nítidos. Não pode jamais haver liberdade para ferir os outros, para prejudicar o bem comum. Só pode haver liberdade para fazer o que é certo.

8. CONHECIMENTO DAS VIVÊNCIAS

Por outro lado, para que a educação surta efeito, é imprescindível que o educador conheça as crianças, isto é, conheça cada criança individualmente. Porque cada menino tem sua vida, seu meio, seus problemas, ou, em uma palavra, *suas vivências*.

É preciso que o educador, portanto, procure saber que *motivação* levou Joãozinho a agir de tal forma e Pedrinho a agir de forma tão oposta. Esta é a pergunta que o bom educador deverá fazer sempre, antes de castigar o Pedrinho: — Que *vivências* terá essa pobre alminha, em casa, com os pais, com os parentes, com os vizinhos, e até na rua?...

O verdadeiro educador não pode ignorar, como nos ensina a Sociologia, que o homem é, em grande parte, *produto do meio*, e que aquilo que fazemos hoje é, muitas vezes, o resultado daquilo que aconteceu conosco ontem.

9. AOS PROFESSORES DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Esta obra se destina, especialmente, a atender as necessidades da cadeira de Psicologia Educacional nas Faculdades de Filosofia, nos Institutos de Educação e nas

Escolas Normais. O grande desejo e esperança do seu autor, porém, é que este livro não se destine a ser *decorado* e sim *vivido*.

As páginas que se seguem são um caloroso apêlo para que se procure formar uma nova mentalidade em nossas escolas primárias, através das futuras professoras, atuais alunas de Psicologia Educacional.

Precisamos urgentemente fazer da escola um CENTRO DE VIDA. Daí o próprio lema desta coleção — *A Escola viva* — Mas para isso temos que começar a VIVIFICAR o ensino das próprias cadeiras da Escola Normal.

No ensino de Psicologia Educacional tenhamos o cuidado, a preocupação constante de descer da teoria à prática. Façamos com as nossas alunas aquilo que mandamos que elas façam em suas futuras escolas, ou seja, ENSINO ATIVO — EDUCAÇÃO VISUAL — TRABALHOS MANUAIS — TRABALHO DE EQUIPE.

Para consegui-lo, levemos nossas alunas a confeccionar *álbuns* de Psicologia Educacional e *cartazes*, com a objetivação dos princípios aqui explanados. Levemos as moças a fazer numerosos *exercícios e experiências*, quer entre as próprias normalistas, quer entre estas e os alunos da escola primária anexa à Escola Normal.

Com o maior prazer daremos notícias, em próximas edições, de atividades, exercícios, experiências, trabalhos práticos levados a efeito pelos nossos prezados colegas, professores de Psicologia Educacional, em suas respectivas classes. Aguardamos o envio de suas notícias, e aqui ficamos, sempre à sua disposição, para quaisquer dúvidas, sugestões ou informações.

PROF. AMARAL FONTOURA

Enderêço:

Rua Hilário de Gouveia, 30, apt. 503
Copacabana - Rio de Janeiro - GB.

Psicologia Educacional

Ficha-resumo:

§ §

1.º CONCEITO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL:

É a aplicação dos princípios da Psicologia Geral ao campo da Pedagogia. Também chamada Psicologia Pedagógica ou Psicopedagogia.

2.º SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL NOS QUADROS DA PEDAGOGIA:

A Psicologia Educacional é em parte Psicologia e em parte Pedagogia: é ramo da Psicologia Aplicada mas é também uma das Ciências Pedagógicas.

3.º OBJETIVOS DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL:

- 1) Dar ao educador um perfeito conhecimento do psiquismo da criança e do aluno;
- 2) Mostrar que o ensino não se pode basear na **vontade** do professor, mas sim na **capacidade** do aluno;
- 3) Ensinar as leis da aprendizagem;
- 4) Mostrar que a criança é a **medida** do ensino.

4.º ENSINAR E APRENDER:

De nada adianta o professor ensinar se os alunos não aprendem. Não há ensino se não há aprendizagem. O que mede o ensino do professor é a aprendizagem do aluno.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

5.º) DIVISÃO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL:

- a) Psicologia da Criança, ou evolutiva, ou infantil;
- b) Psicologia da Aprendizagem (estudo das leis da aprendizagem, provas e testes);
- c) Psicologia Diferencial (estudo da inteligência, caráter e personalidade do aluno).

6.º) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

(Como devo agir na minha escola)

7.º) TÓPICOS PARA DEBATE

8.º) LEITURAS COMPLEMENTARES

§ 1.º) CONCEITO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL

No volume "Psicologia Geral" desta Biblioteca tivemos ensejo de dizer que a Psicologia se divide em Geral, Especial, Aplicada e Experimental. O ramo da Psicologia Aplicada compreende várias subdivisões, conforme se dirige para esta ou aquela ciência. Por exemplo: a aplicação da Psicologia à Medicina constitui a Psicologia Médica; ao campo do Direito constitui a "Psicologia Jurídica"; ao campo do trabalho constitui a "Psicologia Industrial", e assim também ocorre no campo da educação.

Podemos, então, definir: *Psicologia Educacional é a aplicação dos princípios da Psicologia geral ao campo da Pedagogia.*

Por isso, alguns autores a denominam "Psicologia Pedagógica" ou "Psicopedagogia", tal como acontece, por exemplo, com DE LA VAISSIERE, cujo excelente livro se chama exatamente "Psicologia Pedagógica". E este psicólogo jesuíta a define assim: "Psicologia Pedagógica é a ciência positiva dos fenômenos psicológicos em suas relações com os problemas pedagógicos" (vide NÓTULA n.º 1 abaixo).

NÓTULAS — N.º 1

Outras Definições de Psicologia Educacional

- Psicologia Educacional é o estudo dos aspectos psicológicos da Educação.
- "É a ciência referente à natureza e ao comportamento

§ 2.º) SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL NOS QUADROS DA PSICOLOGIA E DA PEDAGOGIA

Como se vê, a Psicologia Educacional é em parte Psicologia e em parte Pedagogia. Podemos considerá-la como sendo "um ramo da Psicologia Aplicada", mas igualmente podemos incluí-la no quadro das "Ciências Pedagógicas", conforme o esquema abaixo:

QUADRO DAS CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS (OU "PEDAGOGIA")	
I) Estudos dos FINS da educação (disciplinas filosóficas)	<ul style="list-style-type: none"> 1. História da Educação 2. Filosofia da Educação 3. Política Educacional
II) Estudo dos PRINCÍPIOS da educação (disciplinas científicas)	<ul style="list-style-type: none"> 4. Biologia Educacional 5. Psicologia Educacional 6. Sociologia Educacional 7. Estatística Educacional 8. Educação Comparada
III) Estudo dos MEIOS da educação (disciplinas técnicas)	<ul style="list-style-type: none"> 9. Higiene Escolar 10. Legislação Escolar 11. Administração Escolar 12. Didática ou Metodologia 13. Orientação Educacional 14. Prática de Ensino

dos alunos ou das pessoas que estão sendo educadas" (DOUGLAS & HOLLAND).

— "É a psicologia do educando e da aprendizagem" (THORNDIKE).

— "Psicopedagogia é o estudo dos processos psíquicos do ser humano em relação com a educação" (LOZÁN Y CARBONELL).

— "É a parte da Psicologia que se ocupa em aplicar os seus princípios e leis ao comportamento do indivíduo, quando sob a ação educativa" (NOEMI SILVEIRA RUDOLFER).

§ 3.º) OBJETIVO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL

O objetivo genérico da Psicologia Educacional é *tornar mais eficiente a Educação*, baseando-a nos princípios científicos da Psicologia. Decompondo esse objetivo geral, mestre THORNDIKE, diz que a Psicologia serve à Educação de quatro maneiras:

3.1) "Contribui para a melhor compreensão das aspirações da educação, definindo-as e limitando-as;

3.2) Auxilia a apreciar a probabilidade de que uma aspiração seja exequível; por exemplo: se as transformações morais e mentais originadas em uma geração se transmitem à geração seguinte;

3.3) Contribui para o conhecimento dos métodos de ensino, tornando-os mais eficientes e obtendo maior rendimento escolar, visto que nos dá a conhecer a natureza humana, seus fenômenos e suas leis;

3.4) Indica os meios para a averiguação das funções intelectuais (testes, questionários e provas psicológicas), estabelecendo assim as "diferenças individuais" e agrupando os indivíduos segundo "tipos psicológicos".

Por outras palavras, a Psicologia Educacional veio mostrar ao mundo que o ensino não pode ser baseado na *vontade* do professor, nem da escola, nem do programa, mas sim na *capacidade* da criança.

Em vez de o professor dizer "eu quero ensinar isto", a criança é quem mostra "eu posso aprender isto".

A criança é que passa a ser *a medida* do ensino: segundo suas capacidades, sua natureza, seu desenvolvimento mental, sua maturidade, ela estará em condições ou não de aprender determinada coisa. E quem nos

mostra tôdas essas condições é exatamente a Psicologia (vide NÓTULA n.º 2 abaixo).

Como se vê, esta *concepção psicológica da educação* nos leva muito longe daquelas idéias (infelizmente ainda vigorantes em tantos lugares) segundo as quais um funcionário burocrata qualquer do govêrno formula currículos, distribui matérias, impõe programas, conforme o que êle acha que "deve ser".

Nem os funcionários burocratas, nem os diretores de escola, nem os professôres podem obrigar o aluno a aprender isto ou aquilo, que seja contra o psiquismo infantil, contra a natureza da criança. Mas se não podem obrigar a *aprender*, podem pelo menos obrigar a *decorar*, a repetir "de cabeça". E é o que acontece todos os dias: o aluno não podendo *aprender* porque sua capacidade ou seus interêsses não o permitem, resolve a situação *decorando*. Decora centena de "pontos" do programa, faz exame, é aprovado e... esquece tudo aquilo que decorou, pouco depois.

NÓTULAS — N.º 2

Escola sob medida

Há um interessante livro de grande mestre da Escola Nova — CLAPARÈDE — intitulado exatamente "L'École sur mesure" (A Escola sob Medida). Diz o mestre: "escola sob medida é a escola adaptada à mentalidade de cada aluno, escola que esteja tão bem acomodada às formas do espírito como uma roupa ou um calçado sob medida o estão ao corpo ou ao pé do indivíduo". E censura a escola comum, que não leva em conta as diferenças individuais, que cuida apenas de "dar o programa", exigindo que todos os alunos aprendam as mesmas cousas no mesmo espaço de tempo, gostem igualmente de tôdas as matérias e se interessem por tôdas as cousas que o professor lhes apresenta. — Como quereis, então, que a criança goste da escola? — Note-se que essas palavras de CLAPARÈDE foram pronunciadas em 1901, há mais de 50 anos atrás!!!

Essa obrigação de *decorar* era, até certo tempo atrás, imposta à *fôrça* pelos professôres aos alunos. A escola usava da violência: castigos, prisão, pancada... (vide NÓTULA n.º 3 abaixo). Por isso é que se dizia, antigamente:

"A letra, com sangue, entra"...

A Psicologia Educacional veio constituir, portanto, uma verdadeira revolução na Pedagogia. CLAPARÈDE a classifica de *revolução copernicana na Educação*. Como se sabe, os antigos acreditavam que a terra era o centro do sistema planetário, e o sol girava em tórno dela. Veio COPÉRNICO, no século XVI, e demonstrou que era exatamente ao contrário: o centro do sistema planetário era o sol, e a terra é que se movia em tórno daquele. Assim, o centro do sistema planetário educacional era o *professor*; mas a Psicologia Educacional veio deslocar êsse centro para a *criança*: na Educação Renovada, o centro da vida da escola é a *criança*, e tudo gira em tórno dela, de seus interêsses, de suas capacidades.

NÓTULAS — N.º 3

O "Ensino à Fôrça"...

AFRANIO PEIXOTO, nosso grande mestre, cita a estatística de um professor alemão, falecido em 1782, muito louvado por todos pela sua energia e capacidade de fazer disciplina entre seus alunos, o qual, durante sua vida de magistério, tomou nota cuidadosa de todos os castigos aplicados. Ao deixar o magistério havia aplicado os seguintes castigos:

911.527 bengaladas

124.010 chicotadas

10.235 bofetadas

1.115.800 sopapos

777 vezes fizera alunos ajoelharem sôbre o pau triangular
5.001 vezes colocara orelhas de burro nos alunos.

É, como se vê, o recorde mundial do ensino à fôrça...

A escola não pode ensinar “qualquer cousa” a “qualquer criança”, mas, ao contrário, em cada época só pode ensinar determinadas cousas, e para cada tipo de crianças tem que agir de determinada maneira.

Há princípios e leis que regem todo fenômeno da aprendizagem, independentes das leis dos governos e dos regulamentos dos colégios, princípios e leis baseados na evolução biológica e psicológica da criança: é o que FERRIÈRE chama de *lei biogenética da educação*. O estudo desses princípios e leis constitui o campo da *Psicologia da Aprendizagem*, uma das diversas divisões que compreende a Psicologia Educacional (e que será estudada nos capítulos 15 a 19 deste livro).

Finalmente, ao lado das causas *inatas*, que tornam as crianças tão diferentes entre si, ainda há que considerar as influências do *meio*, que levam cada criança a ter *vivências* individuais, particulares. E tais vivências condicionam as atitudes e reações dos alunos na escola. De forma que a Psicologia Educacional precisa, também, estudar as diferenças individuais entre os alunos, quer as provenientes dos fatores *inatos*, quer as do meio ambiente. Tal é o campo da Psicologia Diferencial, que será abordada nos capítulos 20 a 24.

§ 4.º) ENSINAR E APRENDER

Do que dissemos no parágrafo anterior tira-se uma conclusão importantíssima, que fundamenta toda Pedagogia Renovada: *não há ensino quando não há aprendizagem*. Se a escola existe para a criança, se a criança é o centro do sistema planetário educacional, então, se a criança não aprendeu, a escola não fez nada, foi inútil. De nada adiantou o professor *ensinar* se os alunos não *aprenderam*. Mais ainda: se os alunos não *aprenderam*, não houve *ensino*, houve apenas a palavra, o discurso, a conversa de um senhor ou de uma senhora, dentro de uma sala, com muitas crianças. As palavras podem até ter sido muito bonitas, muito adequadas, mas se as cri-

anças *não aprenderam*, não se pode dizer que houve *ensino*.

Ensinar e aprender são uma só coisa: o mesmo fenômeno, olhado do lado do professor se chama “ensinar”, e, encarado do lado do aluno se chama “aprender”. Da mesma forma são a circunferência e o círculo: se olharmos para a “linha” que limita o círculo, dizemos: é uma circunferência; mas se olharmos para a “área” delimitada pela linha fechada, dizemos: é um círculo; na realidade, não pode haver circunferência sem círculo e vice-versa (vide NÓTULA n.º 4 abaixo).

§ 5.º) DIVISÃO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Podemos distinguir na Psicologia Educacional dois fenômenos fundamentais: a pessoa que se educa e a forma de educar-se, ou seja, o *educando* e a *aprendizagem*. Daí as duas divisões básicas da nossa matéria: Psicologia da Criança e Psicologia da Aprendizagem.

5.1) *Psicologia da Criança*. — É o estudo do educando, da sua formação, do seu desenvolvimento físico e mental, das suas funções psíquicas. Também recebe os nomes de Psicologia da Infância (como a chama o livro de SILVIO RABELO), Psicologia Infantil, Paidopsico-

NÓTULAS — N.º 4

“Ele não aprendeu porque não quis...”

Estavam enganados, pois, certos professores que diziam assim: “bem, eu ensinei a matéria, os alunos não aprenderam porque não quiseram”. É como se o médico dissesse: “bem, eu receitei o remédio, se o doente não se curou foi porque não quis...”

Se não houve aprendizagem, também não houve ensino. O professor “falou”. “dissertou”, talvez até tenha feito uma bela “palestra” ou “conferência”, sobre o assunto. Mas não ensinou, visto que não houve aprendizagem. O que mede o ensino do professor é a *aprendizagem* do aluno.

logia, Psicologia Evolutiva (segundo a preferência do mestre MIRA Y LOPEZ) ou ainda Psicologia Genética, segundo outros autores.

Há quem considere como "Psicologia Genética" somente o estudo do *pré-nato* (isto é, da criança antes de nascer) e do recém-nascido, reservando o nome de Psicologia Evolutiva para o estudo da criança e do adolescente.

Essa fastidiosa explicação é necessária para que o estudante desavisado, ao encontrar com qualquer um desses nomes não pense estar diante de uma disciplina diferente...

5.2) *Psicologia da Aprendizagem*. — É o estudo do ato de aprender, seus princípios, leis, formas, etc., bem como dos processos de aferição da aprendizagem (provas e testes).

5.3) *Psicologia Diferencial*. — É possível ainda considerar-se uma terceira divisão da Psicologia Educacional: a Psicologia Diferencial, que estuda as *diferenças individuais*, isto é, aqueles traços que diferenciam os indivíduos uns dos outros, a saber: a inteligência, o temperamento, o caráter, a personalidade.

§ 6.º ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devo agir na minha escola)

Como dissemos anteriormente, não é difícil aprender Psicologia: o difícil é saber aplicá-la no momento necessário. Todas as alunas das Escolas Normais, estudiosas como são, sabem uma infinidade de coisas sobre Psicologia: sensações, hábitos, sentimentos, atenção, memória. O difícil é aplicar tudo isso na escola primária onde se vai lecionar, aplicar esses conhecimentos para resolver o problema daqueles meninos traquinas que estão à nossa frente na sala de aula.

Então, realmente, verificamos, às vezes, que não aprendemos Psicologia, porque *aprender é saber aplicar*, aprender não é apenas adquirir novos conhecimentos, mas sobretudo *adquirir novas atitudes*.

Por isso, no final de cada capítulo, inserimos um parágrafo sobre "Orientação pedagógica", isto é, sobre as atitudes que a professora deve ter, *na sua classe*, de acordo com os conhecimentos que acabam de ser explicados naquele capítulo. Os parágrafos anteriores mostram o que a professora deve *saber*: aqui mostramos como *deve agir*.

6.1) A CRIANÇA COMO MEDIDA. — Conforme vimos no § 3.º, a Psicologia nos veio mostrar que o ensino não pode ser ministrado segundo "a vontade do professor" nem segundo "as determinações do programa", mas sim e apenas segundo "as capacidades do aluno". É a criança que mostra o que o mestre *pode ensinar*.

6.2) CONHECIMENTO DO ALUNO. — A primeira condição, pois, para o professor poder ser bom professor é *conhecer* bem os seus alunos.

6.3) ENSINO E APRENDIZAGEM — Se a escola existe para a criança, isto é, se a criança é a finalidade máxima da escola, então, não se pode dizer que houve *ensino* quando não houve *aprendizagem*. Se os alunos não *aprenderam*, o professor falou, conversou, fez conferência, tudo que se quiser, mas não *ensinou*. O que mede o *ensino* do professor é a *aprendizagem* do aluno.

§ 7.º TÓPICOS PARA DEBATES

1. Dar um conceito de Psicologia Educacional e explicá-lo devidamente.
2. A Psicologia Educacional é metade Psicologia e metade Pedagogia: explicar isso.

3. Traçar o quadro das Ciências Pedagógicas.
4. O primeiro dever do mestre é conhecer seus alunos. — Explique por quê.
5. Pode o mestre ensinar o que quiser, na sua classe, desde que esteja “dentro do programa”?
6. Acha você que os castigos ajudam a aprendizagem da criança? Sim ou não? Por quê?
7. Explicar o sentido da expressão “revolução copernicana da educação.”

§ 8.º) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Psicologia Geral”; vol. 4.º da Biblioteca Didática Brasileira; Editora Aurora; 3.ª edição, Rio, 1958.
2. CLAPARÈDE, Ed. — “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”; tradução brasileira; Editora Francisco Alves; Rio, 1940.
3. DE LA VAISSIÈRE, S. J. — “Psicologia Pedagógica”; Editora Globo; Porto Alegre, 1937.
4. GAUPP, Robert — “Psicologia da Criança”; Atlântida Editora; Rio, 1934.
5. RABELO, Silvio — “Psicologia da Infância”; Editora Nacional; São Paulo, 1943.
6. WERNER, Heinz — “Psicologia Evolutiva”; Salvat Editores; Barcelona, 1936.

CAPÍTULO II

Psicologia da Criança — Teorias Sobre a Infância — Métodos

Ficha-resumo:

§ §

9.º) CONCEITO DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA:

É a parte da Psicologia que se ocupa com o estudo do comportamento infantil.

10) HISTÓRICO DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA:

Os precursores: VIVES — ROUSSEAU — PESTALOZZI — PREYER. Os realizadores: STANLEY HALL — DEWEY — THORNDIKE — DECROLY — CLAPARÈDE — MONTESSORI — BINET — SIMON.

11) FIM DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA:

Conhecimento da alma da criança, ou do psiquismo infantil.

12) CONCEITOS DE INFANCIA:

- 1) A criança como “homem pequeno”.
- 2) Mas a criança é diferente do homem.

13) CARACTERES DA INFANCIA:

- 1) A flor e o fruto.
- 2) Oposição entre adulto e criança.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

- 3) Comportamento adaptativo.
- 4) A educação não pode tudo.

14) TEORIAS SOBRE A INFANCIA:

- 1) A criança boa.
- 2) A criança má.
- 3) A criança fôlha-em-branco.
- 4) Tendências boas e más.

15) EVOLUÇÃO DOS INTERESSES INFANTIS:

- 1) Teoria da recapitulação
- 2) A lei biogenética e os interesses infantis.
- 3) Escala de evolução dos interesses.

16) MÉTODOS DE ESTUDOS DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA:

A observação direta e o estudo das reações.

17) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

(Como devo agir na minha escola).

18) TÓPICOS PARA DEBATE.

19) LEITURAS COMPLEMENTARES.

§ 9.º) CONCEITO DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Já dissemos no capítulo anterior o que é Psicologia da Criança (ou da Infância, ou Infantil, ou Evolutiva, ou Genética): é o estudo do educando, da sua formação, do seu desenvolvimento físico e mental, das suas funções psíquicas. Podemos defini-la também como sendo a parte da Psicologia que se ocupa com o estudo do comportamento infantil. Ou: é o estudo científico do psiquismo infantil.

Dissemos, outrossim, que a Psicologia da Criança é uma parte da Psicologia Educacional. No entanto, é interessante notar que essa parte precedeu o todo: a Psicologia Infantil surgiu muitos anos antes da Psicologia Educacional, como mostraremos a seguir.

§ 10) HISTÓRICO DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Os precursores da Psicologia da Infância podem ser encontrados desde 500 anos atrás. Deve-se colocar, talvez, como o mais recuado deles, JUAN LUDOVICO VIVES (Espanha, século XV). Em seguida, vêm ROUSSEAU e PESTALOZZI (Suíça, século XVIII).

10.1) ROUSSEAU. — O grande pensador suíço é mais filósofo do que educador, mais idealista do que realista. Mas sua célebre obra "*Emile*" já antevê vários dos princípios hoje defendidos pela Escola Nova, entre os quais a necessidade de deixar agir na criança a *natureza*.

É preciso que a criança seja mais *natural* e menos *artificial*, como a tornam a civilização e a educação.

Não podemos, no entanto, deixar, como queria ROUSSEAU, a criança entregue inteiramente às forças da natureza. Do contrário, não seria necessária a educação...

10.2) PESTALOZZI. — A figura amiga e simpática de PESTALOZZI é, sem dúvida alguma, das maiores da Educação em todos os tempos. Foi, a um tempo, pedagogo e educador, isto é, o doutrinador e o prático da educação. Pregava e realizava. PESTALOZZI é o mais legítimo precursor da Escola Nova, escrevendo, ainda em 1787, que “a educação do espírito e do coração vale mais do que os conhecimentos”, e que o ensino deve ser sobretudo baseado no concreto e no intuitivo. PAUL MONROE, tratadista americano diz: “foi PESTALOZZI o homem que conseguiu tornar Psicologia a Educação”.

Eis alguns dos luminosos princípios pestalozzianos, enunciados há mais de 150 anos atrás, e, até hoje, infelizmente, ainda não compreendidos por tantos professores;

- I) A observação ou percepção (intuição) deve ser a base do ensino;
- II) A linguagem deve estar sempre ligada ao objeto (condenação do ensino verbalístico);
- III) O mestre deve respeitar a individualidade do aluno;
- IV) As relações entre o professor e o aluno devem ser baseadas e reguladas pelo amor;
- V) A instrução deve estar subordinada ao alvo mais elevado da educação.

10.3) FROEBEL. — No século XIX surge na Alemanha outro educador de grande porte — FROEBEL — o criador dos “Jardins da Infância”, da maior importância para a *socialização* da criança.

10.4) PREYER. — Mas considera-se que a Psicologia da Criança tenha realmente nascido como ciência a partir dos livros do pedagogo alemão PREYER, o primeiro dos quais foi publicado em 1882 e se chama “A alma da criança” (“De Seele des Kindes”).

10.5) A PSICOLOGIA DA CRIANÇA NO MUNDO MODERNO. — Mais ou menos na mesma época, ou pouco depois, foram surgindo numerosos psicólogos dedicados ao estudo da criança, a saber:

Nos Estados Unidos — STANLEY HALL, WATSON, WILLIAM JAMES, JOHN DEWEY, THORNDIKE, TERMAN, GESELL, JORDAN, GATES, CARMICHAEL.

Na Alemanha — STERN, MEUMANN, BÜHLER. Na Bélgica surge o admirável DECROLY, um dos maiores realizadores da Escola Nova, conhecido e seguido no mundo inteiro.

Na Suíça — terra da Pedagogia por excelência! — avultam CLAPARÈDE, FERRIERE, PIAGET, PIERRE BOVET.

Na Itália merece especial destaque o nome da doutora MARIA MONTESSORI — a primeira mulher a se formar em Medicina — criadora do conhecido material para o ensino de 1.^a série e de Jardins da Infância.

Na França salientam-se ALFRED BINET e THÉODORE SIMON, universalmente célebres pelos seus “testes de inteligência” (“testes BINET-SIMON para a medida da inteligência dos alunos”) e ainda WALLON, PIERRE MENDOUSSE, PIÉRON, GUILLAUME.

10.6) NO BRASIL. — Em nosso país são recentíssimos os estudos publicados sobre Psicologia da Criança. Entre eles merecem destaque os de SILVIO RABELO

("Psicologia da Infância"); ARTUR RAMOS ("A Criança problema"); LOURENÇO FILHO ("Introdução ao Estudo da Escola Nova"); NÓEMI DA SILVEIRA RUDOLFER ("Introdução à Psicologia Educacional") e OFÉLIA BOISSON CARDOSO ("Problemas da Infância").

Dois ilustres mestres estrangeiros vieram contribuir muito para o desenvolvimento desses estudos em nossa Pátria: MIRA Y LOPEZ ("Psicologia Evolutiva" e "El niño que no aprende") e HELENA ANTIPOFF, discípula e assistente de CLAPARÈDE, que criou no Brasil as "Sociedades Pestalozzi" para a educação das crianças excepcionais, criou a "Escola de Aperfeiçoamento" em Minas Gerais e ainda a magnífica obra de aperfeiçoamento do magistério que é a "Fazenda do Rosário", também em Minas Gerais.

Como se vê, a Psicologia da Criança antecedeu de muito a Psicologia Educacional, que somente surgiu em nossos dias, com a reunião dos dois ramos preexistentes: o estudo da *criança* e o estudo da *aprendizagem*. Somente em 1903, vinte anos depois, portanto, do livro de PREYER, é que apareceu a primeira obra intitulada "Psicologia Educacional", de autoria do mestre americano EDWARD LEE THORNDIKE. Dez anos mais tarde, em 1913, republicou-se a sua "Psicologia Educacional", já então em 3 alentados volumes.

THORNDIKE pode ser com justiça considerado o pai da Psicologia Educacional.

§ 11) FINS DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Dissemos já que a Psicologia da Criança é o estudo científico da formação e desenvolvimento do educando. Seus fins ou objetivos são evidentemente, pois, o conhecimento da alma da criança, ou, se preferirmos a expressão da moda, do *psiquismo infantil*. Isso significa que nossa

ciência estuda a criança em seu desenvolvimento mental, comportamentos, atitudes, tendências, capacidades e interesses, bem como se ocupa com as relações entre o desenvolvimento mental através das várias idades e o crescimento físico.

Note-se finalmente que a Psicologia Infantil começa a estudar a criança antes dela nascer, isto é, quando ainda se encontra no ventre materno (vide, a respeito, capítulo III).

§ 12) CONCEITOS DA INFANCIA

12.1) TEORIA DO "HOMÚNCULO". — Antigamente se acreditava que a criança era um "adulto em miniatura": assim como havia uma casa grande e uma casa pequena igual em tudo à grande, menos no tamanho, assim também acreditavam que a criança era em tudo igual ao adulto, menos no tamanho. Tal é a teoria do "homúnculo": a criança é um homem pequeno, é um "homúnculo".

Por essa razão, quanto mais depressa o homúnculo passasse a homem, melhor seria. Então, os adultos tratavam de vestir a criança como homem, com pesadas roupas de veludo, chapéus de alta copa, punhos de renda, etc. Considerando a criança como um pequeno homem, julgavam-na também como se julgam os adultos. Assim, houve numerosos casos na história, de crianças condenadas como *criminosas*, aos 8 e 10 anos de idade e jogadas nas masmorras, junto com assassinos da pior espécie. Crianças acusadas de "serem feiticeiras" e de fazerem "bruxarias" foram queimadas vivas, em fogueiras, na praça pública!...

12.2) A CRIANÇA É DIFERENTE DO HOMEM. — Modernamente, a partir de JUAN VIVES, ROUSSEAU e PESTALOZZI, verificou-se exatamente o contrário: a criança é diferente do adulto. Diferente não apenas em tamanho e constituição física, mas sobretudo diferente

do ponto de vista *psicológico*. O “mecanismo mental” da criança diverge profundamente do adulto nas formas de pensar, sentir e agir; a criança é diferente do adulto nas atitudes, nos comportamentos, nas reações, nos interesses.

§ 13) CARACTERES DA INFANCIA

13.1) A FLOR E O FRUTO. — Tôdas as diferenças acima apontadas podem ser resumidas na frase: *o adulto surge da criança como o fruto surge da flor*. Isso significa que a criança não é “uma fração” do adulto; não se pode dizer que a flor é uma fração do fruto... Também não podemos afirmar que a flor seja “um pequeno fruto”... A flor se transforma no fruto, mas enquanto flor apresenta características muito diversas das do fruto. Assim acontece com a criança que, enquanto não se transforma em adulto, possui características muito diversas das do adulto.

13.2) OPOSIÇÃO ENTRE ADULTO E CRIANÇA — Muitas vêzes mesmo o comportamento da criança é o oposto do do adulto: a infância é mais espontânea, o adulto mais controlado. Ela age mais guiada pelos instintos, êle pelo raciocínio. Ela tem mais atos reflexos, êle mais atos reflexivos. O infante é mais impulsivo, o adulto mais ponderado. Êste pensa para agir, aquêle age sem pensar. A conduta do adulto é mais lógica, a da criança mais psicológica, isto é, o adulto é mais guiado pelo raciocínio e a criança mais dominada pelos instintos e pelos sentimentos.

A criança sente necessidade absoluta de movimentar-se, de estar em atividade, correr, gritar. É um suplicio para a criança ter de ficar imóvel numa cadeira. Um garôto muito quieto é mau sinal: ou deve estar doente ou é um retardado mental; na melhor hipótese possui um temperamento delicado, difícil, merecedor de muitos cuidados por parte dos pais e educadores. O corpo do

menor, tanto quanto seu espírito, estão em desenvolvimento e êsse desenvolvimento exige *atividade* (vide NÓTULA n.º 5, abaixo).

13.3) COMPORTAMENTO ADAPTATIVO. — Desconhecendo o mundo, que vai aos poucos descobrindo, dia a dia, a criança apresenta um comportamento de caráter *adaptativo*: sua vida é um ajustamento sempre recomeçado, mesmo porque seu ser está em crescimento, isto é, em modificação constante. Daí êsse aspecto de versatilidade da conduta infantil, que tanto desconserta os adultos: o menino gosta de uma cousa hoje e amanhã já não gosta mais, troca de afetos, é emocionalmente um “bandoleiro”.

A vida psíquica infantil é, assim, um *devenir* (vir-a-ser) contínuo: apresenta-se não estabilizada mas sim em constantes mudanças. A criança é o que se chama um *imatur*, um ser ainda em formação. Por isso é bastante moldável como a cêra antes do resfriamento. Ela é a matéria plástica com que o educador muito pode fazer.

NÓTULAS — N.º 5

A Atividade da Criança e a “Escola Ativa”

A escola ativa é necessária e imprescindível por uma porção de razões, que veremos no decorrer dêste livro. Mas a primeira razão e uma das mais fortes é esta: a criança é *ativa*, é essencialmente *ativa*. “Desenvolvimento” significa “atividade”. Nenhum ser vivo pode “desenvolver-se” e, ao mesmo tempo, estar “imóvel”, estar sem “atividade”. Desenvolvimento é atividade. O corpo da criança, tanto quanto seu espírito, estando em desenvolvimento, exigem *atividade*. A escola antiga, em que o aluno estava condenado a permanecer durante 4 horas por dia imóvel, na sua carteira, paralisado, mudo, apenas escutando o que o mestre falava, e só falando quando êste ordenava é, acima de tudo, uma heresia psicológica, um crime contra a Psicologia! A escola ativa corresponde a um imperativo orgânico e psicológico da criança!

**OPOSIÇÃO PSICOLÓGICA ENTRE A
CRIANÇA E O ADULTO**

A Criança	O Adulto
1. É a flor	1. É o fruto
2. Mais espontânea	2. Mais controlado
3. Mais natural	3. Mais artificial
4. Mais guiada pelos instintos	4. Mais guiado pelo raciocínio
5. Mais atos reflexos	5. Mais atos reflexivos
6. Mais impulsiva	6. Mais ponderado
7. Age sem pensar	7. Pensa para agir
8. Mais afetiva	8. Mais "frio"
9. Necessidade de correr, gritar	9. Menos necessidade de movimento
10. Comportamento adaptativo.	10. Comportamento cristalizado.

13.) A EDUCAÇÃO NÃO PODE TUDO. — Dissemos que a criança é a matéria plástica nas mãos do educador. No entanto, apressemo-nos em esclarecer logo que se a educação muito pode sobre o ser infantil, não pode tudo. Não consegue, por exemplo, transformar um débil mental numa criatura inteligente.

Cada indivíduo é o resultado de duas ordens de fatores: em primeiro lugar os fatores *inato* (hereditariedade, constituição, temperamento, tendências, inclinações) e, em segundo lugar os fatores *ambientais* (vida de família, meio em que vive, situação social e econômica, alimentação, etc.). Do equilíbrio entre ambos é que surge a maior ou menor normalidade de cada pessoa. Mas se a educação tem papel decisivo na modificação e correção dos fatores *ambientais*, muito pouco consegue realizar em relação aos fatores *hereditários*. É o que veremos no capítulo seguinte.

§ 14) TEORIAS SOBRE A INFÂNCIA

Este estudo sobre os caracteres da infância nos leva imediatamente à discussão do problema da *natureza da infância*. Há nada menos de 4 teorias sobre essa natureza, que passaremos em revista rapidamente.

14.1) A CRIANÇA É BOA. — Segundo ROUSSEAU (século XVIII) e todos os filósofos da sua escola, a criança nasce boa — a humanidade é que a perverte. Saída das mãos do Criador Onipotente, a criança só poderia ser boa. — Como se explica que Deus fizesse criancinhas más, perversas, taradas? Tudo que sai do Criador é bom e puro, diz ROUSSEAU; os homens é que estragam e pervertem as coisas.

Por essa razão é que ROUSSEAU aconselhava que a criança fôsse educada em pleno campo, em permanente contato com a natureza-mãe, e livre durante o maior período possível, dos contatos com a sociedade corrupta e corruptora. (Vide NÓTULA n.º 6, adiante.)

14.2) A CRIANÇA É MÁ. — Exatamente oposto é o pensamento de HOBBS (século XVII). Segundo este filósofo inglês, o homem é mau, intrinsecamente mau, e só a sociedade é que o pode corrigir. Entregue a si mesmo, *o homem é o lobo do homem* ("homo hominis lupus"), tende sempre a devorar seus semelhantes, seja devorar fisicamente, como fazem os selvagens, seja devorar moralmente, isto é, pisar, humilhar, destruir, derrotar, oprimir os outros, como fazem os homens de nossos dias. A educação é, portanto, a única esperança não de acabar com o lobo, mas de pelo menos contê-lo dentro de certos limites. (Vide NÓTULA n.º 6, adiante.)

14.3) A CRIANÇA FOLHA-EM-BRANCO. — Outro filósofo inglês, também do século XVII, apresenta uma terceira teoria: a criança não é nem boa, nem má: é um ser moldável, sem caracteres próprios, e dela faremos

tudo que desejarmos: um sábio ou um bandido. Diz LOCKE: a criança, ao nascer, é *uma folha em branco*, nela escreveremos tudo que quisermos. A educação, boa ou má, é que dá direção e forma definitiva a êsse ser informe. (Vide NÓTULA n.º 6, abaixo.)

14.4) TENDÊNCIAS BOAS E MÁS. — A moderna doutrina educacional vem jogar por terra as três teorias anteriores: a criança, ao nascer, nem é má e destruidora, como queria HOBBS, nem é boa e pura, como pregava ROUSSEAU, nem é folha em branco, como afirmava LOCKE. Não. A criança nasce com *tendências* boas e más. Tais tendências são susceptíveis de se afirmarem ou se atrofiarem, segundo a educação (damos à palavra "educação" aqui o sentido de *tudo que a criança aprende*, na escola ou fora dela, em casa, na sociedade, na rua, por tôda parte, em todos os momentos). A educação pode ser, pois, boa ou má, construtiva ou prejudicial, para a virtude ou para o crime.

NÓTULAS — N.º 6

As teorias sôbre a infância e seus autores

1) ROUSSEAU, Jean Jacques — Nasceu em Genebra, na Suíça, em 1712 e morreu em 1778. Obra: "Emile" (1762), em que propõe o seu sistema de educação a ser aplicado ao Emílio, uma criança ideal.

2) HOBBS, Thomas — Inglaterra, 1588/1678. Obra: "Leviathan", em que mostra que o homem, entregue a si mesmo, sem os freios da educação e da sociedade, é um lobo selvagem.

3) LOCKE, John — Nasceu na Inglaterra (1632/1704). Obra: "Pensamentos sôbre a Educação" (1693). Salvo o erro de considerar a criança como "folha em branco", afirma cousas admiráveis, como esta: "a instrução é parte mínima da educação; esta consiste em adquirir hábitos físicos, depois hábitos morais e conhecimentos intelectuais" (tal como o autor dêste livro vem pregando sempre, em todos os momentos: — a finalidade da escola não é *instruir* mas *sim educar*; não é transmitir um programa de matérias, mas *sim formar* a personalidade da criança).

Assim, se a criança fôr bem *educada* poderá ter suas boas tendências desenvolvidas e as más tendências canalizadas para um melhor objeto. A educação não tem forças para *destruir* as más tendências do indivíduo, mas consegue canalizá-las, orientá-las em sentido útil (vide NÓTULA n.º 7, abaixo).

15.1) TEORIA DA RECAPITULAÇÃO. — Uma das primeiras grandes conquistas da Psicologia da Criança, logo no seu nascedouro, foi a "teoria da recapitulação", formulada por STANLEY HALL: "*a ontogênese repete a filogênese*". Aliás essa teoria já fôra anteriormente formulada no campo da Biologia. O mérito de HALL foi trazê-la também para a Psicologia. De acôrdo com a mesma, a criança atravessa, em seu desenvolvimento mental, os mesmos estágios que a humanidade percorreu. Em outras palavras: cada criança repete a história da humanidade. A vida do indivíduo repete, abreviadamente, a vida da espécie humana. Ora, a humanidade atravessou, em milhares de anos de evolução as seguintes etapas:

- I — Fase da caça
- II — Fase do pastoreio

NÓTULAS N.º 7

Canalizando as tendências

Uma tendência má pode ser sempre canalizada para um objeto bom. Exemplo: a tendência da criança para estar sempre mexendo nas cousas pode ser canalizada no sentido de realizar sempre atividades dentro da escola. A criança que adora estar com um martelo a bater em tudo e destruir tudo, orienta-se no sentido de dedicar-se a trabalhos manuais de marcenaria. Ao aluno que tem necessidade de estar sempre falando, e perturbando a aula, oferece-se oportunidade para dar vazão a essa tendência, fazendo-o recitar poesias, ler em voz alta trechos de livros, fazer discursos, etc. Daí a grande importância da ESCOLA ATIVA: ela é a melhor forma de dar vazão, de maneira prática e útil, a numerosas tendências perturbadoras da criança.

- III — Fase da coleta
IV — Fase da construção

e assim acontece igualmente com cada indivíduo, como passamos a ver:

A criança é primeiramente *caçadora*, quer apanhar tudo que vê; a partir de um ano, ela quer pegar em tudo, quer segurar em quantos objetos estejam ao seu alcance.

Depois, a partir de três anos, ela se torna *pastora*: gosta de criar. Essa criação pode ser de animais, ou de plantas ou simplesmente de bonecos.

Aos cinco anos (e tôdas essas idades são muito variáveis, de indivíduo para indivíduo) a criança se torna *coleccionadora*: adora juntar retalhos de pano, pauzinhos, figuras de papel e de revista. Esta tendência coleccionadora também vai evoluindo, com o decorrer da idade: um pouco mais tarde, já ela quer coleccionar figurinhas de balas; depois, retratos de jogadores de futebol e finalmente retratos de artista de cinema...

Enfim, a partir dos sete anos, vem a fase *construtora*, em que a criança sente absoluta necessidade de *fazer cousas*, sobretudo imitando o que ela vê os grandes fazerem (vide NÓTULA n.º 8 abaixo).

No início da fase construtora a criança se satisfará, talvez, em arrumar cousas da casa e ajudar na cozinha

NÓTULAS — N.º 8

Importância da Escola Ativa.

Aqui surge novamente (já surgira nas Nótulas 5 e 7) a importância da ESCOLA ATIVA: ela oferece oportunidade para as crianças fazerem cousas, tal como lhes é do seu agrado, em vez de ficarem apenas *escutando* as palavras do mestre. As atividades de jardinagem, de excursão, de trabalhos manuais, de biblioteca, de ornamentação das salas, ou simplesmente de cuidar da arrumação da escola e da classe correspondem maravilhosamente à fase *construtora* da vida da criança.

ou na costura (sobretudo se fôr menina); depois, desejará construir cousas maiores: jogos, clubes, grupos com outras crianças; o adolescente já quererá iniciar cousas novas, inventar mecanismos, formar instituições diferentes, consertar objetos e máquinas; mais tarde desejará consertar a sociedade, reformar o mundo...

15.2) A LEI BIOGENÉTICA E OS INTERESSES DA CRIANÇA — Tôda a educação renovada se baseia fundamentalmente na necessidade de conhecer bem a criança para poder melhor agir sobre ela. A educação será tão mais eficiente quanto mais acompanhar a própria evolução da criança. A êsse princípio é que o psicólogo e pedagogo FERRIÈRE denominou de *Lei biogenética*: a educação deve acompanhar o desenvolvimento psicológico da criança.

FERRIÈRE formulou, na sua *lei biogenética*, a seguinte escala de evolução dos interesses infantis:

- 1.º Despertar das sensações da criança (gosto pelos sons, tentativas da criancinha de brincar com os raios luminosos);
- 2.º Desejo de repetir e inventar sons articulados;
- 3.º Tendência a *trepar* (nos móveis, nas árvores, etc.);
- 4.º Interesse pela caça, pela pesca e pela guerra;
- 5.º Interesses pastoris, que levam a criança a desejar possuir animais e domesticá-los, bem como abrir fossos na terra, construir pequenos campos, etc. (Daí surge o grande amor que a criança tem pelos animais, sobretudo pelo cachorro);
- 6.º Interesses agrícolas que se manifestam pelo prazer de trabalhar na terra;

7.º) Interêsse pelas viagens, desejo de conhecer outras terras; busca de aventuras. Daí o gôsto que as crianças têm pelos livros de viagens, inclusive os de JULIO VERNE, bem como pelas revistas de aventuras.

8.º) Instinto de colecionar, que se manifesta pela tendência de colhêr e acumular objetos;

9.º) Instinto comercial, que conduz o adolescente à troca e venda de objetos, selos, por exemplo, com um fim de lucro.

15.3) OBEDECER A NATUREZA — A importante conclusão que se tira da lei biogenética é a seguinte: — não se pode ensinar a qualquer criança qualquer coisa em qualquer idade. Pelo contrário: o educador da infância tem que obedecer às leis do desenvolvimento natural e biológico da criança. É a formulação com palavras novas daquele velho pensamento do filósofo BACON:

“Só se domina a natureza obedecendo a suas leis.”

15.4) ESCALA DE EVOLUÇÃO DOS INTERÊSSES — O eminente mestre CLAPARÈDE assim estabelece as fases do desenvolvimento mental infantil, ou seja, a escala da evolução dos interêsses infantis:

1.ª fase — *Estádio de aquisição de conhecimentos e experimentação:*

1. Períodos dos interêsses perceptivos (1.º ano de vida);
2. Período dos interêsses glóssicos ou da linguagem (2 a 3 anos);
3. Período dos interêsses gerais: despertar do pensamento; idade perguntadora (de 3 a 7 anos);
4. Período dos interêsses especiais e objetivos (7 a 12 anos).

2.ª fase — *Estádio de organização, de elaboração de valores:*

5. Período sentimental; interêsses éticos e sociais; interêsses especializados; interêsses relativos ao sexo (de 12 a 18 anos).

3.ª fase — *Estádio de produção: atividade profissional; fixação de diretrizes.*

6. Período de trabalho. Os diversos interêsses se subordinam, por si mesmos, a um interêsse, seja um ideal superior, seja simplesmente o da conservação do indivíduo. Aquêles representam apenas meios para a consecução de um fim.

Podemos também estabelecer as fases da evolução do desenvolvimento mental infantil do seguinte modo, mais abreviado:

- | | | | | | |
|-----------------------------|-------|----|-----|----|-------|
| 1.º) Fase sensorial | — dos | 0 | aos | 6 | meses |
| 2.º) Fase motora | — dos | 7 | aos | 12 | meses |
| 3.º) Fase glóssica | — de | 1 | a | 3 | anos |
| 4.º) Fase lúdica | — de | 3 | a | 7 | anos |
| 5.º) Fase de especialização | — de | 7 | a | 12 | anos |
| 6.º) Fase ética e social | — de | 12 | a | 18 | anos |

Enfim, simplificando essa divisão em 6 fases, podemos adotar a abaixo, em 4 fases ou períodos:

- | | | | | | |
|-----------------|------|----|---|----|------|
| 1) 1.ª infância | — de | 0 | a | 3 | anos |
| 2) 2.ª infância | — de | 3 | a | 7 | anos |
| 3) 3.ª infância | — de | 7 | a | 12 | anos |
| 4) Adolescência | — de | 12 | a | 18 | anos |

Nos capítulos seguintes abordaremos detalhadamente cada uma dessas fases ou períodos.

§ 16) MÉTODOS DE ESTUDO DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA

Conforme dissemos durante todo êste capítulo, a criança é um ser *diferente* do adulto. Os métodos de estudo da criança não podem, portanto, ser iguais aos empregados no estudo do adulto.

A Psicologia da Criança se baseia, por isso, sobretudo em dois métodos:

- a) Observação direta;
- b) Estudo das reações.

A *observação direta*, conforme o nome indica, consiste em analisar as atitudes da criança, normalmente, enquanto esta brinca, come, dorme ou chora, procurando o observador formular as relações de causa-efeito; em tal situação apresenta tal atitude.

O *estudo das reações* se faz através da aplicação de provas ou *testes*. Apresentam-se estímulos à criança, para verificar quais são as suas reações.

Não exageramos se dissermos que já existem *milhares* de testes diferentes, para o estudo da criança em todos os seus aspectos (vide capítulos XXI a XXIV).

O registro sistemático dos resultados dos testes vem a constituir o que se chama um *psicograma*. E quando através da análise dos testes, se chega à conclusão de que determinada criança é isto ou aquilo, tem tal ou qual inteligência, apresenta tais ou quais traços de temperamento, caráter, personalidade, etc., estamos fazendo o seu *psicodiagnóstico*.

§ 17) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devo agir na minha escola)

1. O ensino não pode ser feito à vontade do professor: não se pode ensinar a qualquer criança qualquer coisa em qualquer idade.

2. A *escola ativa* satisfaz às mais profundas necessidades da psicologia da criança: a necessidade de movimento, de atividade, e, de outro lado, a necessidade de canalizar adequadamente as tendências da criança, através da oportunidade de *fazer coisas*.

3. Temos que respeitar a escala de evolução dos interesses infantis: só podemos dominar a natureza obedecendo a suas leis.

4. Tenhamos sempre presentes os princípios enunciados pelo grande mestre PESTALOZZI: I) O ensino primário deve ter por base o método intuitivo. II) A linguagem deve estar sempre ligada ao objeto (condenação do ensino verbalístico). III) O mestre deve respeitar a individualidade do aluno. IV) As relações entre o professor e o aluno devem ser baseadas e reguladas pelo amor. V) A instrução deve estar subordinada ao alvo mais elevado da educação.

5. Todo educador deveria ter em sua mesa as sábias e formosas palavras de ROUSSEAU:

— Queres viver sábio e feliz? Que teu coração palpite unicamente pelas cousas belas e imperecíveis. Que tua condição limite teus desejos. Que teus deveres marchem à frente de tuas inclinações. Estende a lei da necessidade às cousas morais. Fica preparado para perder as cousas que te podem ser arrebatadas. Aprende a abandonar tudo quanto a virtude o ordene. Aprende a ser superior aos acontecimentos, não deixando que êstes te dominem. Aprende a ter ânimo forte na adversidade, a fim de que nunca sejas miserável. A sêres firme no cumprimento de teus deveres, a fim de que nunca sejas um criminoso. Se assim fizeres, serás feliz na adversidade, e conservarás teu raciocínio lúcido apesar de tuas paixões.

6. Ainda de ROUSSEAU: — “a escola não ensina a criança nada mais do que palavras, palavras, sempre palavras...”

7. Outra vez ROUSSEAU: — “A felicidade consiste em não desejar nada que esteja acima da própria capacidade do indivíduo”.

§ 18) TÓPICOS PARA DEBATES

1. Formule um conceito de “Psicologia da Criança” e explique-o devidamente.
2. Por que não se pode dizer que “a criança é um homem pequeno”?
3. Trace o quadro comparativo dos comportamentos da criança e do adulto.
4. “O adulto brota da criança assim como o fruto brota da flor.” — Explique o sentido dessa frase.
5. Examinar as 4 teorias sobre a natureza da criança: I) A criança é boa; II) A criança é má; III) A criança é uma fôlha em branco; IV) A criança nasce apenas com tendências boas e más — e explicar cada uma delas, dizendo qual é, na sua opinião, a mais acertada.
6. Explicar a importância da escola ativa em face das descobertas da Psicologia da Criança.

§ 19) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Fundamentos de Educação”; vol. 1.º da “Biblioteca Didática Brasileira”, série I — A Escola Viva; Editôra Aurora; 5.ª edição; Rio, 1959.

2. CLAPARÈDE — “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”; tradução brasileira; Editôra Francisco Alves; Rio, 1946.
3. DE LA VAISSIÈRE, S. J. — “Psicologia Pedagógica”; Livraria do Globo; Pôrto Alegre, 1937.
4. FERRIÈRE, Ad. — “A Lei Biogenética e a Escola Ativa”; Editôra Melhoramentos; São Paulo, 1929.
5. SANTOS, Teobaldo Miranda — “Psicologia da Criança”; Livraria Boffoni; Rio, 1948.

CAPÍTULO III

Psicologia Genética

Ficha-resumo:

§§

20) CONCEITO E HISTÓRICO:

Psicologia Genética é a parte da Psicologia Educacional que se ocupa com a origem e desenvolvimento do ser humano. Seu início com PREYER, em 1880. O pré-nato e sua vida.

21) A EDUCAÇÃO ANTES DO NASCIMENTO:

A educação de uma criança deve começar, no mínimo, trinta anos antes do seu nascimento.

22) A VIDA PRÉ-NATAL OU INTRA-UTERINA:

- a) Fase da vida germinal — De 0 a 14 dias.
 - b) Fase da vida embrionária — De 15 a 60 dias.
 - c) Fase da vida fetal — De 2 a 8 meses.
- A sensibilidade do feto a partir do 5.º mês.

23) IMPORTÂNCIA DA VIDA PRÉ-NATAL:

O excesso de trabalho ou os aborrecimentos da mãe produzem toxinas levadas ao organismo do feto.

24) "NATURE" x "NURTURE":

Importância do "inato" e do "adquirido". Hereditabilidade x meio. A criança não é uma fôlha em branco. Os irmãos já nascem diferentes.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

25) **IMPORTANCIA DA HEREDITARIEDADE:**

A criança herda, teóricamente, 50% dos traços maternos e 50% dos traços paternos. Mas herda também traços dos avós, bisavós, trisavós, tetravós... Os traços de família. O atavismo e os olhos da Cléozinha. Pais bons geram filhos bons, e vice-versa. O caso dos EDWARDS e dos KALLIKAK.

26) **A UNIÃO DOS CONSANGUÍNEOS:**

Quando se acasalam indivíduos consanguíneos, somam-se as taras e daí resultam anormais, débeis, defeituosos físicos e mentais.

27) **O TRAUMATISMO DO NASCIMENTO:**

O choque do primeiro ar nos pulmões. A importância do primeiro choro. Deformações do crânio, retardamento mental e neuroses como conseqüências do traumatismo do nascimento.

28) **INFLUÊNCIA DO MEIO:**

Importância das vivências. É enorme a influência do meio no desenvolvimento da criança. O retardamento mental dos asilados e dos filhos de famílias pobres ou de delinqüentes.

29) **CONCEITO DE MATURIDADE:**

É o momento em que a criança está "pronta" para determinada cousa. Influência do meio sobre a maturação.

30) **ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL:**

Aplicações pedagógicas do presente capítulo.

31) **TÓPICOS PARA DEBATE.**32) **LEITURAS COMPLEMENTARES.**§ 20) **CONCEITO E HISTÓRICO**

Escrevemos, no capítulo II, que a Psicologia da Criança também recebe os nomes de Psicologia da Infância, Psicologia Infantil, ou Evolutiva, ou Genética.

No entanto, muitos psicólogos reservam o nome de *Psicologia Genética* para uma parte apenas da Psicologia da Criança — aquela que trata das origens do ser humano (vide NÓTULA n.º 9 abaixo).

Vimos, no capítulo anterior, que a Psicologia da Criança teve seus *precursores* ainda no século XVIII, com ROUSSEAU e PESTALOZZI acompanhados mais tarde por FROEBEL, e seus *realizadores* em PREYER (1882) continuado por STANLEY HALL, etc. No entanto, todos êsses citados vultos começavam a estudar a criança a partir do seu nascimento.

Foi somente no século XIX e, principalmente, em nosso século que os psicólogos começaram a compreender a tremenda importância da vida do *pré-nato*, isto é, da criança antes de nascer, dos seres ainda no ventre

NÓTULAS — N.º 9**Que é Genética**

A palavra *genética* significa origem. Atualmente já existe em Biologia uma ciência especial — a Genética — que trata das origens dos seres vivos. (Do grego *genesis* = origem; por isso é que o 1.º livro da Bíblia Sagrada se chama **O Genesis** — o livro que trata da origem do mundo). Por isso também as funções sexuais são chamadas de "funções genésicas", isto é, que dão origem a novos seres.

materno, bem como a importância dos fatores hereditários na formação do novo indivíduo.

Em nossos dias o eminente psicólogo americano CARMICHAEL publicou, em 1946, monumental "Psicologia da Criança", em 3 volumes, com 1.600 páginas, das quais cerca de 500 são dedicadas à Psicologia Genética (assunto que procuraremos resumir na meia dúzia de páginas do presente capítulo).

§ 21) A EDUCAÇÃO ANTES DO NASCIMENTO

Antigamente acreditava-se que a educação da criança deveria começar aos 7 anos, na chamada "idade da razão". Achava-se que a criança antes dessa idade tinha "pouca consciência", não adiantando querer ensinar-lhe isto ou aquilo.

Depois verificou-se que ao atingir os 7 anos a criança já possuía um grande equipamento de *vivências*, isto é, de hábitos, atitudes e experiências difíceis de corrigir ou orientar. Foi-se, então, recuando a idade em que se deveria começar a educação da criança, surgindo, como conseqüência, o "jardim da infância", onde o garoto começa a educar-se aos 4 anos.

Mas constataram os psicólogos que o garoto, aos 4 anos já possuía hábitos, bons ou maus conforme o caso. Decidiu-se que a educação deveria começar quando a criança nasce, isto é, no "momento zero" de sua vida.

Os estudos de Biologia e de Genética vieram mostrar a importância enorme da *hereditariedade*, isto é, dos comportamentos que a criança herda dos pais e que, portanto, já existem na criança *antes* do seu nascimento. É preciso, pois, agir sobre os pais, para que os filhos recebam, a partir da *concepção*, boas influências físicas e morais.

Atualmente se afirma que a educação de uma criança deve começar, no mínimo, trinta anos antes de seu nascimento.

§ 22) A VIDA PRÉ-NATAL

A Psicologia Genética começa a estudar o indivíduo a partir do momento da *concepção*, isto é, da conexão das células germinativas masculina e feminina no útero da mulher, como conseqüência da conjugação sexual.

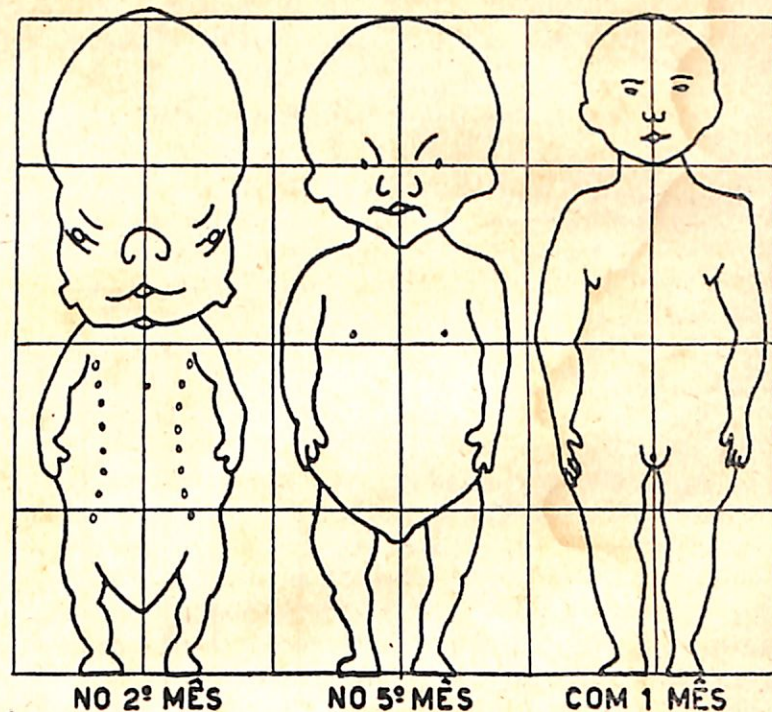


FIGURA 1

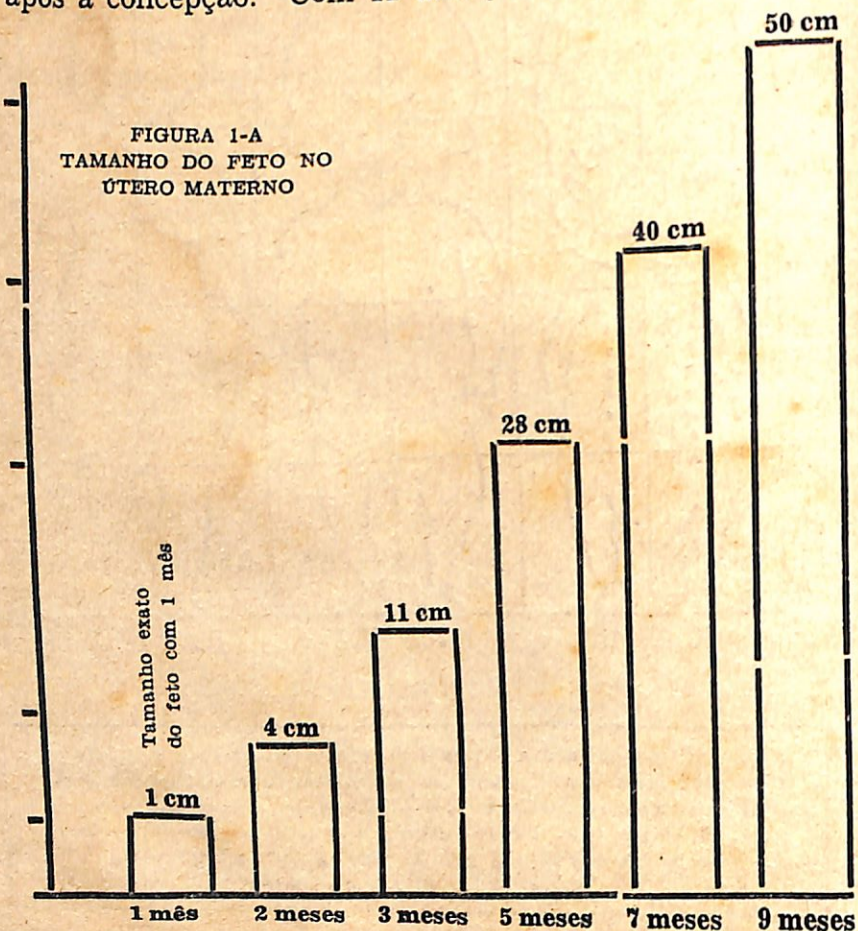
Forma do feto com 2 e 5 meses de vida intra-uterina e depois de 1 mês do nascimento. Como se vê, o feto a princípio tem uma cabeça enorme, quase a metade do corpo. Lembra um pouco o sapo. Depois a cabeça cresce menos e o corpo cresce muito mais, de forma que com 1 mês de vida, a cabeça representa pouco menos de 1/4 do corpo.

A vida intra-uterina dura, como todos sabem, 9 meses, que podem ser divididos em 3 fases:

- a) Fase da vida germinal
- b) Fase da vida embrionária
- c) Fase da vida fetal.

A fase germinal ocorre nos primeiros 7 ou 12 dias, após a concepção. Com 12 dias já se pode falar numa

FIGURA 1-A
TAMANHO DO FETO NO
ÚTERO MATERNO



vida *embrionária*. Entre 12 e 15 dias, o embrião mede 2 milímetros de tamanho. No fim do primeiro mês mede 1 centímetro. Com 2 meses mede 4 centímetros. Mais ou menos nessa época começa a *fase fetal*, isto é, o embrião passa a ser considerado *feto*. Aos 3 meses o feto mede 11 centímetros. Aos 5 meses, já mede 28 centímetros. Com 7 meses, 40 centímetros. Finalmente, com 9 meses, isto é, no momento em que nasce, a criança mede mais ou menos 50 centímetros e pesa aproximadamente entre 3 quilos e 3,5 quilos.

Os primeiros *reflexos* aparecem no embrião de 3 semanas. Nessa idade o coração já está funcionando, embora, como dissemos, tal embrião não meça mais de um centímetro. A partir do 3.^o mês os reflexos já se organizam em *deflexos*, apresentando o feto já o *deflexo respiratório* (vide NÓTULA n.^o 10 abaixo).

No quarto e no quinto mês, diz MIRA Y LOPEZ, podem observar-se "*reflexos posturais*": o feto muda de postura quando colocado em posição que dificulte o recebimento do oxigênio materno.

A partir dessa época a sensibilidade do feto é bastante grande, inclusive para a respiração: levado para um ambiente fechado, com muita gente e pouco ar (como o cinema, por exemplo), o feto apresenta *deflexos* que significam sua "reclamação" pela falta de ar, mesmo antes da mãe sentir essa falta. Todas as senhoras grávidas sabem o quanto o feto "se mexe", isto é, reage quando elas se movimentam demais, curvam-se muito

NÓTULAS — N.^o 10

Reflexo e Deflexo

Alguns psicológicos consideram reflexo a reação simples, de caráter local, e reservam o nome de deflexo para uma cadeia de reflexos organizada. Assim, a picada de alfinete produz um reflexo, e a respiração já será um deflexo.

ou tomam quaisquer atitudes que perturbem a tranqüilidade do mesmo.

§ 23) IMPORTANCIA DA VIDA PRÉ-NATAL

A Psicologia dá atualmente grande atenção à vida pré-natal, isto é, aos nove meses que o ser passa no *claustró materno*. Foi verificado que inúmeros casos de deformação física ou de anomalias nervosas e mentais da criança têm como causa os fenômenos ocorridos na vida da mãe durante o período da gravidez. Tal ocorre porque o indivíduo, na vida intra-uterina *faz parte integrante* do organismo materno e tem que sofrer, como consequência, os abalos físicos e psíquicos que ocorrem na mãe, tal como o coração e o fígado materno as sofrem.

Tal constatação assume enorme importância para a Educação: nós, os educadores, temos a obrigação de esclarecer sobre esse assunto as futuras mães, para evitar que seus filhos nasçam com anomalias. Por isso é que desenvolvemos tal assunto, neste livro que se destina a futuras mestras.

A mulher grávida que trabalha demais, ou despende muito esforço em determinada atividade, ou se movimenta muito, ou leva vida desregrada, ou se alimenta mal, ou tem muitos aborrecimentos e contrariedades forçosamente leva a criança em seu ventre a sofrer tôdas essas consequências. Tanto o excesso de trabalho como os aborrecimentos produzem *toxinas* em nosso organismo. No caso da mulher grávida, essas toxinas são levadas ao organismo do feto.

Da mesma forma, estados nervosos, sustos, temores, que a mãe tenha, se refletem (ou podem refletir-se) no sistema nervoso do nascituro. Crianças nervosas e sujeitas a convulsões são, muitas vezes, o resultado da vida agitada, nervosa e cheia de contrariedades da mãe durante a gravidez.

As bebidas alcoólicas ingeridas pela mãe podem até produzir oligofrenias e psicopatias nos filhos em gestação (vide NÓTULA n.º 11, abaixo).

Veremos mais adiante (§ 25) que o alcoolismo dos pais, mesmo ao tempo de solteiros, pode prejudicar a geração do filho, muitos anos depois.

A primeira condição, portanto, para que uma criança seja sadia, física e mentalmente, é que sua mãe tenha tido uma gravidez normal, tranqüila, com saúde, sem aborrecimentos, sem trabalho excessivo e também sem excesso de divertimentos. E... nada de bebidas alcoólicas!

§ 24) "NATURE" x "NURTURE"

Outro problema fundamental da Psicologia Genética é esse expresso pela fórmula americana "*nature*" x "*nurture*". Traduzindo-se, perde-se a rima: seria o problema da *natureza* x *alimento*. Em outras palavras: qual a parte do indivíduo que é *inata* (devida à sua própria *natureza*) e qual a parte que é *adquirida*, ou seja fornecida como *alimento* ao indivíduo?

Toma-se aqui "alimento" no seu sentido mais geral, isto é, tudo que a criatura *recebe* dos outros, dos seres que a rodeiam, do *meio* em que vive. Nesse alimento

NÓTULAS — N.º 11

Oligofrenias e psicopatias

Chamam-se *oligofrenias* os casos de debilidade mental profunda, isto é, de cretinos, imbecis e idiotas, indivíduos que, embora adultos, com 20 ou 30 anos, continuam a possuir uma idade mental de crianças de 3 ou 4 anos (vide, a respeito, o que dizemos detalhadamente no capítulo XXII).

Chamam-se *psicopatias* as doenças mentais que, vulgarmente conhecemos como estados de loucura.

se inclui, pois, a alimentação propriamente dita e o alimento moral, intelectual, social, religioso fornecido pelo meio, pela educação. "Alimento" é, também, tudo que depende da aprendizagem. Poderíamos trocar a palavra *alimento* por *educação*, considerando assim como *educação* tudo que o indivíduo recebe, tudo que é adquirido. Diremos que o problema é *natureza x educação*.

Podemos, igualmente, colocar o problema nesta expressão:

hereditariedade x meio

— Qual a parte do indivíduo que provém de seus progenitores, que nasce com ele, que já vem feita, pronta, no momento do nascimento? E, por outro lado, qual a parte do indivíduo que lhe é transmitida, imposta ou suscitada pelo meio, pela vida ambiente? Que é mais importante: aquilo que a pessoa herda ou aquilo que recebe através do meio? Em que percentagem entra cada um desses dois fatores na nossa vida?

Uma coisa é desde logo certa: a criança não é aquela *fôlha-em-branco* a que se referia LOCKE (vide o que dissemos no capítulo anterior, § 14). Positivamente não é assim. Se fôsse, a influência da educação se manifestaria de forma absoluta, total, em tôdas as criaturas humanas. Alunos da mesma idade, cursando a mesma série, na mesma escola, com o mesmo professor, aprenderiam as mesmas coisas... Melhor ainda: os filhos do mesmo casal, vivendo no mesmo lar, recebendo a mesma educação de seus progenitores, teriam mais ou menos as mesmas reações.

Mas o que a vida nos mostra é exatamente o contrário: irmãos, dentro do mesmo lar, recebendo as mesmas

influências paternas, manifestam-se diversamente, são diferentes nas formas de reagir, nos interesses, nos ideais... — Por quê? — Porque já *nascem diferentes!* (Vide NÓTULA n.º 11-A, abaixo.)

§ 25) IMPORTÂNCIA DA HEREDITARIEDADE

É muito grande, portanto, a influência da *hereditariedade* sobre cada indivíduo, embora não seja absoluta, mas expressa em forma de *tendências*. A criatura *tende* a reproduzir os traços físicos, intelectuais e morais de seus pais.

25.1) HERANÇA DO PAIS E AVÓS. — A primeira expressão dessa hereditariedade é a *semelhança* física do filho com seus progenitores. Cada qual tende a parecer-se fisicamente com seus pais. Mas essa semelhança não pode ser total, porque a criança não herda "os olhos da mãe, o nariz do pai, as orelhas da mãe, a bôca do pai" e sim a *mistura* dos traços de ambos. É possível, muitas vezes, que a criança tenha "os olhos do pai", mas isso não é obrigatório.

A criança herda, teòricamente, 50% dos traços maternos e 50% dos traços paternos. Mas os 50% maternos são metade maternos mesmo (25%) e a outra metade proveniente dos progenitores da mãe, ou seja, dos avós maternos da criança, que entram, assim, com os outros 25% (vide figura 2).

A mesma coisa sucede do lado paterno de forma que os avós paternos também entram com 25%.

NÓTULAS — N.º 11-A

Pau que nasce torto...

A sabedoria popular acredita mais na hereditariedade, como se vê pelos aforismas "pau que nasce torto nunca endireita" e "quem nasceu para 10 réis não chega a vintém". Em todo caso, o povo reconhece também a influência do meio: "chega-te aos bons, serás um deles, chega-te aos maus, ficarás com eles".

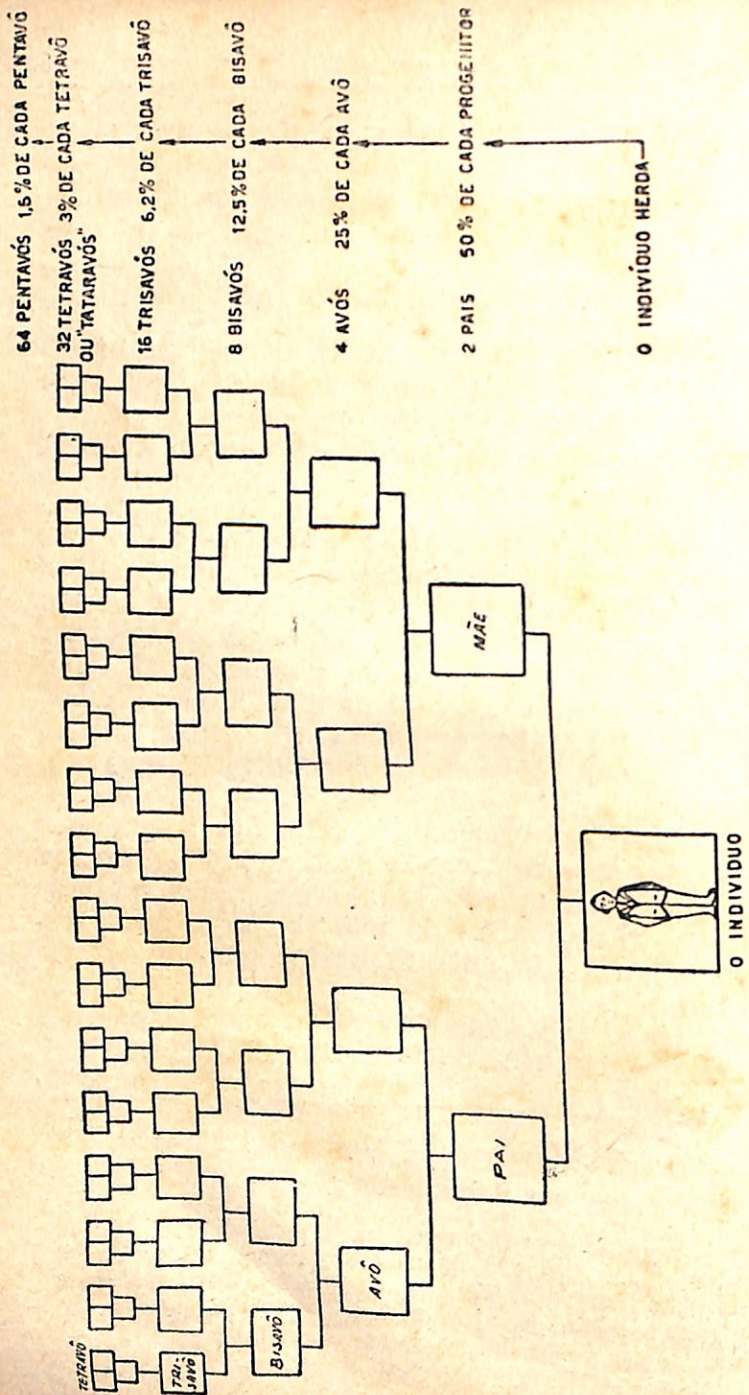


FIGURA 2

Esquema da hereditariedade, mostrando o que o indivíduo pode herdar do pai, do avô, bisavô, trisavô, tetravô e pentavô, ou seja, 6 gerações antes. Tomando a média de 60 anos por geração, um antepassado que viveu há 360 anos antes de você ainda pode influenciar 1,6% da sua vida!

Por sua vez, cada avô recebeu a influência de seus progenitores (os bisavós da criança); cada bisavô entra, assim, com 12,5% de influência sobre a criança. Cada trisavô concorre com 6,2% de influência e cada tetravô (ou tataravô, como se diz vulgarmente) entra com 3,1% de influência. E assim sucessivamente, caminhando para trás. Um ancestral da sexta geração antes da criança concorre com 1,6% na formação dessa criança e um antepassado da sétima geração influi em 0,8% para o novo ser.

Isso significa que a criança recebe, na sua concepção, a influência de inúmeras gerações anteriores. Por tal razão uma criatura nasce, às vezes, com traços que não seja nem de seus pais, nem de seus avós. As pessoas conhecidas ficam muito admiradas: — “como pode a Cléozinha ter olhos azuis, se o pai, a mãe e os quatro avós têm olhos castanhos?” E a resposta é esta: a menina tem olhos azuis por influência de um antepassado seu, holandês, de olhos azuis, que figura a 4 ou 5 gerações de distância no passado!

25.2) ATAVISMO. — Ao conjunto dessas influências de várias gerações, quando se repetem sempre, é que chamamos de *traços de família*. E ao conjunto de traços de inúmeras gerações anteriores denominamos *caracteres étnicos* ou traços raciais (vide NÓTULA n.º 12, abaixo).

Quando o novo ser recebe, diretamente, um traço completo de um avô ou ancestral, traço êsse que não se

NÓTULAS — N.º 12

A hereditariedade no Brasil

Esses princípios da hereditariedade nos esclarecem sobre muitos fenômenos psicológicos, morais e até políticos que se passam no Brasil. Descoberto há apenas 4 séculos, houve mais ou menos 7 a 9 gerações, de 1500 até hoje, no Brasil. Isso significa que há apenas 7 gerações atrás éramos índios selvagens,

encontra em seus pais, o fenômeno se denomina *atavismo* (é o exemplo da menina Cléo, acima citado).

25.3) PAIS BONS, FILHOS BONS; PAIS MAUS, FILHOS MAUS. — Tudo quanto dissemos até aqui a respeito dos traços físicos e fisionômicos vale também para os traços intelectuais e morais.

Há casos que desmentem essa regra geral: muitas vezes filhos de pais inteligentes são pouco inteligentes. Mas o comum, a regra, é que casais de bom nível mental tenham filhos também de bom nível mental.

No entanto, se os pais são *muito* inteligentes a tendência é para os filhos serem menos inteligentes que eles, porque a natureza tende sempre a voltar para a média, para a *norma* natural. Nesse caso o filho parece “pouco inteligente” se comparado com os pais, mas na realidade ele é de inteligência “comum”. Os pais é que estavam fora da “norma”...

Mas, como íamos dizendo, a regra geral é que os pais bons geram filhos bons, e pais maus geram filhos maus. Há casos célebres de famílias numerosas, transmitindo através de gerações e gerações os seus caracteres intelectuais e morais, sejam eles bons ou maus.

Entre tais casos impressionantes de hereditariedade de *bons* traços cita-se o da família BACH, cujo talento musical se transmitiu de gerações a gerações. Na Suíça, é conhecido o caso de BERNOUILLI, transmitindo de pais e filhos e netos um grande talento matemático. Os psicólogos registram o caso ainda da família EDWARDS, da qual foram pesquisados nada menos de 1.394 descendentes, com os resultados seguintes:

ou colonizadores portugueses, ou negros africanos... Temos, portanto, ainda muito à flor da pele as influências de antepassados bastante primitivos. Mas temos também a certeza de que, daqui a mais algumas gerações, a situação moral e social do Brasil já terá melhorado.

De 1.394 descendentes:

- 295 foram doutores
- 13 foram reitores de Universidades
- 65 foram médicos
- 100 foram sacerdotes
- 75 foram oficiais de exército
- 100 foram advogados

A Descendência da Família Edwards

Como exemplo da hereditariedade de *maus* traços, o psicólogo GODDARD cita o terrível caso da família KALLIKAK: um rapaz normal, e filho de família honesta, chamado Martin Kallikak, desposou uma moça também normal e digna, tendo com ela filhos normais, que se casaram com criaturas normais e tiveram, por sua vez, filhos normais, e assim sucessivamente durante as 5 ou 6 gerações que foram estudadas. Mas Martin Kallikak se juntou, por outro lado, a uma mulher do povo, débil mental, da qual teve também um filho. Este nasceu débil mental e daí em diante não cessaram de aparecer os anormais, no tronco espúrio de Kallikak, como mostramos no quadro a seguir:

Em 480 descendentes, houve:

- 148 débeis mentais
- 200 quase-débeis
- 86 filhos ilegítimos
- 41 pervertidos sexuais
- 24 alcoólatras
- 8 epiléticos
- 3 criminosos de morte
- 82 não sobreviveram, morrendo na 1.^a infância

A descendência da Família Kallikak

Enquanto isso, foram estudados 496 descendentes da União de Martin Kallikak com a mulher *normal* (sua espôsa), havendo apenas 2 alcoólatras e 1 pervertido sexual, entre dezenas de descendentes médicos e advogados!

Outro caso, mundialmente famoso, é o de MAX JUKES, nascido em 1720, que se casou com uma doente mental e moral, tendo uma descendência tremenda:

Em 1.200 descendentes, houve:

440 portadores de moléstias venéreas
 7 assassinos
 60 ladrões
 130 condenados por crimes diversos
 300 vagabundos
 400 degenerados
 50 prostitutas
 300 mortos na 1.^a infância

Dos 1.200 membros da família, apenas 20 tinham profissão regular, dos quais a metade tinha aprendido a profissão na Penitenciária, pois fazia parte dos criminosos acima citados...

A descendência da família JUKES

O psicólogo americano PINTNER cita o caso da família BEN ISMAEL, da qual foram estudados mais de 1.000 membros, passando de geração a geração suas taras de que resultaram inúmeros ladrões, criminosos, prostitutas, assassinos e vagabundos (vide NÓTULA n.º 12-A, abaixo).

NÓTULAS — N.º 12-A

Primeiro, traga a ficha...

Do ponto de vista exclusivamente da Genética tinham razão aquelas mães antigas, que, quando a filha queria ficar noiva, exigiam que o rapaz candidato a marido trouxesse a ficha de seus irmãos, de seus pais e até de seus avós!...

25.4) O CASO DOS GÊMEOS. — Outro fenômeno que muito demonstra a importância do *fator inato* é o caso dos irmãos gêmeos. Pelo fato de serem provenientes do mesmo óvo, os gêmeos não apresentam apenas enorme semelhança física, mas também grande semelhança de gestos, sentimentos e interesses. Muitas vezes até os mesmos sinais aparecem no corpo de um e de outro. Há casos até de gêmeos que sentem as mesmas reações: se um fica doente por determinada causa, o outro fica também. O mais impressionante, no entanto, é o caso de um acidente, pancada ou choque num gêmeo provocar dores também no outro gêmeo. (Aliás a ciência não aceita esse fato, afirmando tratar-se de pura imaginação ou sugestão.) (Vide NÓTULA n.º 13, abaixo.)

§ 26) A UNIÃO DOS CONSANGUÍNEOS

Uma das causas que mais produzem descendência anormal é o casamento de consanguíneos, ou seja, de parentes muito próximos. Em localidades do interior, tais como fazendas e pequenas vilas, é comum o casamento *endogâmico*, isto é, dentro da mesma família, dada a falta de maiores contatos sociais. Pois bem: desses casamentos em família, nascem muitas vezes (mas não obrigatoriamente) criaturas anormais, débeis mentais, sem ânimo para lutar, sem ideal, sem profissão.

NÓTULAS — N.º 13

O célebre caso das irmãs Dione

O caso mais célebre do mundo, em matéria de gêmeos, foi o das irmãs Dione, no Canadá, há cerca de 30 anos atrás. As Dione, em número de cinco, permitiram muitos estudos de Psicologia Genética. As 5, durante toda infância, tinham identidade absoluta de traços físicos, de inteligência, de sentimentos e até o mesmo vocabulário. Mas a partir da puberdade começaram a diferenciar-se. Cada qual seguiu profissão diferente, indo, inclusive, uma delas ser freira.

A explicação desse fenômeno é que, quando se unem indivíduos consanguíneos somam-se as *taras*, isto é, os maus caracteres, os traços negativos de uns e outros. É comum, nesses casos, surgirem também descendentes com defeitos físicos, tais como mudez, surdez, gagueira, paralisia, etc.

§ 27) O TRAUMATISMO DO NASCIMENTO

Ao cabo de 9 meses de vida no *claustró materno*, o bebê sofre um terrível choque: o nascimento. De um momento para outro sua vida passa por uma transformação total e violenta: transporta-se de um mundo completamente fechado para o mundo aberto.

Começa a criança a viver por si mesma, em vez de fazê-lo como até então, por intermédio do cordão umbilical materno. Sua alimentação e respiração se processavam através do organismo materno e pelo mesmo processo chegavam até ela, atenuados, os abalos físicos e psíquicos sofridos pela mãe.

De repente, uma golfada de ar enche os pulmões da criança: é o primeiro e violento estímulo que ela recebe do mundo exterior. Sua reação imediata é um grito: eis o primeiro choro (vide NÓTULA n.º 14, adiante). Aquêlê corpinho, que vivera sempre na temperatura quente do corpo materno, passa súbitamente do calor para o frio. Jamais sofrera o contato de cousa nenhuma e eis que, de súbito, é apertado por mãos de médicos, enfermeiras e parentes, sofre a pressão do colchão, a incidência da luz, o contato da água e das roupas...

Tudo isso ocasiona um choque, um trauma tão violento que os psicólogos o denominaram o *traumatismo do nascimento* (1). Diversas anomalias, tanto físicas como mentais, que o indivíduo carrega depois pela vida

(1) O psicólogo OTTO RANK escreveu um livro inteiro sobre esse assunto: "Le Traumatisme de la Naissance"; Payot, Paris, 1928.

a fora, resultam desse traumatismo, da falta de cuidados com o bebê, ou de acidentes ocorridos no instante do nascimento. Entre tais conseqüências podemos citar as deformações do crânio do recém-nascido, o retardamento mental, diversas neuroses, manifestações de medo desmesurado, fobias, bem como casos de oligofrenia (vide NÓTULA n.º 11).

§ 28) INFLUÊNCIA DO MEIO

Depois de examinadas as influências da hereditariedade, no binômio "*nature*" x "*nurture*" (natureza x alimentação), vamos agora dizer uma palavra a respeito do segundo fator: a influência da "alimentação", ou seja, de tudo que o indivíduo "recebe", ou, enfim, a influência do *meio*, da *educação*.

Essa influência é enorme na vida infantil. E até mesmo em relação a fatores inatos que, exatamente por serem *inatos*, não deveriam sofrer a influência do meio. A inteligência, por exemplo, é um fator inato: o grau de

NÓTULAS — N.º 14

O primeiro choro

Dizem que êste mundo é um vale de lágrimas, porque já se entra nêlê chorando, e quando se sai, os outros ficam chorando em redor do corpo. Mas a verdade é que o **primeiro choro** tem uma grande importância médica e psicológica. É o primeiro sinal que a criança dá de estar viva. Quando não chora logo, pode estar asfixiada, ou morta por outras razões. Os médicos, enfermeiras e pais aguardam ansiosamente essa primeira prova de vida.

Nos Estados Unidos, agora, as Maternidades estão usando registrar êsse primeiro choro, num aparelho gravador de som, ao mesmo tempo em que o transmitem, por alto-falante, para o pai, que aguarda, ansioso o desfecho do caso, na sala de espera...

inteligência com que a criança nasce permanece o mesmo durante a vida inteira. No entanto, tem-se verificado que, vivendo num meio desfavorável, essa inteligência custa mais a desenvolver-se. Crianças provenientes de meios pobres, de famílias sem recursos, apresentam visível retardamento mental. O mesmo acontece com as crianças filhas de delinquentes. De igual forma apresentam retardamento mental as crianças criadas em asilos, como mostraremos no parágrafo seguinte.

§ 29) CONCEITO DE MATURIDADE

A Psicologia Educacional veio dar grande relêvo ao conceito de maturidade ou de maturação, que quase não se encontra na maioria dos compêndios. Chama-se *maturidade* o momento em que o organismo ou o psiquismo do indivíduo está *pronto* para determinada atividade. Isso significa que antes daquele determinado momento, marcado pela natureza, o indivíduo não pode fazer isto ou aquilo, mesmo que os outros muito o queiram. Exemplo: há um determinado momento de maturidade para falar, para andar, para aprender a ler, para iniciar as funções sexuais, etc.

A maturidade para andar é em volta dos 12 meses: não adianta portanto, os pais quererem que a criança ande aos 6 meses de vida, resultando inúteis todos os esforços nesse sentido. E não apenas inúteis, mas prejudiciais, porque causam um sério traumatismo, obrigando a criança a fazer atos para os quais ainda não está madura.

Interessante é notar que o homem é o mais *imaturado* de todos os animais, isto é, aquêle que quando nasce menos cousas pode fazer. Quase todos os outros animais desde que nascem sabem alimentar-se, andar, defender-se, pouco após o nascimento. Acertadamente se diz que "filho de peixe sabe nadar". E o filhote do pato também.

Os animais já nascem quase *prontos* para a vida, ou seja, quase *maduros*.

Embora, como dissemos, haja um determinado momento para a maturação de cada função, êsse momento pode ser até certo ponto apressado ou retardado pelas influências do *meio*. Em outras palavras: *o meio ambiente fornece os "estímulos" que apressam a maturação, ou não fornece êsses estímulos e a maturação se retarda.*

Dêsse princípio decorre importante conseqüência: crianças de um meio pobre e atrasado não se desenvolvem com a mesma rapidez que aquelas de um meio social bom.

É curioso como os psicólogos e antropologistas custaram a compreender e aceitar esta teoria da influência do meio no desenvolvimento das crianças. No entanto, deveria ter sido muito fácil tal compreensão: bastaria olharmos para as plantas. Com efeito, que vemos no reino vegetal? Duas plantinhas iguais, lançadas em terras diversas, uma bem adubada e outra pobre, crescem diferentemente. A terra pobre (ou "cansada", como se diz), gera plantinhas raquíticas, enquanto a terra rica em adubos gera plantinhas fortes, que crescem mais rapidamente. É a influência da *nurture* (alimentação), tomando esta palavra no largo sentido de "tudo aquilo que a criança recebe" (vide NÓTULA n.º 15, abaixo).

NÓTULAS — N.º 15

Influência do meio na maturação

Daí o espantoso fenômeno da diferença entre a criança da cidade e a da roça, cujos desenvolvimentos são tão diversos. A professora que já lecionou em escolas da cidade e da roça, sabe bastante como a aprendizagem das crianças do campo é mais lenta que a das grandes cidades. É comuníssimo o aluno da roça levar dois anos para aprender a ler e escrever. A diferença é esta: na roça faltam os *estímulos* provenientes do meio, que

Da mesma forma e com o mesmo vigor se faz sentir a diferença de desenvolvimento mental entre as crianças educadas no seio da família e aquelas criadas em asilos, patronatos, etc. As que vivem em família são mais vivas, mais espertas, mais interessadas em tudo, inclusive nas conversas dos adultos. As crianças asiladas são mais paradas, mais indiferentes às cousas do mundo, mais lentas na compreensão dos fatos.

Por melhores que sejam os asilos e patronatos, o que falta a êstes estabelecimentos são o carinho, o amor, as atenções, os cuidados, que a família, e só ela, dedica à sua criancinha.

No seio da família a criança está a cada passo recebendo os *estímulos* que facilitam e ajudam o seu desenvolvimento. O pai, a mãe, os parentes, os amigos e a babá estão a cada instante se ocupando com ela, falando com ela, fazendo-a andar, conversar, responder a perguntas, ouvir cousas novas e interessantes.

É evidente que num asilo com 300 crianças, os estímulos que cada criança, individualmente, possa receber do meio (isto é, dos funcionários do asilo) serão sempre muito menores que os que sua família lhe poderia proporcionar. Cada garôto recebe 1/300 das atenções...

O psicólogo FILLMORE estudou 400 crianças oriundas de meio pobre ou desordeiro; como se sabe, o Q.I. normal é 100 (vide capítulo XXII, "Medida da Inteligência"); pois FILLMORE encontrou como média dessas crianças um Q.I. de apenas 85. Por sua vez, STURM comparou o nível mental de 60 crianças, sendo 20 criadas

ajudam e abreviam o processo da **maturação** (tais como a conversa em casa com os pais e amigos, as reuniões sociais, as festas, os grupos de meninos, o cinema o rádio, os jornais, as revistas infantis, as festas públicas, as paradas e comemorações cívicas, etc., etc.). Naturalmente ainda intervêm outros fatores adversos na roça (má alimentação, distâncias, falta de frequência, etc.)

em asilo, 20 no seio de sua própria família e 20 em famílias adotivas, e concluiu que o Q.I. das crianças de asilo é sempre mais baixo que o das demais, vindo em seguida as crianças criadas por estranhos, e, no plano mais alto de Q. I., aquelas criadas por sua própria família.

No Brasil, a professora GLÓRIA QUINTELA estudou o desenvolvimento mental de 3.000 menores, asilados do S. A. M. (Serviço de Assistência a Menores), concluindo que dêsse 3.000

81,2% eram subnormais
17,3% eram normais
1,5% eram supernormais.

§ 30) ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

30.1) IMPORTÂNCIA DA VIDA PRÉ-NATAL — Como vimos no § 5.º, é muito importante para a vida da criança e do adulto a sua fase intra-uterina. Para que a criança nasça sadia é imprescindível que a mãe tenha uma gravidez calma, tranqüila, bem alimentada, sem grandes problemas psicológicos. A mulher grávida pode trabalhar, desde que êsse trabalho não seja excessivo. O álcool e o fumo precisam ser evitados a todo custo. O alcoolismo na futura mãe pode até gerar verdadeiros monstros; no mínimo produz crianças oligofrênicas (débeis mentais, imbecis, idiotas). O ideal é que, na mulher grávida, aos períodos de trabalho suave sigam-se períodos de descanso em pleno campo, em contato com a natureza. Tôdas as emoções violentas devem ser evitadas.

30.2) HEREDITARIEDADE. — Salientamos a grande importância da *hereditariedade* na vida infantil. Como regra geral pais bons geram filhos bons e pais maus geram filhos maus. Mas, ao lado da influência

inata dos progenitores, há também a enorme influência do *meio ambiente*. É o problema *nature* × *nurture* (hereditariedade × meio). Os casais que pretendem adotar crianças precisam pensar nesse problema da hereditariedade: quem são os pais do garotinho? Que “cargas” ou “taras psicológicas” trará êle consigo? Isso não significa que somos contra a adoção de crianças; pelo contrário: antes uma boa família adotiva que um asilo de crianças abandonadas. Apenas é preciso que o problema da hereditariedade não seja esquecido ou escondido.

30.3) VALOR DA EDUCAÇÃO. — Reconhecendo a importância da hereditariedade, não vamos achar que só ela decide da vida da criatura. Há um velho provérbio que diz “*quem nasceu para 10 réis não chega a vintém*”. Se a educação não pode tudo, não realiza milagres, devemos reconhecer que, muitas vezes ela transforma, sim, “10 réis” em “vintém”. . . . Quantos casos cada um de nós conhece, de crianças provenientes dos mais humildes meios, filhas de cozinheiras, lavadeiras, trabalhadores braçais, etc., que, graças a uma boa educação se transformam em criaturas de valor moral e intelectual, doutores, homens de ciência!

§ 31) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Diferença entre Psicologia da Criança e Psicologia Genética.
2. “A educação de uma criança deve começar, pelo menos, 30 anos antes do seu nascimento.” — Explicar a significação dessa frase.
3. O feto tem sensibilidade e movimento? Dê exemplos.
4. É verdade que os aborrecimentos e traumatismos morais sofridos pela mulher grávida se re-

- fletem na vida posterior de seu filho? Sim ou não? Por quê?
5. Que se entende por **oligofrenias**? Por que nasce oligofrênica uma criança?
 6. Dê exemplos da importância da hereditariedade.
 7. Um antepassado da 6.^a geração pode influir na constituição do indivíduo? Em que proporção?
 8. Que razões nos levam a dizer que temos certeza da melhora futura do homem brasileiro?
 9. A criança, ao nascer, é o mais imaturo de todos os animais. — Explique isso.
 10. Tem o meio ambiente muita importância na formação e desenvolvimento da criança? Por quê? Dê pelo menos meia dúzia de exemplos de casos conhecidos seus.

§ 32) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. CARMICHAEL. — “Manuel de Psychologie de l'Enfant”; edição francesa; 3 volumes; Presses Universitaires de France; Paris, 1952.
2. DOMINGUES, Octávio. — “A Hereditariedade em Face da Educação”; Editôra Melhoramentos; São Paulo, 1929.
3. GESELL, A. — “The Mental Growth of the Pre-School Child”; MacMillan; New York, 1925.
4. KOFFKA. — “Bases de la Evolución Psíquica”; Edição da Revista do Ocidente; Madrid, 1928.

5. MIRA Y LOPEZ. — "Psicologia Evolutiva"; Editôra Científica; Rio, 1946.
6. MURCHINSON. — "Manual de Psicología del Niño"; Editorial Seix; Barcelona; 1935.
7. WERNER, Heinz. — "Compêndio de Psicologia Evolutiva"; Salvat editores; Barcelona, 1936.

CAPÍTULO IV

A 1.^a Infância: De 0 a 3 Anos

(Fases Sensorial - Motora - Glóssica)

Ficha-resumo:

§§

33) CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO:

O desenvolvimento é um "processus", uma continuação.

34) FASES DA VIDA PRÉ-ADULTA:

1.^a infância — de 0 a 3 anos
 2.^a infância — de 4 a 7 anos
 3.^a infância — de 7 a 12 anos
 Adolescência — de 12 a 18 anos
 Início da idade adulta — 18 anos.

35) FASE SENSORIAL: 0 a 6 MESES

O recém-nascido tem reduzida capacidade de conhecer. Só tem vivências de caráter sensorial. O "sincretismo infantil".

36) FASE MOTORA: 6 A 12 MESES

Multiplicam-se os movimentos da criança.

37) FASE GLÓSSICA: 1 a 3 ANOS

A criança aprende a falar. Desenvolve-se a linguagem.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

38) ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

1. Importância do leite materno. Perigos do leite de vaca.
2. O nenem é inconsciente: possui apenas reflexos e instintos.
3. A criancinha sente necessidade de segurança e, mais que isso, de amor.
4. Transtornos afetivos provocam gagueira e até paralisia.
5. POR QUE AS CRIANÇAS CHUPAM O DEDO?

39) TÓPICOS PARA DEBATE.

40) LEITURAS COMPLEMENTARES.

§ 33) CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO

A primeira coisa que se deve ter em mente ao estudar as várias fases da vida da criança, é que o *desenvolvimento é um "processus"*, é uma "continuação": cada momento na vida é a continuação do momento anterior, embora modificado. O tempo não se interrompe: cada hora é a continuação da hora anterior, cada minuto é o seguimento do minuto anterior.

Daí a importância de criar, desde o início, boas condições de vida para o recém-nascido. O dia de hoje é já a continuação do dia de ontem. O comportamento do adulto reflete, em grande parte, suas vivências da infância. Por sua vez a conduta da criança de 7 anos reflete profundamente o que lhe aconteceu aos 4 anos. E assim sucessivamente vamos caminhando para trás, podendo dizer que o comportamento do 1.º mês já é consequência do que aconteceu no 1.º dia de vida, e o que sucedeu nesse dia foi já consequência do que houve no período de vida intra-uterina. Em suma: a vida humana é *uma continuidade*. (Naturalmente às influências passadas se juntam os novos acontecimentos de cada dia, que concorrem para alterar o sentido daquelas.)

Por causa dessa importância do passado é que cada dia é importante, todos os dias são importantes na vida da criança. Antigamente julgava-se que a criança deveria ser criada em plena liberdade até os 7 anos, idade em que começaria sua educação, por ser a *idade da razão*. Esse limite foi sendo recuado pelos psicólogos para os 4 anos, para os 2 anos, para o primeiro dia de vida...

Do ponto de vista da formação de hábitos, portanto, a educação começa com o primeiro dia de vida. Mas, como vimos no capítulo anterior, do ponto de vista da hereditariedade, para o nascimento de uma criança sadia, a educação deve começar 30 anos antes do seu nascimento...

Falando sobre a importância das vivências que se vão formando na criança, desde seus primeiros dias de vida, diz GUILLAUME: "tôdas as contingências do passado se inscrevem em nossa memória, determinam e explicam o presente". Aliás, já o genial filósofo BERGSON o dissera: "o passado nos segue como nossa própria sombra"... (vide NÓTULA n.º 16, abaixo).

§ 34) FASES DA VIDA PRÉ-ADULTA

Podemos dividir a vida do indivíduo antes de atingir a idade adulta nos seguintes períodos e fases:

NÓTULAS — N.º 16

Importância do passado

Algumas pessoas costumam dizer "o que passou, passou", o passado não tem importância. Não é assim. As coisas que acontecem com o indivíduo deixam sempre um traço, uma marca, uma moosa no seu psiquismo. Aquilo que fazemos hoje é em grande parte consequência do que fizemos ontem, ou do que fizeram conosco ontem...

Os acontecimentos deixam resíduos, que vão sendo acumulados no inconsciente. Aquêles desejos não realizados (frustrações), aquêles aborrecimentos, aquelas injustiças que nos fazem, e contra as quais não podemos reagir, criam, em nosso inconsciente, **recalques** e **complexos** que, daí em diante, vão influenciar nossa vida, sem que o saibamos.

Daí o grande valor do método psicanalítico, que é o estudo do inconsciente, procurando descobrir os fatos passados, que se acumularam no fundo desse inconsciente, e dão motivo aos comportamentos anormais e inexplicáveis do indivíduo no presente.

PERÍODOS	FASES	IDADE
1.ª infância: de 0 a 3 anos	Fase sensorial ..	De 0 a 6 meses
	Fase motora ...	De 6 a 12 meses
	Fase glóssica ...	De 1 a 3 anos
2.ª infância: de 4 a 7 anos	Fase lúdica	De 4 a 7 anos
3.ª infância: de 7 a 12 anos	Fase de especia- lização	De 7 a 12 anos
Adolescência: de 12 a 18 anos	Fase da adoles- cência	De 12 a 18 anos
INÍCIO DA IDADE ADULTA	18 ANOS

Fases da vida pré-adulta

§ 35) FASE SENSORIAL

A criança costuma nascer, em média, com 50 centímetros de comprimento e pesando de 3 quilos (meninas) a 3,5 quilos (meninos). Sua cabeça é extremamente volumosa em relação ao corpo. Sua respiração é de ritmo muito rápido. Ao surgir para o mundo possui ela apenas vida vegetativa: é como se fôsse um bichinho, um adorável bichinho.

Sua capacidade de conhecer o mundo exterior é reduzíssima. Antigamente as crianças nasciam de olhos fechados. Agora, por incrível que pareça, já nascem de olhos abertos. (Parece que até nisso o mundo está evoluindo...) Mesmo assim, não conseguem distinguir o mundo exterior, do qual possuem apenas uma visão nebulosa e conjunta: a êsse fenômeno é que se chama o *sincretismo infantil*. Tal fenômeno de *sincretismo* per-

manece durante tôda primeira fase, embora se vá atenuando aos poucos. Provavelmente a criancinha enxerga as coisas como sucede com o indivíduo adulto, quando volta a si, após ter sido anestesiado ou ter perdido os sentidos, por acidente.

Se apresenta reduzidos sentidos da visão e da audição, por outro lado mostra o bebê uma certa capacidade olfativa e de paladar, reagindo aos odores e substâncias colocadas na sua bôca. E principalmente tem aguçado o sentido térmico: sente frio, muito frio (porque estava acostumado na elevada temperatura do ventre materno).

O aparelho digestivo do recém-nascido só lhe permite digerir um alimento: leite. O homem não é apenas mamífero: é absolutamente mamífero; o recém-nato ou toma leite ou morre.

Desde o nascimento apresenta a criancinha os reflexos da tosse, do vômito e do espirro (vide NÓTULA n.º 6, abaixo). Possui também uma grande capacidade de gritar e o primeiro indício que nos dá de haver nascido vivo é êste: o grito, o chôro. O chôro do bebê não é apenas a alegria da parturiente, mas sobretudo o grande alívio do médico ou da parteira...

Outro característico da criança nessa idade é o sono: ela dorme até 20 horas por dia. Mas enquanto dorme, vai se desenvolvendo regularmente. Em suma, as vivências da criança nessa fase são provenientes, ape-

NÓTULAS — N.º 16

Reflexo de Babinsky

Dos mais interessantes nessa idade é o reflexo de Babinsky: passando-se o dedo na sola do pêzinho do bebê, êste abre os artelhos em forma de leque. É um dos sinais de normalidade do sistema nervoso do recém-nascido. Aos 6 meses o reflexo de Babinsky deve desaparecer: daí em diante a reação da criança ao mesmo estímulo é contrair, flexionar os artelhos.

nas, dos órgãos dos sentidos: daí o nome de sensorial dado a tal fase.

É nessa fase que o sistema nervoso se vai fortalecendo, (*) através da *mielinização* das fibras nervosas. *Mielina* é a substância muito rica em fósforo, que compõe e robustece as fibras nervosas (vide NÓTULA n.º 17, abaixo). Igualmente o crânio, no primeiro ano de vida, se completa, pois a natureza sãbiamente deixa essa caixa óssea incompleta, até o nascimento da criança, a fim de facilitar a passagem da cabeça ao sair do ventre materno (é o que o povo vulgarmente chama de *moleira*).

§ 36) FASE MOTORA

Aos seis meses entra a criança na sua segunda fase de vida. Seus movimentos, que até então eram completamente descoordenados, começam a apresentar controle, isto é, a organizar-se segundo um fim em vista, como por exemplo, mudar de posição, segurar um objeto, levar uma coisa à bôca, etc.

Desenvolve-se bastante a sua percepção visual e auditiva: a criança reage ao mínimo ruído, levanta a cabeça quando ouve um barulho, volta-se quando alguém fala com ela (embora sem compreender o que lhe dizem).

NÓTULAS — N.º 17

Essa substância — a *mielina* — por ser muito rica em fósforo apresenta uma côr acinzentada. Daí o nome de *massa cinzenta* dado a parte do nosso cérebro. Daí também se dizer vulgarmente, para o indivíduo que faz cousas muito erradas: — "você parece que não tem massa cinzenta na cabeça!"...

(*) Sobre "Sistema nervoso" vide o Volume 4.º desta coleção: "Psicologia Geral", cap. III, pág. 63 a 94.

O *sincretismo* vai cedendo lugar a imagens mais nítidas, mais destacadas do todo. A criança começa a ver melhor as coisas. Por isso se interessa em olhar para tudo. Ao chegar a um ambiente novo, olha demoradamente para os objetos. Mas o característico máximo dessa fase é o *movimento*: dêle provêm as vivências do bebê nessa idade; êle se move constantemente de um lado para outro e logo chora, se o obrigam a ficar imóvel na cama ou no carrinho. Quando não está movimentando o corpo, está agitando os bracinhos e as perninhas seguidamente. Procura segurar em tudo, inclusive no rosto, nos cabelos, nos óculos da pessoa que a carrega. Por tudo isso tal estágio recebe, muito acertadamente, o nome de *fase motora*.

Então, o bebê já sabe segurar um brinquedo, agitar o chocalho, apertar o boneco que faz barulho. Repete um gesto muitas vèzes, principalmente se produz ruído, o que muito o alegra. Como não tem noção de profundidade, de distância, estende o bracinho para apanhar coisas a um metro de distância...

No fim dessa fase, com o fortalecimento do sistema nervoso e muscular, a criança já engatinha ou anda. Também aqui houve uma evolução no mundo: antigamente tôdas as criancinhas primeiro engatinhavam, para depois aprender a andar; agora, inúmeras começam logo a andar, sem nunca haverem engatinhado...

Ao término dessa fase inicia-se também a linguagem, que vai ser a característica máxima da fase seguinte.

§ 37) FASE GLÓSSICA

Completando o primeiro ano de vida, a criança entra na fase *glóssica*. Esta palavra vem do grego *glotos*, que significa "língua". A terceira fase é, portanto, a da linguagem. Nela, a criança "descobre" seu aparelho fonador e se interessa muitíssimo em emitir os mais va-

riados sons. Ela ainda não conhece o *sentido* das palavras: sua preocupação é com o *som* das mesmas.

Quando "descobre" uma sílaba a criança se sente alegre e fica a repeti-la seguidamente. Por isso é que as primeiras palavras do vocabulário infantil são sempre de sílabas repetidas tais como *ma-mãe, pa-pai, vo-vó, vo-vô, be-bê, ba-bá, au-au, De-dé, La-lá, etc.*

A criança, nessa idade não tem capacidade para formar *conceitos*, isto é, para compreender fatos genéricos, abstratos, ausentes. Por isso é que só pode conhecer o que está perto, o que é material, concreto. Como consequência o vocabulário infantil inicial só se refere a seres concretos, que a rodeiam: a mãe, o pai, a ama, a avó, o cachorro.

A LINGUAGEM INFANTIL

(Vocabulário da GLORINHA, com 1 ano e 6 meses).

1. Anan (banana)	19. Ôba!
2. Andá	20. ôti (outro)
3. Apo (água)	21. ôf (ôvo)
4. Api (lápis)	22. pão
5. Babá	23. pente
6. Bôba	24. pinte (pinto)
7. Bicôto (biscoito)	25. papai
8. Cóio (colo)	26. pôco (porco)
9. Dente	27. pato
10. Macaco	28. pé
11. Mamãe	29. papá (papar, comer)
12. Mim	30. titio
13. Minha	31. titia
14. Mão	32. tinco (cinco)
15. Mã (irmã)	33. qué (quer)
16. Não	34. quente
17. Nenem	35. uóuó (vovó)
18. Ôpa (roupa)	

Total: 35 palavras

A criança nessa idade gosta muito de ouvir histórias, mas só as entende se se referirem àqueles seres. No entanto, muitas vezes gosta das histórias mesmo sem entendê-las, só porque tem prazer em ouvir os sons, a voz humana. E, naturalmente, porque enquanto escuta a palavra alheia, sente-se segura, protegida com a presença de terceiros.

37.1) A IMITAÇÃO. — Um dos mais impressionantes característicos dessa fase é o alto desenvolvimento do *instinto de imitação*. — A criancinha é tremendamente *imitadora*. E mais uma vez se revela aqui a sabedoria do Criador: antes mesmo de compreender as cousas, a criança as faz porque “vê os outros fazerem”. Aprende sem que seja necessário lhe ensinarem... A aprendizagem é, assim, fácil, rápida, instantânea: a criança vê os outros fazerem e faz também. Daí se infere a enorme importância de só se mostrar à criança o que é bom, o que é certo, o que é correto, porque com a mesma rapidez com que imita o bom, ela imita também o mau.

Y 37.2) A CONSTELAÇÃO FAMILIAR. — O mundo da criança é o seu lar: dada sua imaturidade, insegurança e incapacidade de fazer as cousas por si própria, a criança vive presa à família de maneira profunda, a tal ponto que os psicólogos criaram a expressão *constelação familiar* para significar êsse quadro indelével da ligação existente entre a criança e seus familiares, tal como a imutável ligação existente entre as estrelas que formam uma constelação. Fazem parte da constelação não apenas o pai e a mãe da criança, mas todos quantos vivem em íntimo contato no seu lar: a vovó, a titia, os irmãos, a babá e às vezes até o cachorro...

37.3) A MEMÓRIA. — Fenômeno dos mais impressionantes é a *memória* da criança, já em tal idade. O psicólogo BURTT, em 1934, realizou prodigiosas ex-

periências sobre a memória de garotos de um ano e meio! Lendo, para crianças dessa idade, vários trechos de poetas gregos (imagine-se só: poetas gregos!) verificou que 7 anos depois as crianças ainda se lembravam de boa parte daquelas palavras difíceis e complicadíssimas, que não entendiam, nem tinham a mínima idéia de como haviam aprendido!

A espantosa experiência foi feita assim: BURTT lia, para as crianças de um ano e meio de idade, trechos em grego, diariamente, durante 90 dias consecutivos. Os versos compreendiam um total de 240 sílabas. Um ano e meio depois, o exercício foi recomeçado, com outros versos diferentes, também num total de 240 sílabas, prosseguindo diariamente até a criança completar 3 anos de idade, quando então os exercícios cessaram. Ao completar a criança 8 anos e meio de idade, foi feito um exame, e se verificou que ela se lembrava perfeitamente de 30% dos versos gregos aprendidos entre 18 meses e 3 anos de vida, embora não se lembrasse absolutamente de como tinham ido êsses versos parar na sua cabecinha!... (vide NÓTULA n.º 18, abaixo).

Quanto ao físico, é de notar que nessa terceira fase se produz um grande desenvolvimento no peso e estatura da criança: ela parece dar um salto. (Figuradamente,

NÓTULAS — N.º 18

Os mistérios da nossa memória

Essa incrível capacidade de guardar, que possui nossa memória, pode explicar até certos fenômenos, anteriormente tidos como “espíritos” ou “sobrenaturais”. Certa vez uma criança de 8 anos, num delírio de febre, começou a pronunciar estranhas palavras. Os médicos, depois de numerosas pesquisas, verificaram que aquelas palavras eram legítimo **hebraico**! Levantou-se logo a idéia de que a criança era reencarnação de um velho judeu, ou de que ela estava possuída do espírito de algum judeu já falecido. Finalmente, depois de pacientes pesquisas, chegou-se à conclusão de que a criança tinha tido, na idade de 2 anos,

é claro, porque, na realidade *a natureza não dá saltos*; é como diz a sabedoria antiga: "*natura non facit saltus*".)

A partir de 8 meses, a criança já fica em pé sozinha e em volta de 1 ano (pouco mais ou menos) já anda sozinha; com 1 ano e meio já é capaz de comer direito com a colher e começa a perguntar "que é?"

Aos 2 anos começa a descobrir seu mundo interior, a compreender que ela é diferente do mundo e aprende a empregar a palavra "eu". Conhece seu próprio nome e sobrenome, embora o repita estropiadamente (a nossa Glorinha, com 2 anos, dizia que o nome dela era "Goinha Maiá Fontôia").

Aos 3 anos a criança sabe tomar banho e vestir-se sozinha, embora talvez não consiga ainda abotoar-se. É capaz de encaixar formas geométricas nas suas respectivas cavidades. Repete uma frase de 7 sílabas. É capaz de brincar com outras crianças, mas também com igual facilidade quer impor sua vontade, briga e acaba com o brinquedo. (1)

A mais difícil das percepções da criança até os 3 anos é a de espaço e tempo. O garotinho não compreende o que seja "na semana que vem". Nem percebe distâncias entre dois bairros. Glorinha, com 2 anos e pouco de idade, em todos os bairros onde ia perguntava se "aí é o Largo do Machado?" porque lá existem balanços que ela adora.

uma babá (ama-sêca) judia, que de vez em quando pronunciava frases em hebraico perto da criança! Tantos anos depois a família não se lembrava mais do fato, o garotinho nem sabia que tinha tido uma babá judia e, no entanto, num momento de delírio, em que o inconsciente fica exaltado, começou a falar a língua hebraica!

(1) Aos interessados em se aprofundarem nos assuntos de psicologia infantil, recomendamos a bela obra do grande mestre MIRA Y LOPEZ, "Psicologia Evolutiva", com 270 páginas exclusivamente dedicadas a esse tema.

§ 38) ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

(Aplicações pedagógicas do presente capítulo)

Eis algumas das cousas importantes que a professora e a mãe ou futura mãe devem saber a respeito desse primeiro período da vida da criança:

38.1) O recém-nascido só pode alimentar-se de leite. E nada melhor do que o leite materno. Mas, na falta deste, é preciso ter imenso cuidado com o leite de vaca, pode transmitir numerosas moléstias ao bebê. A falta de higiene no ato de ordenhar as vacas, ou transportar o leite, desde o curral até a residência, também pode causar sérios danos à saúde do recém-nato. O perigo é tão grande que os médicos atualmente aconselham que, na falta do leite materno, se dê apenas leite em pó, com água fervida.

38.2) O nenen na sua primeira fase e parte da segunda é completamente *inconsciente*: possui apenas *reflexos e instintos*; mas não tem nenhuma capacidade de "saber", de "compreender". É inútil (e ridículo) pretender apelar para sua compreensão.

38.3) A criança sente uma enorme necessidade de segurança, de ter uma pessoa ao lado, que a acalente, que a embale e fale com ela, mesmo que nada compreenda do que lhe é dito.

38.4) Mas a segurança, por si só não é suficiente; a criança precisa de mais do que isso: tem necessidade de *amor*, de se sentir mimada, cuidada com carinho. O amor é tão necessário ao bom desenvolvimento da criança quanto o leite ou a sopinha que lhe dão. Por isso nada substitui o amor materno. E mesmo a babá que cuida da criança deve ser meticulosamente orientada, controlada e assistida, a fim de que não cometa erros capazes de provocarem distúrbios emocionais e nervosos no garoto.

38.5) A partir dos 2 anos, a importância da babá é maior ainda: ela é a segunda educadora na vida da criança, e muitas vezes passa mais tempo com esta do que sua própria mãe. A babá ensina hábitos e atitudes, que podem ser bons ou maus, assim como ensina também a sua linguagem (visto que, como vimos, a criança aprende por simples imitação. Glorinha, durante certo tempo dizia, às vezes "percura", em vez de "procura", e "ocê" em vez de "você" por influência do linguajar da sua babá.

38.6) Fortes *tensões afetivas* (tais como medo, insegurança, maus tratos, acidentes, espetáculos horripilantes) podem provocar reações motoras mais ou menos duráveis, nas crianças dessa idade. Assim a gagueira, os gestos descoordenados, as dificuldades de coordenação motora e até a própria paralisia podem ter essa causa *afetiva*, psíquica, e não orgânica, isto é, não serem provenientes de nenhuma *lesão* no organismo, no sistema nervoso. Violentos traumatismos emocionais podem provocar na criança gagueira, surdez, mudez e até paralisia total! (Vide NÓTULA n.º 19, abaixo.)

NÓTULAS — N.º 19

As curas "milagrosas"

Muitos dos chamados "milagres" realizados por feiticeiros, curandeiros e "santos" que a Igreja não reconhece como tais, têm esta explicação: — indivíduos sofrendo de males **psíquicos**, (isto é, sem causa física, orgânica), podem ser curados por processos também **psíquicos**. O gago, o paralítico, o surdo, o mudo sem **lesão orgânica** podem ser curados pela psicanálise, pela sugestão, pelo hipnotismo ou por outra forte tensão afetiva, da mesma intensidade da que provocou o distúrbio. Os "santos" que amiudadamente surgem aqui e acolá curam pelo forte impacto emocional que produzem nos doentes psíquicos. E podem curar mesmo!

38.7) A vida da criança decorre nessa idade, extremamente prêsa à *constelação familiar*. Suas vivências refletem as atividades da constelação: daí a importância, para a educação sadia da criança, que todos em casa (papai, mamãe, vovó, babá, etc.) afinem pelo mesmo diapásão, tenham a mesma atitude, perante os mesmos fatos. Quando o pai puxa para um lado e a mãe para outro, o resultado só pode ser uma criança desajustada, mal educada.

38.8) POR QUE AS CRIANÇAS CHUPAM O DEDO? — Esse fenômeno, tão comum nas crianças, mas que não é normal, precisa merecer a devida atenção dos pais, médicos e educadores. Inicialmente, a criança chupa seu dedinho levada pelo reflexo de sucção, que, como dissemos, é o primeiro a aparecer no recém-nascido e é o que lhe garante a sobrevivência (visto que lhe permite sugar o seio materno ou a mamadeira). Depois, a criança passa a chupar o dedo pelo hábito da chupeta. Por isso a Psicologia moderna condena o uso da chupeta. A criança, viciada na chupeta, tende a chupar o dedo, quando esta lhe é tirada. Muitas vezes, também, o chupar dedo é sintoma de atraso no desenvolvimento mental da criança, isto é, ela continua a manifestar aquêle reflexo que deveria ter desaparecido numa idade anterior. É que o garôto, embora mais crescido, continua com atitudes de recém-nascido.

Crianças com transtornos afetivos (falta de segurança, falta de amor, maus tratos, abandono) costumam mais a se desenvolver mentalmente e, por isso, chupam o dedo, como se permanecessem pequeninas. Aliás, um dos mais constantes e interessantes sintomas de transtornos psíquicos é essa volta ao passado, êsse *refúgio na idade anterior*, através do qual o doente expressa seu desejo (inconsciente) de se furtar aos problemas do presente, de fugir à realidade presente que o acabrunha, encerrando-se na primeira infância, época em que os

adultos se incumbem de resolver os problemas da criança.

Essa regressão mental, chamada *infantilismo*, é comum, também, em outras idades (ver mais adiante §§ 64 e 74).

§ 39) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Dar os períodos em que se divide a vida do indivíduo antes de atingir a idade adulta.
2. Em que consiste a “fase sensorial”?
3. Quais os característicos da “fase motora”?
4. Enumerar os principais fatos da “fase glóssica”
5. Que se entende por **sincretismo infantil**?
6. A criança tem tanta necessidade de **alimento** quanto de **segurança** e de amor. Explique isso.

§ 40) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. ANTIPOFF, Helena — “Desenvolvimento Mental da Criança”; Ficha de observação; Sociedade Pestalozzi; Belo Horizonte, 1939.
2. CLAPARÈDE, Ed. — “Psicologia da Criança”; 2.^a edição brasileira; Francisco Alves; Rio, 1940.
3. MIRA Y LOPEZ — “Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente”; Editôra Científica; Rio, 1946.

4. RABELO, Silvio — “Psicologia da Infância”; Editôra Nacional; São Paulo, 1943.
5. VAISSIÈRE, J. de La — “Psicologia Pedagógica”; Editôra Globo; Pôrto Alegre, 1937.
6. WERNER, Heinz — “Compendio de Psicologia Evolutiva”; Salvat Editores; Barcelona, 1936.

CAPÍTULO V

A 2.^a Infância: De 3 a 7 Anos (Fase Lúdica)

Ficha-resumo:

§§

41) CRESCIMENTO FÍSICO E TIROIDISMO:

O hipotireoidismo provoca paralisia no crescimento. O hipertireoidismo acarreta gigantismo e "papeira".

42) DESENVOLVIMENTO MENTAL: FASE DOS "PORQUÊS"

Necessidade de falar muito, de perguntar tudo.

43) FUNÇÕES GERAIS DA CONSCIÊNCIA:

Memória, atenção e associação nessa fase.

44) FENÔMENOS DO CAMPO REPRESENTATIVO:

Confusão entre a percepção e a imaginação.

45) FENÔMENOS DO CAMPO AFETIVO:

O hedopsiquismo: toda a vida infantil gira entre dois pólos: gostar e não gostar.

46) FENÔMENOS DO CAMPO ATIVO:

Movimento, reflexos, instintos, hábitos na criança de 3 a 7 anos.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

47) A CRIANÇA E O JÓGO:

O brinquedo é a atividade fundamental da vida da criança. Teorias sobre o jôgo. Classificação dos jogos.

48) A FASE FANTASISTA OU ANIMISTA:

A criança dá vida e alma a todos os seres.

49) DESENVOLVIMENTO MENTAL E DESENHO:

Através do desenho se pode avaliar bem o desenvolvimento mental e a alma da criança.

50) O NÍVEL MENTAL NAS CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS:

Relação dos testes BINET-SIMON para essas idades.

51) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

(Como devo agir na minha escola).

52) TÓPICOS PARA DEBATE.

53) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS:

Aplicação do teste BINET-SIMON a uma classe pré-primária e levantamento do respectivo histograma.

54) LEITURAS COMPLEMENTARES.

§ 41) CRESCIMENTO FÍSICO E TIROIDISMO

A segunda infância começa aos 3 anos, segundo a maioria dos psicólogos, embora alguns elevem esse início para os 4 anos. Do ponto de vista físico, o que caracteriza essa fase é a diminuição do ritmo do crescimento que passa a ser mais lento. Tal crescimento se processa mais no sentido longitudinal, isto é, na altura, do que no sentido da largura e grossura.

Assume grande importância nesta fase a *glândula tiróide*. Como vimos no volume anterior, (*) as tiróides são duas pequenas cápsulas situadas no interior do pescoço, na altura da traquéia. Seu funcionamento deficiente produz uma paralisia no crescimento — o chamado *infantilismo*. Apresentamos na gravura adiante (vide FIGURA 3) o caso de uma criança com 10 anos, sofrendo de atrofia da tiróide: sua altura, que deveria ser mais ou menos de 1 metro e 30 centímetros, é apenas de 77 centímetros (pegue o leitor numa régua e veja o que são 77 centímetros; basta lembrar que a criança com ano e meio de idade já mede 80 cm).

Essa paralisia no crescimento ocorre tanto no plano físico como no plano mental. Neste último acarreta tristes *oligofrenias*, que, conforme o grau de intensidade, recebem o nome de *cretinice*, *imbecilidade* e, afinal, *idiotia*. O *idiotia* é aquêlê cujo desenvolvimento mental se paralisou aos 3 anos de idade; assim, aos dez, vinte, trinta

(*) Vide "Psicologia Geral", § 23 — "As Glândulas de secreção interna".

FIG. 3

ATROFIA DA TIRÓIDE

(hipotireoidismo)

A paralisia do funcionamento da glândula tiróide é a causa desta menina de 10 anos de idade medir apenas 77 cm de altura. Sua pele é enrugada como a de uma velha. A altura dessa menina de 10 anos deveria ser 1 metro e meio. Seus 77 centímetros representam menos do que a altura de um bebê de 1 ano e meio.



anos de idade, êle tem sempre a mentalidade de uma criança de três anos. (*)

O troidismo, quando em pequeno grau, pode não ocasionar perturbações no desenvolvimento mental, produzindo apenas um excesso de gordura nas crianças, acompanhada de uma certa "lentidão mental". É o caso das crianças que, como vulgarmente se diz, "crescem para os lados, em vez de crescer para cima". Aliás, como dissemos no início do parágrafo, o que caracteriza a idade dos 3 aos 7 anos é exatamente o contrário: o crescimento longitudinal e não na largura.

O hipertireoidismo (funcionamento excessivo das glândulas tiróides) produz a moléstia de Basedow, co-

(*) Vide o cap. XXII d'êste livro, "Aferição da inteligência".

nhecida como *bócio* ou *papeira*, tão comum no interior do Brasil. O mal de Basedow acarreta estados de agitação mental, seguidos de períodos de depressão melancólica, tristeza, desânimo.

§ 42) DESENVOLVIMENTO MENTAL: FASE DOS "PORQUÊS"

Na fase dos 3 aos 7 anos a criança apresenta grande atividade mental: tudo quer saber, tudo quer fazer. Sente necessidade de falar muito e de perguntar tudo. É a fase dos "porquês?", que constitui o terror dos pais: — Papai, porque é que o cachorro tem 4 pernas e a galinha só duas? — "Porque é que o mar nunca enche?" — "Porque é que a chuva cai para baixo e a fumaça vai para cima?"

É realmente uma fase de grande atividade infantil. Mas os interesses da criança continuam no campo *subjetivo*: o que a preocupa sobretudo são os fatos relativos ao seu mundo, à sua família, a seus brinquedos.

O *brinquedo* é o que há de mais importante para a criança dos 3 aos 7 anos: de tal modo que a fase se chama *lúdica* (do grego *ludos* = jôgo, brinquedo). Mas falaremos especialmente sobre o jôgo no parágrafo 47.

§ 43) FUNÇÕES GERAIS DA CONSCIÊNCIA

Como vimos no volume anterior (*), as funções gerais da consciência são três: atenção — memória — associação de idéias. Observemos como ocorre cada uma delas na criança de 3 a 7 anos.

43.1) ATENÇÃO — É muito desenvolvida nesse período. A criança presta atenção a tudo. Entra em uma sala pela primeira vez e observa detalhes que fogem até à observação dos adultos.

(*) Vide "Psicologia Geral", caps. V, VI e VII

43.2) MEMÓRIA. — A criança nessa fase possui uma grande memória *mecânica*, mas pobre memória *lógica*. Isso significa que ela é capaz de guardar tudo, mas com dificuldade *relaciona* os fatos antigos com fatos novos (vide NÓTULA n.º 20, abaixo).

43.3) ASSOCIAÇÃO. — Nessa fase as associações se fazem sobretudo pelo nexus *afetivo* e não *lógico*, isto é, em termos de “gostar” ou “não gostar”, de “é bonito” e “é feio”, e não em termos de causa-efeito.

§ 44) FENÔMENOS DO CAMPO REPRESENTATIVO

44.1) PERCEPÇÃO. — Já dissemos (vide § 35) que a percepção da criança é a princípio *sincretica*: ela conhece as coisas apenas panoramicamente e de forma nebulosa. Nesta idade o sincretismo vai cedendo lugar à análise. A partir dos 2 anos, ou mesmo antes, ela consegue distinguir um objeto no meio de um todo; mas é sobretudo depois dos 3 anos que essa faculdade da percepção se torna muito aguda. As percepções mais difíceis são as de espaço e tempo: o menino não pode compreender que a cidade de São Paulo seja mais longe que a

NÓTULAS — N.º 20

A memória das crianças

As vezes os pais acham seus filhos inteligentíssimos, porque são capazes de decorar poesias enormes, declamar versos em francês (sem entender nem uma palavra...) e saber de cor todas as modinhas de carnaval daquele ano. O professor deve receber com muita cautela essas informações paternas, por duas razões: a) Qualquer criança normal tem a memória muito desenvolvida nessa fase da vida; b) Mesmo na idade adulta a simples memória não é expressão de inteligência.

A memória ajuda muito a inteligência, mas pode ser ou não característica de inteligência. Existem até numerosos casos de crianças retardadas mentais, que têm enorme dificuldade em compreender as cousas e, no entanto (talvez até por compensação da natureza...) possuem ótima memória.

distância do centro a Copacabana. Quanto ao tempo, é comum a criança dizer “ontem” para um fato sucedido há um mês ou há um ano atrás. Mas o fenômeno mais impressionante da percepção infantil é a sua absoluta incapacidade em distinguir entre o que realmente *viu* e o que *imagina* ver, ou seja, a confusão entre a *percepção* e a *imaginação*, conforme mostraremos a seguir.

44.2) IMAGINAÇÃO. — Como bem diz PIAGET, “não existem fronteiras entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo da criança”. Não possuindo *experiência* da vida e sendo pequena sua capacidade de *raciocínio*, a criança preenche essas duas lacunas com a *imaginação*. Ela não *sabe* como as coisas são: então, *imagina-as*. Essa é a causa do enorme desenvolvimento da imaginação infantil, a tal ponto que se pode chamar a idade de 3 a 7 anos de FASE FANTASISTA (vide adiante § 48).

44.3) JUÍZO E RACIOCÍNIO — A criança tem, como dissemos acima, pequena capacidade de raciocinar: por isso seu espírito é *pré-lógico*. Não é sem lógica, como dizem alguns professores mal avisados; a criança raciocina a seu modo. Como só conhece as *aparências* das cousas, julga-as por essas aparências. Por exemplo: ela sabe que um objeto qualquer não cai, estando seguro ou pendurado; então, diz: “as estrêlas não caem porque estão penduradas no céu”.

A criança conhece o rabinho do seu cachorro, a sacudir para um lado e para outro; então, se refere ao “rabinho do relógio”, que é o seu pêndulo. Como se vê, não há falta de lógica nesses juízos.

Conhecendo somente as aparências das cousas, os meninos querem tanto ser chofer, soldado de polícia, maquinista de trem, porque êsses homens representam

a seus olhos a fôrça e o poder (vide NÓTULA n.º 21 abaixo).

Pelas mesmas razões a criança respeita seu pai e mãe (além do amor que lhes dedique), pois ambos apresentam aos olhos infantis o máximo da fôrça e do poder.

44.4) LINGUAGEM — Nessa fase, a linguagem é simples e o vocabulário bem reduzido. A criança sabe usar muitos verbos, mas somente no modo indicativo. As formas das palavras que ela usa são *regulares* (a rigor, a criança está certa e as palavras é que seguiram uma forma irregular...); assim ela diz “*eu fazi*”, “*eu sabo*”, “*eu pedo*” formas que são mais lógicas do que “*fiz*”, “*sei*”, “*peço*”. Naquele brinquedo tão conhecido de “bento, que bento é o frade”, os meninos prometem: “tudo que seu mestre mandar, *fazeremos todos*”.

Assim como diz “*duas mãos*”, o garoto diz “*dois mamãos*” com uma certa lógica. E fala “*êle está aqui, eu vi êle*” frase que aparentemente é mais lógica do que “*êle está aqui, eu o vi*”.

Segundo CARMICHAEL (*), o vocabulário infantil, de maneira muito geral (pois varia de acôrdo com o

NÓTULAS — N.º 21

Os Heróis Infantis

Como a criança julga pelas aparências, aprecia os heróis que representam a fôrça física. Daí o prestígio das histórias da “bota de 7 léguas”, do “gigante Gulliver”, antigamente, e, em nossos dias, das aventuras de Tarzan, do “homem-pássaro” e do “super-homem”, tão bem explorados pelas revistas infantis americanas, que têm muitos defeitos graves, mas, não há dúvida, são feitas por quem conhece muito bem a psicologia infantil...

(*) CARMICHAEL é autor de uma notável obra, “*Child Psychology*”, com mais de 1.600 páginas, exclusivamente sobre Psicologia Infantil, onde colaboraram os mais famosos especialistas nesse assunto.

indivíduo, o meio social, o país, a raça, a educação dos pais) pode assim ser escalonado:

Idade	N.º de palavras	Idade	N.º de Palavras
8 meses	0	2 anos e 6 meses	446
10 meses	1	3 anos	896
1 ano	3	3 anos e 6 meses	1.222
1 ano e 3 meses	19	4 anos	1.540
1 ano e 9 meses	118	5 anos	2.072
2 anos	272	6 anos	2.562

Aos 7 anos deve a criança ter um vocabulário de 2.900 a 3.200 palavras, conforme seja de meio humilde ou elevado (DESCOEUDRES).

§ 45) FENÔMENOS DO CAMPO AFETIVO: O HEDOPSIQUISMO

45.1) HEDONISMO — A característica marcante desse período é a *afetividade*. A incapacidade de *raciocinar* da criança é substituída pela sua grande capacidade de *gostar*. A tal ponto que podemos chamar esse período de HEDOPSIQUISMO, isto é, de predominância da vida mental baseada no prazer (do grego *hedoné* = gosto, prazer). As *vivências* da criança refletem esse hedonismo: quase toda sua vida é submetida a esses dois motivos: faz as cousas “*porque gosta*”, não faz outras tantas “*porque não gosta*”, ao contrário de todos nós, adultos, que fazemos diariamente uma porção de cousas de que não gostamos... Exemplo: comemos verduras, embora não gostemos, porque sabemos que “*têm vitaminas*”. Mas a criança não gosta de verdura e não come

mesmo (a não ser quando forçada) ... (Vide NÓTULA n.º 22, abaixo.)

45.2) EGOCENTRISMO — Outra forte marca da vida psíquica infantil é o *egocentrismo*: a criança se preocupa exclusivamente, ou quase, consigo mesma, com as cousas que a rodeiam, ou que lhe dizem respeito. Seus interesses crescem, com o correr da idade, em círculos concêntricos cujo centro é ela própria.

45.3) CIÚME — Nessa idade os infantes são muito *ciumentos*: têm ciúme de seus brinquedos, de seus objetos de uso e até do carinho que os pais dedicam a seus irmãozinhos. ADLER explica que esse ciúme nasce do "sentimento de inferioridade" das crianças, isto é, de não se sentirem fortes em coisa nenhuma, de não terem confiança em si.

§ 46) FENÔMENOS DO CAMPO ATIVO

46.1) MOVIMENTO — No campo ativo, a marca dominante deste período da infância é a necessidade constante de movimento, de atividade. A natureza infantil precisa de atividade como precisa de alimento. É o movimento que faz a criança desenvolver-se.

NÓTULAS — N.º 22

Filosofia Hedonista

A essa atitude da criança, de só fazer o que gosta, é que se dá o nome de *hedonismo* (do grego *hedoné* = prazer, agrado) porque na Antiga Grécia houve uma escola filosófica com esse nome — HEDONISMO — cujo princípio era: "procura o prazer, foge da mortificação". Um *hedonismo* deturpado e falso é praticado hoje em dia por muita gente (principalmente na chamada "alta sociedade") que procura apenas os prazeres materiais da vida. Tal hedonismo é falso e reprovável.

Eis por que a criança gosta tanto de fazer as cousas, de "ajudar" os mais velhos, na sala, na cozinha, no quintal. Mal o adulto pega um trabalho, o garotinho logo vem pedir: "*deixa eu fazer também, papai?*"

Aliás, esse profundo desejo de "fazer as cousas" provém não só da necessidade de movimentar-se, como também do instinto de imitação, tão forte na criança (ver § 37.1). E essas duas razões somadas explicam em grande parte porque a criança tende tanto a seguir a profissão do pai. Glorinha, com 2 anos, pedia "*pen-pen*" (papel) e "*ápi*" (lápiz) para "*çavé*" (escrever) sempre que via o autor deste livro no escritório, escrevendo. Aos 2 anos e 3 meses queria "*cavê na báqui*" (escrever na máquina), e não sossegava enquanto não ficava ao lado do pai, a bater as teclas com seus dedinhos minúsculos (vide NÓTULA n.º 22-A, abaixo).

Em suma, liberdade e atividade são as condições essenciais para a vida infantil. Criança prêsa fica atrofiada, física e mentalmente (ver parágrafo n.º 125 sobre "Escola Ativa", no capítulo XII).

46.2) REFLEXOS E INSTINTOS — Aos 3 anos todos os *reflexos* básicos do indivíduo já se encontram perfeitos. Quanto aos *instintos*, possuem estes grande poder, exatamente porque (como dissemos no § 44) o raciocínio infantil quase não existe. Ora, conforme sabemos, é o raciocínio quem controla nossos instintos.

NÓTULAS — N.º 22-A

Hereditariedade ou influência do meio?

Esses fatos acima citados vêm diminuir de muito o orgulho e a vaidade dos pais: grande parte das "portentosas manifestações" de seus pimpolhos não provém da hereditariedade, não significam que a criança "puxou a inteligência do pai", nem que é "de uma precocidade espantosa", mas simplesmente que imita aquilo que vê o pai fazer, porque ela tem necessidade de fazer cousas, e o pai é o modelo mais próximo...

mesmo (a não ser quando forçada)... (Vide NÓTULA n.º 22, abaixo.)

45.2) **EGOCENTRISMO** — Outra forte marca da vida psíquica infantil é o *egocentrismo*: a criança se preocupa exclusivamente, ou quase, consigo mesma, com as cousas que a rodeiam, ou que lhe dizem respeito. Seus interesses crescem, com o correr da idade, em círculos concêntricos cujo centro é ela própria.

45.3) **CIÚME** — Nessa idade os infantes são muito *ciumentos*: têm ciúme de seus brinquedos, de seus objetos de uso e até do carinho que os pais dedicam a seus irmãozinhos. ADLER explica que êsse ciúme nasce do "sentimento de inferioridade" das crianças, isto é, de não se sentirem fortes em coisa nenhuma, de não terem confiança em si.

§ 46) FENÔMENOS DO CAMPO ATIVO

46.1) **MOVIMENTO** — No campo ativo, a marca dominante dêste período da infância é a necessidade constante de movimento, de atividade. A natureza infantil precisa de atividade como precisa de alimento. É o movimento que faz a criança desenvolver-se.

NÓTULAS — N.º 22

Filosofia Hedonista

A essa atitude da criança, de só fazer o que gosta, é que se dá o nome de **hedonismo** (do grego *hedoné* = prazer, agrado) porque na Antiga Grécia houve uma escola filosófica com êsse nome — **HEDONISMO** — cujo princípio era: "procura o prazer, foge da mortificação". Um **hedonismo** deturpado e falso é praticado hoje em dia por muita gente (principalmente na chamada "alta sociedade") que procura apenas os prazeres materiais da vida. Tal hedonismo é falso e reprovável.

Eis por que a criança gosta tanto de fazer as cousas, de "ajudar" os mais velhos, na sala, na cozinha, no quintal. Mal o adulto pega um trabalho, o garotinho logo vem pedir: "*deixa eu fazer também, papai?*"

Aliás, êsse profundo desejo de "fazer as cousas" provém não só da necessidade de movimentar-se, como também do instinto de imitação, tão forte na criança (ver § 37.1). E essas duas razões somadas explicam em grande parte porque a criança tende tanto a seguir a profissão do pai. Glorinha, com 2 anos, pedia "*pen-pen*" (papel) e "*ápi*" (lápiz) para "*çavê*" (escrever) sempre que via o autor dêste livro no escritório, escrevendo. Aos 2 anos e 3 meses queria "*cavê na báqui*" (escrever na máquina), e não sossegava enquanto não ficava no colo do pai, a bater as teclas com seus dedinhos minúsculos (vide NÓTULA n.º 22-A, abaixo).

Em suma, liberdade e atividade são as condições essenciais para a vida infantil. Criança prêza fica atrofiada, física e mentalmente (ver parágrafo n.º 125 sôbre "Escola Ativa", no capítulo XII).

46.2) **REFLEXOS E INSTINTOS** — Aos 3 anos todos os *reflexos* básicos do indivíduo já se encontram perfeitos. Quanto aos *instintos*, possuem êstes grande poder, exatamente porque (como dissemos no § 44) o raciocínio infantil quase não existe. Ora, conforme sabemos, é o raciocínio quem controla nossos instintos.

NÓTULAS — N.º 22-A

Hereditariedade ou influência do meio?

Êsses fatos acima citados vêm diminuir de muito o orgulho e a vaidade dos pais: grande parte das "portentosas manifestações" de seus pimpolhos não provém da hereditariedade, não significam que a criança "puxou a inteligência do pai", nem que é "de uma precocidade espantosa", mas simplesmente que imita aquilo que vê o pai fazer, porque ela tem necessidade de fazer cousas, e o pai é o modelo mais próximo...

Muitas vezes temos vontade de fazer uma cousa, mas não o fazemos, porque raciocinamos que *não devemos*. Exemplo: o instinto me leva a comer, mas o raciocínio evita isso, pois eu sei que devo fazer dieta, e se comer vou passar mal.

46.3) HÁBITOS — O psiquismo da criança, na segunda infância, é muito tenro, muito maleável, como barro novo. Por isso, com facilidade adquire ela *hábitos*, bons ou maus. Daí a necessidade transmitir-lhe comportamentos e atitudes certos nessa época, que se gravarão bastante em sua vida.

§ 47) A CRIANÇA E O JÓGO

Jôgo e brinquedo são sinônimos; aliás, em francês, *jouer* tanto significa “jogar” como “brincar” e em inglês *to play* significa igualmente ambas as coisas.

Como diz RABELO, “o brinquedo é a atividade fundamental da criança”. E acrescenta: “é o brinquedo a grande expressão da vida da infância”.

De nossa parte, acrescentamos que a criança tem necessidade de agir, de movimentar-se, de fazer cousas. Mas não pode agir como os adultos, então age à sua maneira, isto é, jogando, brincando. O jôgo responde à satisfação da necessidade biológica que a criança tem de movimento.

Mas, além disso, o jôgo vale ainda como forma de libertação dos impulsos inconscientes da criança, como libertação de seus complexos afetivos.

O brinquedo é, portanto, para a criança uma cousa séria. Tão séria como o jôgo para o adulto. Há indivíduos que empenham até a vida num jôgo de futebol, num torneio de atletismo, numa corrida ou num jôgo de cartas, que, não raro, termina em morte. A criança, que não pode fazer as cousas do adulto, resolve o problema, fazendo essas mesmas cousas em miniatura. Por isso os brinquedos infantis são quase sempre a reprodução das

atividades adultas: brincar de “papai e mamãe”, de “soldado e ladrão”, de “professôra”, de “comidinha”, de “bandidos”, de “guerra”, etc. (vide NÓTULA n.º 23, abaixo).

Daí a profunda verdade daquela frase de CLAPARÈDE:

— “O atural da criança é brincar e imitar.”

Por isso mesmo os brinquedos das crianças refletem, quase sempre, as formas de atividade do meio ambiente: a filha da professôra brinca de “escola”, o filho do chofer brinca de “automóvel”. Os meninos de um meio baixo, povoado de malfeitores, brincam de lutas e brigas. Na época da guerra, as crianças brincam também de guerra. Nas cidades, hoje em dia, por influência das idéias espalhadas pela imprensa, pelo rádio, pelo cinema e pelas conversas dos pais, as crianças brincam de “bomba atômica”, de “disco voador”, de “avião a jato”.

Os psicólogos têm procurado explicar a grande preocupação da criança pelo jôgo, criando várias teorias a respeito:

47.1) TEORIA FILOGENÉTICA — Segundo STANLEY HALL, “a ontogênese repete a filogênese”. Isso significa que cada indivíduo repete, na sua evolução, a própria evolução da humanidade. Assim, os brinque-

NÓTULAS — N.º 23

Imitando o adulto

Confirmando o que dizemos, entre o leitor numa loja de brinquedos e observe: ali estão, em miniatura, o ferro de engomar, o telefone, o automóvel, o avião, o trenzinho, a mobília, a máquina de costura, o pianinho, a espingarda, o revólver, o anci-
nho... tudo aquilo que compõe a vida do adulto.

dos infantis seriam vestígios das atividades primitivas da espécie humana: caça, pesca, luta, guerra, destruição.

47.2) TEORIA BIOLÓGICA — Outros psicólogos, com GROSS à frente, afirmam que o brinquedo é a forma de atividade através da qual a criança se prepara para a vida futura. Apontam, como prova, que o gatinho brinca caçando bolinhas de papel, enquanto o caribinho brinca dando cabeçadas: ambos estão se preparando para a sua vida futura.

47.3) TEORIA PSICOLÓGICA — Para o genial CLAPAREDE, seguido por quase todos os psicólogos modernos, "o brinquedo é a oportunidade para a criança afirmar sua personalidade pela ação. Mas essa tendência imperiosa de afirmação da personalidade não encontrando os meios comuns de exercício, procura criar derivativos ilusórios que substituem a realidade... Ela recorre a essa atividade sucedânea da realidade pela sua incapacidade de agir seriamente e pela oposição das circunstâncias exteriores... O brinquedo vem então corresponder a uma necessidade de afirmação da personalidade da criança por meios que estão ao alcance de suas forças, isto é: graças a uma compensação ilusória" (vide NÓTULA n.º 23-A, abaixo).

NÓTULAS — N.º 23-A

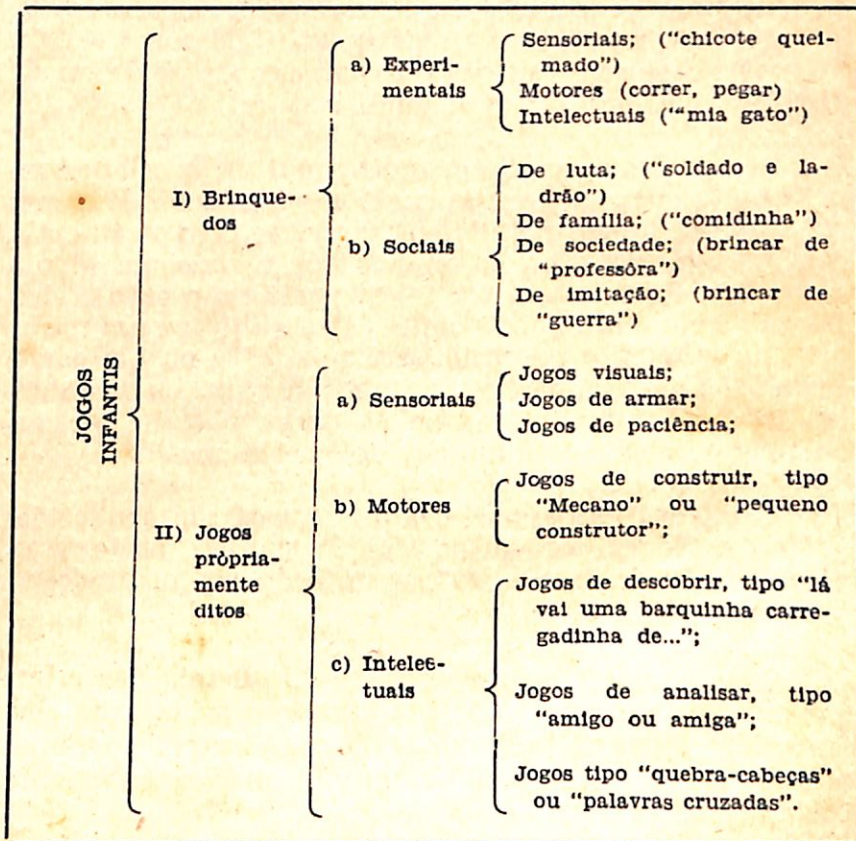
Claparède

Trecho resumido de CLAPAREDE, "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental", tradução brasileira, capítulo "O Jogo", páginas 400 a 449. Editora Alves; Rio, 1940.

Devemos salientar a importância extraordinária desta obra do genial pedagogo suíço, que já foi traduzida nas seguintes línguas: 1) Inglês, 2) Alemão, 3) Italiano, 4) Rumeno, 5) Espanhol, 6) Russo, 7) Turco, 8) Húngaro, 9) Polonês, 10) Tcheco, além de 11) Português.

CLAPAREDE é, sem dúvida, um dos maiores expoentes da Educação em todos os tempos e esse seu livro pode ser con-

47.4) TIPOS DE JOGOS — Os autores costumam classificar os vários jogos infantis segundo são brinquedos ou jogos propriamente ditos e segundo seus vários tipos. Baseado nessa classificação, o autor deste livro formulou o seguinte quadro:



siderado como a bíblia da Educação Moderna. CLAPAREDE esteve no Brasil em 1930, alguns anos antes de sua morte, a convite do governo de Minas Gerais, continuando, até hoje, entre nós, a sua discípula predileta e ex-assistente HELENA ANTIPOFF, a que já nos referimos no § 10, e de que voltaremos a falar no § 120.

§ 48) A FASE FANTASISTA OU ANIMISTA

Chama-se *animismo* a tendência a dar *alma* aos seres inanimados e aos animais (do latim *anima*, que significa *alma*). Essa tendência era parte integrante da vida do homem primitivo, que via sempre nos animais, nas plantas, nas forças da natureza (tais como o raio, o trovão, a luta, o eclipse) expressões de sorte ou de desgraça, de bom ou mau augúrio.

Neste ponto, como em muitos outros, a criança repete os homens da antiguidade e os nossos selvagens: ela é profundamente *animista*; conversa com os animais, com as bonecas, com os objetos que a rodeiam. Monta num cabo de vassoura e acha que está num cavalo vivo, falando com o animal. De uma caixa vazia faz um navio, que, no momento seguinte, será uma casa ou um carro. Promove guerras entre soldadinhos de papel ou de chumbo. E se machuca o dedinho na porta, bate na mesma, como vingança, chamando-a de "porta má!"...

Tais construções *míticas* da criança são conhecidas pelos psicólogos por vários nomes: "síntese fantasista", "capacidade de fabulação", "exaltação da imaginação", "mitomania", etc.

Esse animismo, fabulação ou mitomania das crianças consiste na criação de *um mundo à parte*, para elas. Impedidas, pela falta de idade, de penetrarem no mundo adulto, criam o seu próprio mundo, inconscientemente, onde vivem felizes.

Fadas, duendes, animais que falam, gigantes, burros voadores, super-homens, tudo isso existe realmente no mundo da criança. Por isso ela afirma cousas que não são verdadeiras para nós, adultos, mas que o são para ela. Através da *mitomania* a criança se afirma, realiza seus desejos, supera suas incapacidades. A *fabulação* é,

portanto, uma forma de libertação inconsciente. É um meio de superação da inferioridade infantil (vide NÓTULA n.º 24, abaixo).

Por aí se vê que, a rigor, não há *mentira* na criança dessa idade: o que há é incapacidade de distinguir entre o *visto* e o *imaginado*, ou seja, ausência ainda de auto-crítica, falta de poder de discernimento.

§ 49) DESENVOLVIMENTO MENTAL E DESENHO

O desenvolvimento mental das crianças pode ser avaliado de maneira bastante correta através dos seus desenhos, porque estes são uma *forma de expressão*, tal como a linguagem.

Por isso mesmo os psicólogos modernos dão tanta importância ao desenho infantil, e aconselham que pais e professores ofereçam tôdas as oportunidades para seus filhos e alunos desenharem, cousa aliás que as crianças adoram.

A exemplo da linguagem, a evolução do desenho infantil segue uma série de fases bem determinada:

NÓTULAS — N.º 24

— Por que destruir a fantasia infantil?

Por aí se vê como são perversos os adultos, como são verdadeiros bárbaros, quando procuram destruir, de chofre, essa *fase fantasista* da criança, que faz parte integrante da vida infantil, tal como os dentes de leite, que, na hora determinada pela natureza, caem, para dar lugar aos dentes definitivos.

Assim também a natureza se incumbe de ir transformando o espírito da criança de *fantasista* em lógico. O adulto não deve abreviar essa fase, dizendo à criança: — "sua bôba, Papai Noel não existe" — "A cegonha não carrega bebês no bico"... A seu tempo ela virá perguntar-nos isso, e, então, será a ocasião de explicar melhor, pois quando ela nos pergunta é porque também já não acredita...

- | |
|--|
| 1.a fase — 2 a 3 anos — Rabiscos descoordenados |
| 2.a fase — 3 a 4 anos — Garatuja pré-intencional |
| 3.a fase — 4 a 5 anos — Garatuja intencional; o girino; o esquematismo |
| 4.a fase — 5 a 7 anos — Desenho com movimento |
| 5.a fase — 7 anos — Realismo lógico; transparência |
| 6.a fase — 7 a 8 anos — Realismo visual. |

Até os 3 anos o menino quer apenas *rabiscar*; a partir dessa idade já procura dar alguma forma a seus traços. Dos 4 aos 7 anos faz com razoável verossimilhança desenhos tais como "homem", "criança", "casa", "trem", "navio", "flor", etc., embora seus desenhos, de regra geral, só contenham o esquema, o *contorno*, sem detalhes. Dos 7 aos 9 anos, o desenho da criança já adquire um realismo lógico, isto é, as cousas podem não estar de acôrdo com a realidade, mas apresentam muita lógica. A partir dos 9 anos, finalmente, o desenho infantil adquire o realismo visual isto é, passa a conferir com a realidade.

A questão do desenho infantil tem assumido tamanha importância que já há várias experiências feitas pelos psicólogos, a êsse respeito, em diferentes países do mundo. Entre elas devemos citar as de LUQUET, ROUMA, BÜHLER, CYRIL BURTT e o brasileiro SÍLVIO RABELLO, que coligiram, catalogaram e classificaram milhares de desenhos infantis, estudando sua significação e desenvolvimento (*).

De acôrdo com essas experiências, as crianças de todos os países do mundo desenhavam, de preferência *bonecos*, isto é, a *figura humana*, até mais ou menos 7 anos. Depois surgem as *casas*, os *animais*, os *meios de transporte* e aos 10 anos, as *árvores*, as *flôres*, os *objetos usuais*; depois as *paisagens*.

(*) SÍLVIO RABELLO reuniu, em Pernambuco, nada menos de 5.000 desenhos infantis, analisando-os e publicando o resultado num volume de 200 páginas: "Psicologia do Desenho Infantil".

Baseados nesses estudos, surgiram os testes de DECROLY, DEARBORN e GOODENOUGH, todos procurando avaliar o *nível mental*, ou seja, o Quociente Intelectual (Q. I.) da criança através dos seus desenhos.

O mais célebre desses é o de Miss FLORENCE GOODENOUGH, que consiste em mandar as crianças fazerem "um boneco". Recolhidos os desenhos, são avaliados, atribuindo-se um ponto para cada elemento da figura humana presente no desenho. (Vide exposição detalhada no assunto no capítulo XIV.)

Recentemente os psicólogos foram mais longe aproveitando o desenho infantil para a análise dos desajustamentos, fobias, recalques, complexos da criança. "O desenho infantil, diz LUQUET, como manifestação da atividade da criança, permite que penetremos em sua psicologia". Nesse sentido a grande psicóloga CHARLOTTE BÜHLER publicou recente livro, intitulado "*El Problema de la Infancia y la Maestra*", em que os desajustamentos infantis são analisados sempre à luz do desenho (vide NÓTULA N.º 25 abaixo).

Dedicamos o capítulo XIV dêste livro inteiramente ao desenho da criança.

NÓTULAS — N.º 25

O desenho revela os desajustamentos

CHARLOTE BÜHLER, conta o caso de um garotinho de 6 anos que desenhava uma casa presa a um poste "para não fugir" e um barco preso à casa "para não fugir". Todos os seus desenhos tinham uma cerca em volta. Perguntaram por quê e ele respondeu que era "para não fugirem". Feita a análise, verificou-se que o garoto tinha sido abandonado por seus pais, que fugiram, e o seu grande medo era que os pais adotivos também fugissem... Eis o desenho expressando os complexos do indivíduo.

Aliás atualmente existem vários testes de personalidade, inclusive para adultos, baseados no desenho (ver, a respeito, o nosso livro "Manual de Testes", vol. 10.º da Série I — A ESCOLA VIVA, desta mesma "Biblioteca Didática Brasileira").

§ 50) O NÍVEL MENTAL NAS CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS

Dissemos, no capítulo II, que a avaliação da inteligência ou nível mental se faz por meio de testes, entre os quais um dos mais célebres é a "Escala métrica de Binet-Simon".

De acôrdo com êsse teste BINET-SIMON, uma criança de inteligência normal deverá saber fazer as seguintes cousas:

Testes de 3 anos:

- 1) Mostre seus olhos; seu nariz, sua bôca.
- 2) Repita: 4-7; 3-8; 9-5.
- 3) Enumerar as cousas que vê numa gravura.
- 4) Como é que você se chama? (Nome e sobrenome).
- 5) Repita: eu gosto de doce.

Teste de 4 anos;

- 1) Você é menino ou menina?
- 2) Que é isto? (mostrar um canivete, um lápis, uma chave).
- 3) Repita: 4-7-9; 3-8-5; 7-8-5; 7-2-8.
- 4) Comparar o comprimento de duas linhas.
- 5) Repita: o menino está com fome.

Teste de 5 anos:

- 1) Qual dêstes dois é mais pesado? (apresentar um pêso de 3 g e outro de 12 g; depois, um de 6 e outro de 15 g; depois um de 10 e outro de 20 g).
- 2) Copiar um quadrado, de maneira reconhecível.
- 3) Repita: José tem um bonito cachorro.
- 4) Contar 4 objetos.
- 5) Executar uma triplice ordem: coloque a chave sôbre a mesa, feche a janela e traga o livro.

Teste de 6 anos:

- 1) Distinção do tempo (Agora é de manhã ou de tarde?)
- 2) Que é um garfo? E uma mesa? E uma cadeira? E um cavalo? E uma mamãe?

- 3) Copiar um losango, de maneira reconhecível.
- 4) Contar 13 objetos.
- 5) Côres (Que côr é essa? — Apresentar um objeto azul, outro verde, outro vermelho, outro amarelo, ou simplesmente essas côres desenhadas num papel).

Teste de 7 anos:

- 1) Mostre sua mão direita, sua orelha esquerda, seu olho direito.
- 2) Descrever uma cena apresentada numa gravura.
- 3) Dizer os dias da semana.
- 4) Repetir 5 algarismos: 5-2-9-4-7; 6-3-8-5-2; 9-7-3-1-8.
- 5) Dizer, sem contar, quantos dedos tem na mão direita e na mão esquerda juntas.

§ 51) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devo agir na minha escola)

Chegamos aqui à parte mais importante dêste capítulo. De regra geral, todos os futuros professores aprendem em suas Escolas Normais tudo quanto ficou dito nas páginas precedentes sôbre a criança de 3 a 7 anos. A dificuldade é aplicar, depois, êsses princípios na vida diária da escola. É transformar a teoria em prática. É, portanto, o que pretendemos fazer neste parágrafo: mostrar ao mestre *de que maneira deve êle agir na sua escola*, em cumprimento aos preceitos básicos acima expostos.

51.1) VALOR DO MÉTODO INTUITIVO — Como vimos no § 43, a criança tem uma grande capacidade de observação, às vêzes bem maior do que a do adulto; em compensação possui reduzida capacidade de raciocínio. Por isso, na escola, o método preferido deve ser o *intuitivo*, isto é, o baseado nas cousas concretas e na *observação dos alunos*. Seja em Linguagem, Matemática ou Geografia, o ensino deve partir sempre da observação direta da criança.

51.2) MEMÓRIA. — Conforme dissemos no § 43, a criança nessa fase tem grande capacidade de memorizar, mas a professora não deve sobrecarregar essa memória com cousas mais ou menos inúteis, ou, pelo menos, de pouco valor. E não se confunda *memória com inteligência*, como salientamos na NÓTULA n.º 20.

51.3) PEDAGOGIA DO AMOR. — O § 45 nos mostrou que a criança é predominantemente afetiva. Sua imaturidade e fraqueza, sua falta de segurança e de confiança em si geram uma grande necessidade de se saber assistida, amparada, apoiada, amada. A falta de amor, o abandono afetivo, a ausência de carinho produzem na criança distúrbios e desajustamentos dos mais graves. É absolutamente necessário, para o desenvolvimento normal da criança, que ela se sinta amada por seus pais, por seu meio ambiente, por sua professora. Daí o grande êxito do sistema educativo de DOM BOSCO — a Pedagogia do Amor. A primeira condição para alguém ser bom professor é esta: — *amar os seus alunos*.

51.4) LÓGICA SENTIMENTAL. — Ainda como consequência da afetividade infantil surge este conselho: devemos, os pais e educadores, apelar mais para o sentimento da criança do que para seu raciocínio. Quando a criança se sente amada pelos pais, pela professora, tende a obedecer-lhes. É mais fácil conseguir-se uma coisa do infante dizendo "*não faça isso que mamãe fica triste*", "*não faça isso que a professora não gosta*", do que dando uma longa explicação racional, em termos de causa e efeito. Naturalmente que, à medida do crescimento da criança, as explicações de ordem afetiva terão que ir sendo substituídas pelas verdadeiras razões.

51.5) FANTASIA E FABULAÇÃO. — Vimos no § 48 que o infante, no período de 3 a 7 anos, é profunda-

mente *fantasista*: vive num mundo povoado de fantasias, onde o real se junta com o irreal. Não há, portanto, nenhum mal em contar às crianças histórias de fadas, da "gata borralheira", do "chapeuzinho vermelho", de "Branca de Neve e os 7 anõesinhos", etc.

Certos professores achavam que não se devia contar "histórias de carochinhas" às crianças para não desenvolver nelas uma vida de fantasia. Nada mais errado. A criança é fantasista nessa idade, queiramos ou não. O erro dos adultos será continuar a contar histórias de fadas quando a criança já não mais acreditar nelas.

Outro erro do adulto é dizer à criança — "isso que você está contando é mentira", porque no cérebro infantil a mentira é inconsciente. Ela não sabe separar a verdade da mentira. Nosso papel é dizer, com calma e com carinho: — "meu filho, pense bem: você não vê que isso não pode ser assim..." E explicar por que não pode ser.

Se destruir a fantasia infantil antes de tempo é um erro, conservar essa fantasia além da época é erro ainda maior. Muitas crianças crescem mentirosas e continuam mentirosas o resto da vida por possuírem *imaginação exaltada* e não terem saído da fase da *fabulação*, que é natural dos 3 aos 7 anos, mas anormal a partir dessa época, a qual por isso mesmo, se chama a *idade da razão*.

51.6) ATIVIDADE E HÁBITOS. — O § 46 nos mostrou que os meninos, nessa época, têm absoluta necessidade de movimento: é um erro educacional, portanto, exigir, deles silêncio e imobilidade. O movimento é o clima necessário para o seu desenvolvimento físico e também mental.

Por outro lado, essa é a época adequada para a instauração na criança de *bons hábitos*. Todos os hábitos necessários à saúde (acordar cedo, escovar os dentes, comer a horas certas, tomar banho, andar limpo, dormir no escuro, etc., etc.) devem ser desenvolvidos *nessa idade*, ou mesmo a partir dos 2 anos e meio, *bem como muitos*

dos hábitos sociais (esperar a vez, dizer “bom dia” e “até logo”, respeitar as cousas alheias, não maltratar animais nem plantas, etc., etc.).

51.7) A DRAMATIZAÇÃO. — Como conseqüência de três princípios da Psicologia infantil (§§ 46 a 48) — *o movimento — o jôgo — a fantasia* — deve a escola lançar largamente mão do recurso da dramatização. Tudo, na escola primária pode ser dramatizado, especialmente na primeira série. A respeito de cada assunto de Linguagem, de Matemática ou de Conhecimentos Gerais deve a professôra contar uma história bem viva, com personagens que serão os alunos. O melhor exemplo dessas dramatizações são os livros do admirável MONTEIRO LOBATO (embora às vêzes o professor tenha que substituir certas idéias do autor, desaconselháveis para a educação da criança).

57.8) JOGOS EDUCATIVOS — Se a criança gosta tanto de jogar (conforme § 47), na escola os jogos devem ser fomentados, mas com sentido educativo. Naturalmente precisam ser variados, interessantes, atraentes e adequados à idade da criança. Os jogos educativos são de dois tipos: aquêles referentes a Português, Matemática, Geografia, etc., feitos durante a aula (*jogos didáticos*), e aquêles feitos no recreio, mais livres e movimentados (*jogos socializantes*).

§ 52) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Explicar a influência da glândula tiróide sôbre a vida da criança.
2. Quando a criança começa a perguntar tudo: por quê?, por quê?, por quê? — qual deve ser a atitude do adulto: (a) Explicar tudo minuciosamente? (b) Mandar a criança embora?

(c) Dizer “agora não posso, depois eu te explico”? (d) Explicar resumidamente à altura da compreensão infantil? — Por que proceder assim?

3. Que se entende por **hedopsiquismo**?
4. O brinquedo é para a criança um brinquedo? Sim ou não? Explique isso.
5. Citar as principais teorias a respeito do jôgo.
6. Que se entende por **capacidade de fabulação** da criança de 3 a 7 anos?
7. Quando uma criança nos fala em “Papai Noel”, “fadas”, “varinha mágica”, “cegonhas que trazem crianças no bico”, qual deve ser a nossa atitude em cada caso? Por quê?
8. Explicar a importância psicológica e pedagógica do desenho infantil.

§ 53) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS

- 1) Tomar uma classe pré-primária e aplicar a cada aluno o teste BINET-SIMON, apresentado no § 50. De acôrdo com os resultados dêsse teste, determinar o Q.I. de cada criança, conforme mostramos no capítulo XXII.
- 2) Responder a estas perguntas: (a) A turma está bem organizada, isto é, está **homogênea**? (b) Em caso contrário, que se deveria fazer para obter maior homogeneização e, conseqüentemente, maior rendimento na sua educação?
- 3) O professor da cadeira de PSICOLOGIA EDUCACIONAL pode distribuir as alunas da turma, de maneira a que cada uma aplique o teste sôbre um grupo de alunos do Jardim da Infância anexo à Escola Normal.
- 4) Dos resultados da turma deverá ser levantado o respectivo **histograma**. (A respeito de **histograma** ver capítulo XIX, § 221.)

§ 54) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Psicologia Geral”; vol. 4.º da Biblioteca Didática Brasileira; Editora Aurora; 3.ª edição; Rio, 1960.
2. CLAPERÈDE, Ed. — “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”; Editora Francisco Alves; Rio, 1940.
3. CLAPARÈDE, Ed. — “A Educação Funcional”; Editora Nacional; São Paulo, 1940.
4. DE LA VAISSIÈRE, S. J. — “Psicologia Pedagógica”; Editora Globo; Pôrto Alegre, 1937.
5. GAUP, Robert — “Psicologia da Criança”; Atlântida Editora; Rio, 1934.
6. RABELO, Silvio — “Psicologia da Infância”; Editora Nacional; São Paulo, 1943.
7. RABELO, Silvio — “Psicologia do Desenho Infantil”; Editora Nacional; São Paulo, 1935.

CAPÍTULO VI

A 3.ª Infância: Dos 7 a 12 Anos

(Fase de Especialização)

Ficha-resumo:

§§

55) **CRESCIMENTO FÍSICO:**

Obedece a ritmo mais lento. Traços de família. A criança precisa de movimento.

56) **CRESCIMENTO MENTAL:**

Maturidade sensório-motora. Capacidade para estabelecer “relações mentais” (semelhanças, diferenças). É a “idade da razão”. Começa a escolaridade.

57) **FUNÇÕES GERAIS DA CONSCIÊNCIA:**

A capacidade de observação vai começar a diminuir. A memória se mantém muito viva. Mas é sobretudo a associação de idéias que se desenvolve.

58) **FENÔMENOS DO CAMPO REPRESENTATIVO:**

- 1) Do hedopsiquismo ao noopsiquismo.
- 2) Subjetivismo e realismo.
- 3) Conhecimento do tempo.
- 4) Formulação de juízos próprios.

59) **FENÔMENOS DO CAMPO AFETIVO:**

Necessidade de amar e de ser amada.

60) **FENÔMENOS DO CAMPO ATIVO:**

Necessidade absoluta e permanente de movimento.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

61) **CONSCIÊNCIA SOCIAL E SUPER-EGO:**

Adaptação ao meio. Ajustamento social. Necessidade de socialização.

62) **O DESENHO NA FASE DE ESPECIALIZAÇÃO:**

Fase do realismo lógico (7 a 9 anos) e do realismo visual (9 anos em diante).

63) **O NÍVEL MENTAL NAS CRIANÇAS DE 7 A 12 ANOS:**

Os testes BINET-SIMON para cada uma dessas idades.

64) **ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:**

(Como devo agir na minha escola)

65) **TÓPICOS PARA DEBATE.**66) **EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS.**67) **LEITURAS COMPLEMENTARES.**§ 55) **CRESCIMENTO FÍSICO**

Entre os 7 e os 12 anos o crescimento físico obedece a um ritmo mais lento que o do período anterior. De regra geral a saúde da criança, nessa fase, é mais forte, exigindo menos cuidados por parte dos pais. "O corpo vai mostrando particularidades que se achavam ocultas, sob as formas rechonchudas, quando o menino era pequeno. Começam então a revelar-se as características da família, tais como a corpulência e a gordura, ou a esbelteza, acompanhada de longos ossos."

Em média, as crianças nessa fase aumentam mais ou menos *dois quilos por ano*. Essa questão do peso é importantíssima, convindo que a criança seja pesada de 3 em 3 meses para se ver se está ou não se desenvolvendo normalmente. Tal aumento de peso é consequência, em primeiro lugar, da boa alimentação, farta, variada e nutritiva. Mas é também fruto do bom funcionamento de todos os órgãos e aparelhos fisiológicos, bem como da boa ou má influência do meio (da família, do tipo de habitação, do bairro ou localidade e até da *vida emocional* da criança). Muitas vezes crianças mirradas e magricelas são apenas crianças infelizes, sem carinho, sem amor.

É interessante notar que aos 7 anos a cabeça atinge quase seu tamanho definitivo, pouco crescendo daí em diante, em contraste com o resto do corpo, que continua crescendo.

Já vimos (§ 55) que ao nascer a criança, sua cabeça mede *um quarto* do corpo. Aos 7 anos mede *um sexto* do corpo; na idade adulta porém, a cabeça mede apenas *um oitavo* do corpo.

Aos 7 anos igualmente o desenvolvimento do cérebro atingiu quase o seu máximo. Daí a *maturidade mental* que a criança alcança nessa idade, por isso mesmo chamada, com acêrto, de *idade da razão*. É a época em que deve ser iniciada a complexa tarefa mental que é a aprendizagem da leitura e da escrita.

O esqueleto da criança está em evidente desenvolvimento: cada ôsso cresce. Mas como são tenros e flexíveis os ossos, a criança pode fazer uma porção de posições com o corpo que o adulto já não consegue mais, pois nêle os ossos são rijos. Esse constante crescimento explica também porque a criança precisa de *liberdade de movimento* e de roupas folgadas. Pular, gritar, correr, esparramar-se, mudar de posição a todo instante, são necessidades fisiológicas da criança, que, sem isso, se atrofia e se torna mirrada (vide abaixo NÓTULA n.º 26).

Quanto aos dentes permanentes da criança, o seu aparecimento se dá de acôrdo com o quadro abaixo:

IDADE	DENTES PERMANENTES
6 a 7 anos	1 a 2 dentes
7 a 8 anos	4 a 8 dentes
8 a 9 anos	10 a 12 dentes
9 a 10 anos	12 a 14 dentes
10 a 11 anos	14 a 16 dentes
11 a 12 anos	24 a 26 dentes

NÓTULAS — N.º 26

Criança precisa andar descalça

O simples fato de andar muito tempo calçado, pode dificultar o crescimento dos ossos do pé das crianças, que não sabem disso, mas instintiva e acertadamente procuram andar descalças. Por outro lado, sabe-se que os japoneses, para suas filhas terem pés pequenos, costumavam enfaixá-los em tiras de pano, o que impedia o seu crescimento, confirmando, assim, que o crescimento normal da criança só se faz em largueza e liberdade (devidamente controlada, é claro).

§ 56) CRESCIMENTO MENTAL

Aos 7 anos a criança tem praticamente atingido sua *maturidade sensório-motora*: seus sentidos e sua coordenação muscular atingiram o término do crescimento espontâneo e natural. Daí em diante poderão ser desenvolvidos mas não através do crescimento natural e sim mediante exercício e treinamento.

Cresce, a partir da 3.ª infância, o poder de *abstração*, até então reduzidíssimo, quase inexistente. A criança até os 7 anos quase só consegue conhecer o *concreto*: pessoas, objetos, móveis, roupas, comidas, lugares. Por isso mesmo, como vimos no capítulo anterior, até os 7 anos, os testes de avaliação do nível mental só pedem à criança cousas concretas. A partir dessa idade (muito aceitavelmente chamada pelo povo de "idade da razão") o espírito infantil já é capaz de estabelecer algumas *relações mentais*, isto é, apresentar as "razões" dos fatos, como mostraremos no parágrafo seguinte.

Pelos motivos acima expostos, é que começa aos 7 anos a *vida escolar* da criança. Nessa idade está apta a iniciar a aprendizagem sistemática (visto que a aprendizagem não sistemática ela está tendo desde que nasceu).

Em todo caso, como há sempre *diferenças individuais*, é imprescindível que a criança seja submetida, antes da matrícula na 1.ª série, a *testes de maturidade*, para verificarmos se ela já está realmente apta a iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita. Tal aprendizagem exige uma série de capacidades: visual, auditiva, coordenação motora, etc. (1)

(1) Sobre "teste de maturidade", ver o livro "Didática Especial da 1.ª série", do Prof. AMARAL FONTOURA (volume 6.º desta coleção A ESCOLA VIVA, Editora Aurora, Rio).

§ 57) FUNÇÕES GERAIS DA CONSCIENCIA

A capacidade de observação da criança já atingiu seu máximo na fase anterior, e tende a estabilizar-se ou a diminuir ligeiramente. Isso se explica porque a criança, tendo que começar a prestar *atenção* na vida interior, naturalmente diminui sua capacidade de atenção para a vida exterior.

Quanto à *memória*, permanece muito viva e pronta. A criança nessa idade, muito mais do que posteriormente, tem capacidade para decorar uma imensidade de cousas. Infelizmente a escola primária tradicional, a "escola antiga" abusa dessa capacidade de memória da criança transformando o ensino, em grande parte, em uma terrível *memorização* de nomes, datas, regras de gramática, etc.

A função da consciência que mais se desenvolve nessa época é a *associação de idéias*, isto é, a capacidade de *relacionar* conhecimentos, fatos e impressões. Para "relacionar" é preciso abstrair, isto é, "ver de cabeça", ou seja, "ver" o objeto sem que ele esteja presente. Por exemplo: quando pergunto a uma criança "que diferença existe entre um cavalo e um boi", ela, para me responder, terá que formar *naturalmente* a imagem de ambos e lembrar-se dos característicos de cada um.

Até os 7 anos tal capacidade praticamente não existia: a criança via um objeto *concreto* e podia pensar nêle mas não tinha capacidade de extrair uma qualidade dêsse objeto e mentalmente *associar* com outra qualidade tirada de outro objeto. Em outras palavras, a criança não tinha possibilidade de *formar conceitos*.

Essa capacidade vem surgindo, a partir dos 7 anos, mas paulatinamente. Daí o erro da escola primária quando pretende ensinar *conceitos*, definições. Conhecemos compêndios de aritmética para crianças de escola primária que começam assim:

— "Número é o resultado da comparação entre duas quantidades". O aluno pode *decorar* essa definição, mas jamais compreenderá. A própria noção de número é difícil para a criança compreender: dizer 5 ou 9 tem para ela pouca significação. No entanto, ela compreenderá perfeitamente o que são 5 lápis, 9 meninos na sala.

BINET nos mostra isso muito bem nos seus "testes para medida da inteligência das crianças": ao garoto de 7 anos ele pede que "diga o que vê numa gravura"; mas só ao menino de 12 anos manda que "*interprete* uma gravura", isto é, que diga cousas que não estão ali concretamente representadas na figura.

§ 58) FENÔMENOS DO CAMPO REPRESENTATIVO

58.1) DO HEDOPSIQUISMO AO NOOPSIQUISMO. — No campo representativo a idade de 7 a 12 anos tem por característico máximo a passagem da vida afetiva ou hedopsiquismo (do grego *hedoné* = prazer), para a vida racional ou noopsiquismo (do grego *noo* = conhecimento). Em outras palavras, nessa idade a criança passa a ter *vivências* de caráter intelectual também, e não apenas afetivas.

Já dissemos que os 7 anos são justamente considerados a *idade da razão*: a criança passa a compreender melhor os fenômenos que a rodeiam e começa, aos poucos, a sentir que existe muita coisa além do seu restrito mundo imediato. Sua vida mental passa a ser mais marcada pelo *conhecimento*, pela inteligência, pelo raciocínio.

58.2) SUBJETIVISMO E REALISMO. — Como consequência, o *subjetivismo* dominante na criança vai sendo substituído pelo *realismo*: o mundo fantástico, povoado de duendes, de fadas, de animais que falam, de histórias da carochinha, de anõezinhos, de gigantes

e feiticeiras, desaparece completamente (vide NÓTULA n.º 27, abaixo). É o fim do período do *animismo* ou fetichismo, ou da fase *fantasista*, a que nos referimos no capítulo anterior (§ 48). Mas o realismo da criança de 7 a 12 anos ainda não é igual ao do adulto. Abandonando o *espírito de fantasia*, ela desenvolve o *espírito de aventura*: gosta de heróis, de homens poderosos. Daí o grande prestígio das histórias de aventuras, tais como "Buffalo Bill", "Dom Quixote", "Série Terra, Mar e Ar" e de Julio Verne, nos dias passados, bem como das histórias em quadrinhos com o super-homem, o homem voador, os marcianos, o raio da morte, etc., etc.

58.3) CONHECIMENTO DO TEMPO E DO ESPAÇO. — Nessa fase o infante passa a ter uma noção mais exata do tempo. Não só emprega adequadamente as noções de "hoje", "amanhã" e "ontem" (que já sabia usar na fase anterior), mas também as de "mês", "ano", "século", "minuto" e "segundo". Igualmente passa a compreender a noção de espaço: quilômetros, continentes, partes do mundo.

NÓTULAS — N.º 27

O Papai Noel e a Cegonha

É nesse momento da passagem da fase *fantasista* para a fase *realista* que desaparecem algumas das tradições mais caras da nossa vida. Com que nostalgia contemplamos as criancinhas que falam de Papai Noel com a mesma segurança que falam do vizinho ou do tio que reside em outras terras... Nunca se deve dizer à criança: "você é bôba, Papai Noel não existe"... Ela descobrirá isso por si mesma na devida época, ou seja, na passagem da fase *fantasista* para a fase *realista*. E da mesma forma descobrirá que não é a cegonha que traz os bebês no bico, para depositá-los na chaminé... Não queiramos abreviar, maldosamente essa fase feliz da vida das crianças: deixemos que a natureza o fará, no devido tempo (Vide adiante a "História da Cegonha" (§ 64.5)).

58.4) JUÍZOS PRÓPRIOS. — Se, na fase anterior, a criança se deixava guiar cegamente por seus progenitores, agora já não acontece mais assim. Ela raciocina e compreende que seu pai e sua mãe não são aqueles deuses que pensava. Verifica que eles erram, que brigam entre si, que às vezes mentem, que prometem e não cumprem... Então, o garoto já não pergunta tudo para os pais: começa a usar também outras fontes de informação, como os criados, os vizinhos e outros garotos. Aos 7 anos a expressão "*papai disse*" ainda tem força total: é uma sentença definitiva no espírito da criança: Mas aos poucos a palavra paterna vai perdendo essa força mágica. Então diminui consideravelmente o regime dos "porquês?". Não que a criança não se interesse mais em conhecer as causas, mas sim porque procura resolver os problemas por si própria. Ela começa a esboçar uma personalidade própria, a interiorizar-se. Uma característica muito típica deste desabrochar da personalidade infantil é a necessidade que o garoto sente de *ter segredos*, de fazer um grupinho de amigos iniciados nesses segredos, que nem os pais nem outras crianças devem saber (vide NÓTULA n.º 28, abaixo).

§ 59) FENÔMENOS DO CAMPO AFETIVO

Já dissemos que a criança, a partir dos 7 anos, troca uma parte da sua capacidade *afetiva* por capacidade *cognitiva*, isto é, de conhecer, de raciocinar. Mas isso

NÓTULAS — N.º 28

A Língua do "P"

Com a sua preocupação de ter segredos que os adultos não possam compreender, as crianças imaginam linguagens secretas, que "ninguém de fora pode entender" tal como a língua do pé: "*vopócepê vaipai aopao cipinepemapa hopojepê*"?

não significa que a criança dessa idade deixa de ser afetiva. Pelo contrário, a necessidade de amar e de ser amada é enorme, porque passa a ser mais consciente, e, por isso mesmo, mais imperativa.

Essa necessidade de *amor* se mistura com a necessidade de *segurança*: a criança sente que precisa "dos outros" para lhe darem atenção, comida na hora certa, e ainda roupas, brinquedos, passeios. Precisa de quem lhe esclareça as dúvidas, ajude-a nas dificuldades, dê-lhe refúgio e proteção. Tudo isso junto é que se chama *segurança*. E só o amor tem capacidade para satisfazer a toda essa gama de necessidades infantis. (Vide NÓTULA n.º 29 abaixo.)

§ 60) FENÔMENOS NO CAMPO ATIVO

A necessidade absoluta e permanente de movimento que domina a criança de 3 a 7 anos não diminui no período de 7 a 12 anos, mas adquire sensível coordenação. A criança já não pula, corre, braceja desordenadamente. Sua atividade passa a ser mais *finalista*, isto é, ter um objetivo bem determinado: jogar, fazer esportes, brincar.

Ao mesmo tempo surge a primeira diferenciação de atividades segundo os sexos; os brinquedos dos meninos passam a ser diversos dos das meninas; aquêles são mais agitados, estas mais acomodadas.

NÓTULAS — N.º 29

Importância do lar na vida da criança

Por isso é que assume tanta importância a existência de um lar bem formado, para o pleno desenvolvimento psíquico da criança: é que só os pais, só a família podem nutrir pela criança êsse amor capaz de toda a paciência, compreensão e desvêio. Nunca um funcionário de colégio, com 100 crianças a seu cargo, pode ter por cada uma delas o mesmo amor, os mesmos cuidados e atenções que seus respectivos pais teriam.

Igualmente nessa época começa a delinear-se aquilo que se denomina *tendência* ou *inclinação* e que o povo chama de "jeito": a maior atração da criança por uma determinada atividade, que ela executa com mais agrado, mais atenção e êxito. Por isso se chama a êsse período dos 7 aos 12 anos de fase da *especialização*.

§ 61) CONSCIÊNCIA SOCIAL E SUPER-EGO

Na terceira infância se desenvolve muito a *vida social*: pelo fato de possuir maior poder de compreensão, a criança percebe, enfim, que há uma sociedade organizada, com suas regras e seus *tabus*, e começa a adaptar-se à mesma.

Vai perdendo, por isso, aquela *espontaneidade*, que constitui a maior riqueza da infância: passa a ter atitudes mais estudadas. Adaptando-se ao meio, a criança adquire a capacidade de interiorizar-se, de dominar seus sentimentos, de dizer aquelas cousas que os adultos gostam que elas digam. À êsse fenômeno é que se chama o *ajustamento social* (vide NÓTULA n.º 30, abaixo).

Os psicanalistas explicam que os comportamentos da criança, até essa idade, vinham surgindo de dentro para fora, de acôrdo com a natureza e constituindo o *ego*; a partir de 7 anos (mais ou menos) surgem novas atitudes

NÓTULAS — N.º 30

Delícias do comportamento infantil

A espontaneidade do comportamento infantil é realmente uma delícia: ela atende à porta da rua e transmite o recado — "mamãe mandou dizer ao senhor que ela não está"... Ou, então, conta para a visita de cerimônia: "sabe, mamãe disse que a sra. pinta o cabelo e tem dentadura postiça"... Mas a partir da 3.ª infância a criança começa a aprender a "guardar as conveniências", isto é, a socializar-se (o que também significa *artificializar-se*...)

na criança, impostas de fora para dentro, isto é, pelas conveniências sociais, constituindo o *super-ego*.

DURKHEIM denomina aquela primeira fase da vida mental da criança de *consciência individual*, e à segunda, que começa a formar-se nesta fase, de *consciência social*. Desde então, e pela vida afora, cada um de nós possui sempre essas duas consciências — individual e social. E o pior é que muitas vezes lutam as duas consciências, dentro de nós... (vide NÓTULA n.º 30-A, abaixo).

Enfim, essa é a fase em que se desenvolve a *sociação*. Forma-se, na criança, o conceito de *nós*. Nasce o espírito de grupo, de classe. O garoto, que até então só tinha consciência do grupo familiar, e vivências procedentes da família, sente que faz parte também de um grupo de vizinhos, de uma classe, de uma escola, de uma igreja. Suas *vivências* passam a ser também de caráter social. Surgem os brinquedos de “quadrilha” e as manifestações coletivas.

É interessante notar que há povos muito mais individualistas que outros. O brasileiro é um deles, em contraposição aos americanos, que são altamente socializados. Os grupos de crianças, as quadrilhas infantis, nos Estados Unidos, adquirem um profundo espírito de solidariedade, apresentam enorme força de coesão entre si, e de repulsão a quem não pertence à *gang*.

NÓTULAS — N.º 30-A

Ego x Super-ego

Na realidade, é muito amiudada dentro de cada um de nós a luta entre o *ego* e o *super-ego*: entre aquilo que desejamos fazer e aquilo que devemos fazer. Eu desejo ir a uma festa, mas tenho o dever de ir dar aula. Desejo ler o jornal, mas tenho que receber gentilmente uma visita cacete... Desejo dizer verdades a alguém, mas sou obrigado a sorrir-lhe e dizer amabilidades...

Isso é um bem, se a *gang* quer trabalhar e ser útil, mas é um perigo se os garotos dão para o mal, formando as horripáveis quadrilhas de delinquentes jovens, terror da polícia americana.

§ 62) O DESENHO NA FASE DE ESPECIALIZAÇÃO

Dissemos, no capítulo anterior (vide § 49), que o desenvolvimento mental das crianças pode ser avaliado de maneira bastante correta através de seus desenhos, porque êstes são uma *forma de expressão*, tal como a linguagem.

No período anterior (3 a 7 anos) o desenho infantil se apresenta primeiro como “garatuja intencional” (3 a 4 anos) e depois na fase do “esquematismo” (4 a 7 anos). Encontramos a criança agora na fase do “realismo lógico” (7 a 9 anos) e do “realismo visual” (a partir dos 9 anos). O assunto é desenvolvido no capítulo XIV.

§ 63) O NÍVEL MENTAL NAS CRIANÇAS DE 7 a 12 ANOS

Conforme a “escala métrica BINET-SIMON”, já referida no capítulo II, uma criança de inteligência normal deverá saber fazer as seguintes cousas:

Teste de 7 anos:

- 1) Mostrar sua mão direita, sua orelha esquerda, seu olho direito.
- 2) Descrever uma cena representada numa gravura.
- 3) Dizer os dias da semana.
- 4) Repetir cinco algarismos: 5-2-9-4-7; 6-3-8-5-2; e 9-7-3-1-8.
- 5) Dizer, sem contar, quantos dedos tem na mão direita e na mão esquerda juntas.

Teste de 8 anos:

- 1) Diferençar 2 objetos de memória (môscas e borboleta)
- 2) Contar de 20 até zero.

- 3) Descobrir lacunas em figuras (mostram-se desenhos da pessoa humana, faltando em cada um uma coisa: o nariz, a boca, um braço, um olho, e pergunta-se "o que é que está faltando nesse desenho?"). (Vide Figura no capítulo XXII.)
- 4) Dar a data do dia (dia, mês e ano).
- 5) Dar o trôco em 2 cruzeiros ("Você tem balas para vender; eu compro umas, no valor de 40 centavos e lhe dou 2 cruzeiros; que moedas você tem que me dar de trôco?")

Teste de 9 anos:

- 1) Dar 5 definições (Cavalo — Garfo — Mesa — Cadeira — Mamãe). Exemplo: "cavalo é um animal que puxa os carros e também serve para montarmos nêle". A definição deve ser bem superior à dada pelas crianças de 6 anos (vide § 50).
- 2) Enumerar todos os meses, em ordem correta.
- 3) Responder a 3 perguntas (1. Que se deve fazer quando se perde o trem? 2. Que se deve fazer quando um colega nos dá um empurrão sem querer? 3. Se você quebrar um objeto que não é seu, que é que você deve fazer?)
- 4) Estabelecer a diferença entre 6 seres parecidos (môscas — borboleta — barata — abelha — besouro e cigarra)
- 5) Ler uma história e recordar 6 itens (João e Maria são dois bons irmãos; outro dia eles foram ao mercado e compraram um presente para seu pai, que fazia anos).

Teste de 10 anos:

- 1) Ordenar 5 pesos (Colocar em ordem crescente 5 caixinhas que pesam respectivamente 3, 6, 9, 12 e 15 gramas).
- 2) Construir duas sentenças usando três palavras dadas (Brasil — fortuna — rio). Ex.: o Amazonas é um rio do Brasil. No Brasil há homens de fortuna.
- 3) Desenho de memória (apresentam-se ao paciente, durante 10 segundos, 2 desenhos geométricos simples, como uma grega e uma seção de prisma; depois, pede-se que ele os desenhe noutro papel, de memória).
- 4) Responder a 3 difíceis problemas: 1) Quando se está atrasado para chegar à escola, que se deve fazer? 2) Antes de decidir um importante negócio, que se deve fazer? 3) Por que se perdoa mais facilmente uma

ação má realizada com cólera, do que uma ação má praticada sem cólera?

- 5) Diga que absurdos há nestas frases: 1. Tenho 3 irmãos: Paulo, Ernesto e eu. 2. A beira da estrada encontraram uma mulher cortada em dez pedaços; acredita-se que ela tenha se suicidado. 3. O rapaz corria tanto que sua sombra não podia acompanhá-lo.

Teste de 11 anos:

- 1) Dar mais de 60 palavras (quaisquer) em 3 minutos.
- 2) Explicar 3 conceitos (Que é bondade? coragem? amizade?)
- 3) Repetir 6 algarismos (a) 6-9-5-0-3-7. (b) 9-2-6-1-3-8 (c) 7-3-8-4-1-9.
- 4) Formar uma frase com 3 palavras dadas (mesa — canavial — sapato).
- 5) Dar 3 rimas para uma palavra (para bondade, estudioso e carneiro; 3 rimas para cada uma).

Teste de 12 anos:

- 1) Repetir algarismos inversamente (o professor dirá 9-3-6-7-4, e quando acabar, o paciente deverá repeti-los ao contrário: 4-7-6-3-9).
- 2) Dar 3 rimas para cada uma das seguintes palavras: estampido — amazonense — besouro.
- 3) Interpretar uma gravura.
- 4) Explicar 3 conceitos (Que é justiça? caridade? amor?)
- 5) Reconstruir sentenças em desordem (1. cão dono bom seu um corajosamente defende. 2. Meu meu pedi a exercício corrigisse mestre que. 3. Chuvas de negras anunciam no nuvens céu aproximação a.)

§ 64) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devo agir na minha escola)

64.1) CRESCIMENTO E LIBERDADE. — A liberdade é essencial para o crescimento normal das crianças (liberdade bem controlada, é claro...) A criança muito prêsca em casa ou na escola tende a atrofiar-se. Pôr o recreio dentro da sala é um erro. Recreio significa brincadeiras, corridas, barulho (tudo devidamente controlado)

pela professora). Pela mesma razão são inteiramente condenados os modernos apartamentos, onde a criança fica prêsa entre quatro paredes, e que por isso melhor se chamam "apertamentos"...

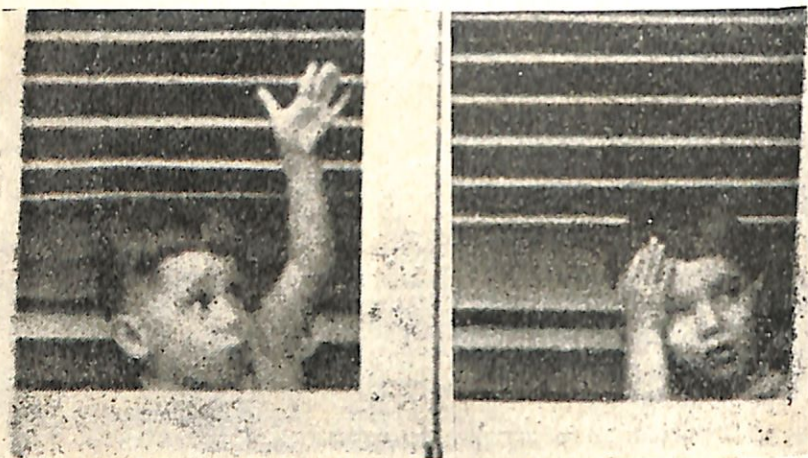


FIGURA 3-A

CRIANÇAS DE APARTAMENTO

Veja-se como é impressionante a expressão de tristeza dessa "criança de apartamento", para quem "apartamento" é sinônimo de "prisão".

A criança que cresce sem poder expandir-se, como a de apartamento, não consegue, de regra geral, desenvolver-se nem física nem mentalmente de maneira adequada.

Alguns pais evitam esse mal deixando as crianças ficar constantemente fora de casa, onde só vão para comer e dormir. Mas isso é substituir um mal por outro ainda maior. O excesso de liberdade da criança é tão nocivo, ou mais, do que o excesso de prisão.

64.2) ESPÍRITO DE AVENTURA. -- Dissemos (no § 58.2) que a criança de 7 a 12 anos passa do espírito de *fantasia* para o *espírito de aventura*. Por isso, a professora que acertadamente usava das histórias de anõesinhos, gigantes e feiticeiras como motivação para suas aulas, deve substituí-las pelos novos motivos: histórias de aventuras.

Esse espírito de aventura das crianças é ótimo para ser aproveitado em *dramatizações*. Então, a mestra poderá dramatizar assuntos de Linguagem, de Matemática, de Geografia, de História. Algumas pessoas pensam que "dramatização" só pode ser dos pontos de História: descoberta do Brasil, Bandeiras, Libertação dos Escravos, etc. Não. Tudo pode ser dramatizado, com grande alegria para a criança: desde "regras de gramática" até "sistema métrico", desde "produções naturais" até "animais úteis e nocivos".

Aliás, o melhor exemplo a respeito do que dizemos são os livros desse grande escritor brasileiro MONTEIRO LOBATO (com as restrições necessárias, que os professores devem fazer a certos exageros do autor), pois não são mais do que Linguagem, Matemática e Geografia *dramatizadas*, da primeira à última página de cada volume!

64.3) JOGOS DIDÁTICOS. — Afirmamos que o *jôgo* é a grande constante da conduta infantil. A criança gosta do *jôgo* como os adultos gostam do cinema, da política, do futebol, das discussões, das viagens. Com a agravante de que, entre os adultos, as preferências se dividem e cada grupo ama uma certa forma de atividade, enquanto que entre as crianças, não sendo possível nenhuma outra forma, a única que concentra o total da atividade infantil é o *jôgo*. O professor deve ter, pois, a preocupação de organizar amiudadamente jogos didáticos com a sua turma, seja para o ensino de Linguagem ou de Matemática ou de Ciências.

Alguns mestres, por outro lado, pensam que "organizar jogos" significa estabelecer um jogo com material especial, regras meticulosas e bem determinadas e grande dispêndio de tempo. Então, dizem que não podem fazer jogos em sua classe por falta de tempo ou de material. Não, não é assim. Podemos ter uma "atitude de jogo", isto é, de estímulo, de competição, de entusiasmo em nossa classe, mesmo sem possuir material apropriado e sem perder tempo com isso (vide NÓTULA n.º 31, abaixo).

64.4) CRÉDITO DE CONFIANÇA. — Dissemos (§ 58.4) que a partir dos 7 anos — a chamada idade da razão — a criança começa a formular juízos próprios, não aceitando qualquer coisa que lhe digam. Ela compara as afirmações dos pais e mestres com a de outros conhecidos e as dos próprios colegas. Por isso, é muito importante, nessa fase, que os professores e pais não percam o "crédito de confiança" de que gozam junto à criança.

Tanto os pais como as professoras devem evitar qualquer mentira, nas cousas que dizem ao garoto, em-

NÓTULAS — N.º 31

Jogar sem jogos

O simples fato de chamar o aluno ao quadro, para fazer um problema, escrever isto ou aquilo, poderá converter-se em um entusiasmado jogo, desde que o mestre chame 3 ou 4 alunos ao mesmo tempo, para ver quem acerta primeiro. Outro caso: dividindo a turma em duas alas — direita e esquerda — o jogo pode consistir até em irem os garotos dando exemplos daquelas cousas que o professor fôr ensinando. O lado que der maior número de exemplos será o vencedor. E ainda se poderá aperfeiçoar o jogo, dando a cada lado ou ala o nome de um Estado brasileiro, de um país, de um vulto histórico. Ex.: **Cabral e Colombo**, como costumavam fazer as mestras dêsse benemérito e admirável Colégio de Sion.

bora, muitas vezes, tenham que "ajeitar" a verdade, para não chocar o tenro espírito infantil. Nem se deve mentir, nem se deve dizer a verdade dura e rude.

Jamais se deve prometer às crianças cousas que se sabe não poder cumprir. Igualmente nunca devem os adultos amigos da criança discutirem e brigarem na frente dela, porque isso acarreta uma grande *insegurança* para a vida psíquica do garoto: êle fica sem saber em quem acreditar.

Pela mesma razão é um grave erro a diretoria da escola ou o inspetor escolar chamarem a atenção da professora na frente de seus alunos. A educação infantil será tão mais frutuosa quanto mais a criança tiver *confiança* no seu educador.

64.5) A HISTÓRIA DA CEGONHA. — Um dos mais difíceis problemas educacionais dessa fase é quando a criança chega perto de nós e faz aquela tremenda pergunta: — "*como é que a gente nasce?*" Quando ela nos lança êsse terrível problema em nosso rosto, em geral é porque já não acredita mais na história da cegonha... — Como fazer então? Acabamos de dizer que *é proibido mentir às crianças* nessa fase. Mas, por outro lado, uma informação chocante, brutal pode causar danos maiores do que a mentira... Não, não temos o direito de ser cruelmente realísticos.

A solução será ir mostrando, com muito cuidado, muito carinho e muito amor, que Papai do Céu gosta tanto das criancinhas que as guarda dentro de suas mãezinhas até o momento do nascimento.

Naturalmente cada pai ou professor preencherá o resto da história segundo suas próprias inclinações e capacidade, desde que o faça com o máximo de dignidade e respeito. O autor dêste livro já tem dado aulas em diversos lugares, sobre êsse assunto, mas infelizmente não nos podemos alongar demais aqui, por não ser oportuno.

64.6) **SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO.** — Se na terceira infância atinge maior importância a vida social da criança, deve o professor cuidar bastante dessa *sociação* na escola: transmitir atitudes sociais, hábitos sociais. É preciso ensinar a criança a *conviver*, isto é, a viver em boa harmonia com seus semelhantes.

O professor deve ensinar aos alunos o meio termo: nem serem individualistas, egoístas, querendo fazer só a sua vontade; nem se tornarem criaturas abúlicas, sem personalidade, tipo “maria vai com as outras”...

Precisamos desenvolver nas crianças, na escola, o amor à comunidade, seja à grande comunidade, que é a cidade ou município, seja à pequena comunidade que é a escola. Fazê-las colaborar para o bem estar dos outros, para o bem comum, para o progresso da sua terra.

Para ser realmente *educativa*, a escola precisa ser uma *sociedade em miniatura*, aonde os alunos não vão apenas “ouvir aulas”, mas sim *viver*, num ambiente cordial, amigo, fraterno.

64.7) **INFANTILISMO.** — É um grave erro querer que o menino seja homem antes de tempo: isso é forçar a sua natureza. Mas igualmente é errado tratar o menino de 7 a 12 anos como se fôsse pequenino, o que pode contribuir para que haja uma paralisação mental no seu desenvolvimento. Tal paralisação recebe o nome de *infantilismo*: é o caso das “crianças-grandes”, adolescentes que continuam a ter atitudes de criança.

§ 65) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Por que se chama aos 7 anos a “idade da razão”? É certa ou errada essa denominação? Por quê?
2. Por que devem as crianças andarem descalças uma parte do dia?

3. A criança não possui “capacidade de abstração”. Explicar o que significa isso.
4. Que importantíssimas conseqüências se tiram do princípio acima para aplicação nos métodos de ensino primário?
5. Na 3.^a infância o **hedopsiquismo** vai sendo substituído pelo **noopsiquismo**. Explicar o que significa isso.
6. Importância da **sociação** da criança nessa época; citar meia dúzia de maneiras de realizá-la na escola primária.

§ 66) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS

- 1) Tomar uma classe primária, de qualquer série, e aplicar a cada aluno o teste BINET-SIMON, apresentado no § 63. De acordo com os resultados desse teste, determinar o Q.I. de cada criança, conforme mostramos no cap. XXII deste livro.
- 2) Responder a estas perguntas: (a) A turma está bem organizada, isto é, **homogênea**? (b) Em caso contrário, que se deveria fazer para obter maior homogeneização, e, conseqüentemente, maior rendimento na educação desses alunos?
- 3) O professor da cadeira de PSICOLOGIA EDUCACIONAL pode distribuir as alunas da sua turma, de maneira a que cada uma aplique o teste sobre um grupo de alunos da Escola Primária que deve existir anexa à Escola Normal.
- 4) Dos resultados da turma deverá ser levantado o respectivo **histograma**, conforme mostramos no capítulo XIX, § 221.

§ 67) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Psicologia Geral” vol. 4.^o da Série I — A ESCOLA VIVA desta Bi-

- biblioteca Didática Brasileira, Editora Aurora; 3.^a edição; Rio, 1960.
2. ARAUJO, Juan Gómez — “Aprendizaje y Educación”; Libreria “El Ateneo”; Buenos Aires, 1945.
 3. GATES, A. I. — “Psicologia para Estudantes de Educação”; 2 volumes; Editora Saraiva; São Paulo, 1941.
 4. GUILLAUME — “A Formação dos Hábitos”; Editora Nacional; São Paulo, 1939.
 5. LOUZAN & CARBONELL — “Psicopedagogia”; Ediciones Afirmación; Montevideo, 1948.
 6. MEUMANN, Ernesto — “Pedagogia Experimental”; Editorial Losada; Buenos Aires, 1947.

CAPÍTULO VII

A Adolescência: Dos 12 a 18 Anos

Ficha-resumo:

§§

68) CRESCIMENTO FÍSICO:

Desenvolvimento rápido; músculos no rapaz e curvas na menina-moça.

69) A CRISE DA PUBERDADE:

Amadurecimento das glândulas e órgãos sexuais. Erotismo e sexualismo generalizado. Sentimento de angústia e derreísmo.

70) CONCEPÇÃO DO MUNDO:

O adolescente precisa de um guia ou “ídolo”. Perda de prestígio do pai, que passa a ser “o velho”.

71) CONTRADIÇÕES DA ADOLESCÊNCIA:

O adolescente quer ser “diferente”, exótico, chamar atenção sobre si. O “desejo de ser” e o “medo de não ser”.

72) CARACTERES DA ADOLESCÊNCIA ATUAL:

Desejo de independência exagerada. Grande precocidade em assuntos políticos. Preocupação demasiada com os esportes.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

73) JUVENTUDE TRANSVIADA?

Os adultos super-ocupados em seus empregos ou em suas obrigações sociais são em grande parte o responsáveis pela juventude transviada dos nossos tempos.

74) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

Como devemos proceder com os adolescentes.

75) TÓPICOS PARA DEBATE.

76) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS.

77) LEITURAS COMPLEMENTARES.

§ 68) CRESCIMENTO FÍSICO

A palavra "adolescência" vem do latim "adolescere", que significa *crescer*. Adolescência, portanto, é a fase que se caracteriza por um *crescimento* muito rápido. Há uma verdadeira aceleração nos processos de crescimento; por isso os ingleses chamam a essa idade a *fase do salto*. Os adultos dizem, admirados, para os meninos nessa idade: — "você está ficando homem!", porque realmente nessa fase o menino adquire os caracteres do adulto e a menina se torna moça.

Esta é a quarta e última fase do crescimento humano: vimos que as três anteriores são a 1.^a infância (de 0 a 3 anos), a 2.^a infância (de 3 a 7 anos) e a 3.^a infância (de 7 a 12 anos), coincidindo desta última com a idade escolar, isto é, com a época da *escola primária*. A adolescência corresponde à idade do *curso secundário*. Aos 18 anos, terminada a adolescência, entra o indivíduo na sua fase adulta, que recebe o nome de *juventude* dos 18 aos 25 anos. A partir dos 25 anos e até os 40 ou 50 anos está o indivíduo na *idade madura*. Finalmente a partir dos 50 anos vem velhice, com as suas decadências, até os 70 anos, quando o homem entra na *decrepitude*, até a morte.

Naturalmente todos esses limites de idade são simbólicos: variam de indivíduo para indivíduo e ainda segundo o sexo, a raça, a latitude, a classe social, a situação econômica: um homem do povo, que trabalha no pesado, tende a desgastar-se mais depressa que outro, levando vida moderada. Uma mulher proletária e sem

trato envelhece muito rapidamente e aos 25 anos parece às vezes ter mais de 40.

Mas, como dizíamos, a adolescência é uma fase de grande e visível desenvolvimento físico e fisiológico. Há um marcante crescimento longitudinal dos ossos. Desenvolvem-se os músculos no rapazola e as curvas no corpo da menina-moça, que toma as graciosas formas femininas.

Os rapazinhos querem “mostrar seu muque”, ficam provocantes, gostam de brincar de luta, para “medir forças”, para mostrar que “são homens”. As moçoilas, ao contrário, procuram ser coquetes, realçar suas formas feminis. Uns e outros denotam grande preocupação com o corpo, com o rosto principalmente, olhando-se muitas vezes por dia ao espelho.

Elas têm uma verdadeira angústia de poderem vir a ser feias e desprezadas; êles sofrem com o medo de virem a ser efeminados.

§ 69) A CRISE DA PUBERDADE

O característico máximo da adolescência, porém, é a *puberdade*, palavra que significa o despertar da vida sexual. “Puberdade” vem do latim *pubis*, nome da saliência do nosso ilíaco que fica perto dos órgãos sexuais. Essa saliência é que de regra geral, ao iniciar-se a vida sexual, fica coberta de pelos.

A puberdade, comumente, significa o amadurecimento da capacidade de gerar filhos. Geralmente se marca o início dessa puberdade, na menina aos 12 anos, com o aparecimento da menstruação e, nos meninos, aos 14 anos, com o surgimento do líquido espermático. Mas essas datas, como as anteriormente citadas, são muito flutuantes e variam de indivíduo para indivíduo, além de sofrerem a influência do clima, da raça e das condições de vida.

A essa puberdade corresponde uma alteração geral no organismo e no psiquismo, no corpo e no espírito,

no físico e no caráter. De acôrdo com as teorias modernas, como salientam HADOW & SPENS, “tôdas as modificações do caráter são consideradas somente como resultados secundários de uma modificação fundamental. Direta ou imediatamente se devem principalmente ao amadurecimento das glândulas e órgãos sexuais”. E acrescentam: “as modificações glandulares acarretadas pelo amadurecimento sexual são capazes de iniciar profundas modificações no crescimento físico e intelectual, nas emoções e no temperamento”. Isso ocorre, segundo acreditam os cientistas, pelas substâncias chamadas *hormônios* que aquelas glândulas segregam na corrente sanguínea.

Interessante é notar que antes do *sexualismo* propriamente dito existe uma fase de *erotismo*, em que o sexo surge e domina, mas de maneira muito difusa. O jovem vê sexo em tudo: o rapaz e a moça pensam constantemente no sexo oposto, imaginam cenas de amor que êles e elas nem sabem exatamente como sejam. Têm desejos que não sabem exprimir. Têm um grande desejo de amar. Aliás, amam, mas não sabem direito a quem. É comum o jovem nos confessar: — “eu tenho um louco desejo de amar, eu preciso de quem me ame”. Outros se exprimem assim: — “eu estou loucamente apaixonado, mas não sei ainda por quem”.

Esse erotismo difuso gera um vago *sentimento de angústia*: o adolescente é assaltado por dúvidas, quanto ao futuro, quanto a êle próprio, se é ou não querido pelos outros, se vai ou não conseguir tudo que deseja na vida. Esse sentimento de angústia leva-o às vezes a sonhar acordado, a ausentar-se de tudo em torno de si, criando não raro uma espécie de *derreísmo* (ausência do real, falta de realidade).

Muitos adolescentes, ao contrário, julgam que todos estão apaixonados por êles. A mocinha acha que o professor ou o médico têm paixão por ela, apesar de êstes

mal a olharem. O rapazinho se apaixonou pela moça vizinha, muito mais velha do que ele... Depois... tudo passa, felizmente...

§ 70) CONCEPÇÃO DO MUNDO

Até os 7 anos o mundo da criança era o seu lar. Dos 7 aos 12 anos esse mundo passou a ser o lar, a escola, o caminho entre o lar e a escola, e pouca coisa mais. A partir dos 12 anos esse mundo passa a incluir outros elementos cada vez mais numerosos, tais como o grupo de recreio ("os amigos"), os jornais, as sessões de cinema, os programas de rádio, a igreja, o clube de futebol, as reuniões dançantes, etc., em círculos cada vez maiores, até atingir o próprio mundo. Suas *vivências* são, porém, desconhecidas e confusas, pois este imenso mundo é cheio de contradições. O adolescente tem, então, necessidade de formular seus próprios conceitos do mundo.

Falamos, no capítulo anterior, que na 3.^a infância a criança em geral perde muito daquela fé, daquela confiança cega que tinha nos pais. Esse desmoronamento, na maioria dos casos, prossegue na adolescência. Mas o adolescente continua tendo necessidade absoluta de possuir *um guia*, uma norma, um modelo para sua vida, que o ajude a compreender e agir nesse confuso mundo em que ele vai penetrando.

Surgem, então, os *ídolos* novos. Ídolos que às vezes continuam sendo os pais (raramente) mas em geral são personalidades de grande prestígio cívico, político, intelectual. Ou então, conforme o seu nível social, o adolescente toma como *ídolo* um jogador de futebol, um artista de rádio ou de cinema. Adolescentes criados num ambiente de brigões e desordeiros têm como ídolo um valentão da zona.

É comum, também, os adolescentes formarem grupos entre si, por julgarem que os adultos não os compreendem, estão "atrasados"... E cada grupo tem um

chefe, um líder, aceito pelos demais companheiros tacitamente, porque os próprios adolescentes sentem que *não é possível sociedade sem autoridade* (vide NÓTULA n.º 32, abaixo).

§ 71) CONTRADIÇÕES DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é marcada pelas lutas do indivíduo consigo mesmo, pelas contradições de atitudes. É que o adolescente se encontra à procura de uma diretriz, de uma definição em face do mundo e da vida. O adolescente se procura a si mesmo.

A busca de sua personalidade, a necessidade de afirmação levam o adolescente a querer *ser diferente* dos outros, exótico, a chamar a atenção dos outros sobre si, para se fazer sobressair.

O rapazola ou a moçoila às vezes se desajusta, toma atitudes incoerentes, quando não fora do comum, somente para poder ser *ele próprio*, para adquirir a certeza de que não é "maria vai com as outras", mas possui personalidade própria.

O grande psicólogo MIRA Y LOPEZ mostra essas contradições como sendo a resultante da luta que o adolescente sustenta entre dois pólos: a ambição (ou o *desejo de ser*) e a angústia (ou o *mêdo de não ser*). Em outras palavras: entre a necessidade de afirmar-se e o mêdo de não conseguir essa afirmação.

Característico marcante da adolescência é a *transição de idade* entre a criança e o adulto, de forma que

NÓTULAS — N.º 32

"Rua do Crime"

Muitos filmes têm passado mostrando os cruciantes problemas da juventude atual. Um dos melhores foi "Rua do Crime", em que se mostra bem violenta a "crise da adolescência": os rapazolas que já não querem obedecer mais aos pais e, no entanto, obedecem cegamente ao seu "chefe", um jovem cheio de recalques e ódios contra a sociedade.

ela possui, ao mesmo tempo, traços de um e de outro, que se entrelaçam e muitas vezes se opõem. Essa é uma outra forte razão das contradições da adolescência.

Daí o aspecto *dialético* da vida do adolescente, (vide NÓTULA n.º 33, abaixo), tantas vezes em luta consigo mesmo, ou prêsas de angústias terríveis. É a dúvida entre o ser e o não ser, entre querer e não querer, entre o egoísmo e a generosidade.

§ 72) CARACTERES DA ADOLESCENCIA ATUAL

Embora, em termos muito gerais, os caracteres da humanidade não divirjam profundamente, através dos tempos, podemos sentir que a adolescência de hoje é bem diferente daquela do passado.

Segundo nossa maneira de ver, são os seguintes os traços que caracterizam os adolescentes de hoje:

- 1) Forte desejo de independência, de fugir ao controle paterno, de viver "a sua vida", sem sujeitar-se a imposições nem da família nem dos professores.
- 2) Oposição deliberada e de plano a quase tudo que signifique "velho", "tradição", "classicismo".
- 3) Desejo de ser fora do comum, "diferente", exótico.

NÓTULAS — N.º 33

O processo dialético

Chama-se *dialética* o processo de desenvolvimento através da luta e da contradição: o ser ou a idéia tendem a gerar seu próprio contrário. Uma idéia (que recebe o nome de TESE) gera sua própria contrária (que se chama ANTÍTESE). Da luta entre as duas surge, por fim, uma terceira — a SÍNTESE. Exemplo: a monarquia, com seus males (TESE) gerou a república (ANTÍTESE). O capitalismo, com seu cortejo de egoísmos e miséria (TESE) gerou o socialismo (ANTÍTESE) igualmente perigoso e mau, daí resultando uma terceira posição, de reforma moderada (SÍNTESE), como a Doutrina Social Cristã, por exemplo.

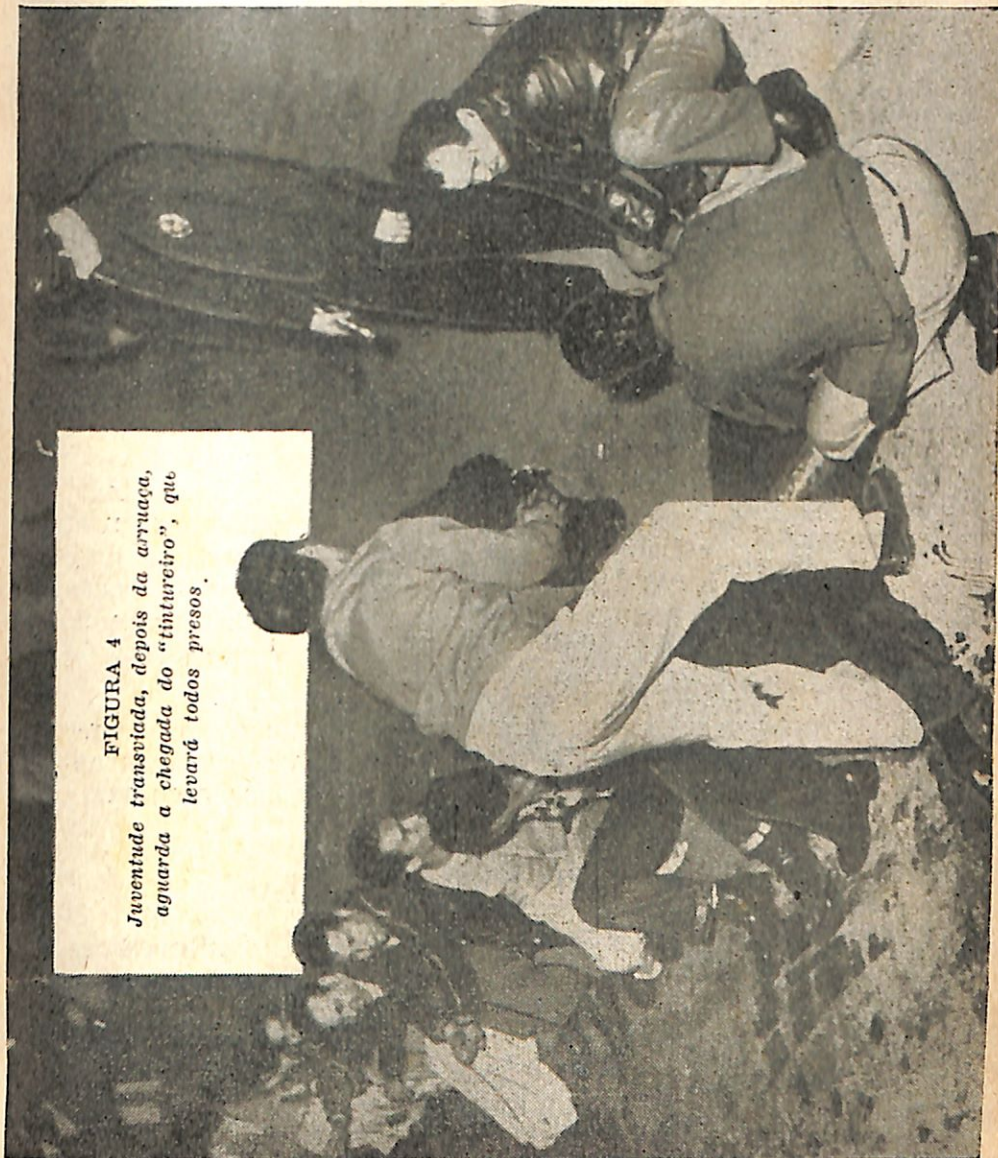


FIGURA 4

Juventude transviada, depois da arruaça, aguarda a chegada do "tintureiro", que levará todos presos.

4) Desconfiança em relação ao que é estabelecido, que é regra, que é norma.

5) Grande precocidade em relação aos assuntos políticos, sociais e religiosos, que são discutidos hoje numa idade em que, antigamente, os adolescentes nem sonhavam na existência desses problemas.

6) Daí resulta um grande desejo de ação direta e intensa, tal como Associações e Uniões de estudantes, campanha contra a carestia da vida, luta em favor do petróleo, etc., etc., campanhas essas que, justamente pela falta de *vivências* adequadas, são às vezes mal conduzidas.

7) Preocupação máxima com o esporte, o rádio, o cinema e o futebol.

8) Como consequência desses dois últimos itens, pouco aprêço pelas cousas do espírito, pela literatura, pela poesia, pela música fina. Os adolescentes de hoje lêem pouco, pouquíssimo, sendo raros os rapazes e moças que conhecem as grandes obras literárias. (Referimo-nos, naturalmente, à maioria, havendo sempre exceções.)

9) Precocidade sexual.

10) Precocidade também em relação ao crime (grande número dos crimes de roubo, violência carnal e assassinato hoje em dia são praticados por menores).

§ 73) JUVENTUDE TRANSVIADA?

Poderá parecer, a quem leia o decálogo acima apresentado, que o autor deste livro se enfileira entre aqueles que julgam a adolescência de hoje "completamente perdida"... Não, não pensamos assim... Não concordamos em chamar os nossos jovens de hoje de "*juventude transviada*". Não julgamos que a adolescência atual seja intrinsecamente pior do que a de ontem: as condições de vida, o meio ambiente é que mudaram, dando, em consequência essas mudanças para pior na adolescência



FIGURA 5



FIGURA 6

Juventude trabalhando.



FIGURA 7

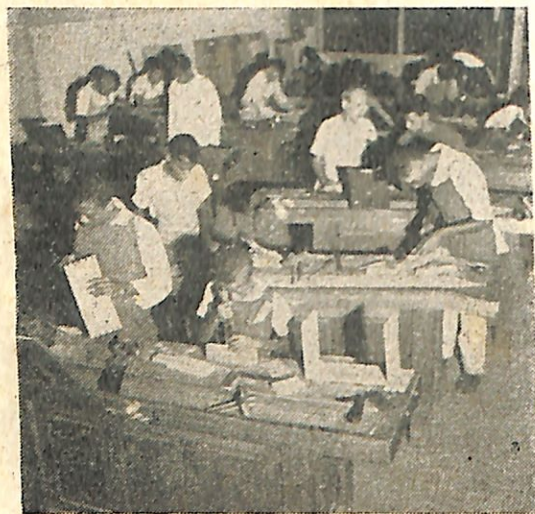


FIGURA 8

Nem tudo está perdido; eis a juventude em pleno trabalho.

atual. Esta é o que dela fizeram uma sociedade egoísta e perversa, uma guerra devastadora e impiedosa e o exemplo dos adultos a se engalinharem na arena política, cada qual querendo "levar mais vantagem" do que o outro...

Assistindo a tais lutas sem grandeza, vendo e ouvindo tais exemplos de destruição recíproca, diariamente contados pelos jornais, pelos cinemas, pelo rádio, pela televisão — que exemplos recebem os adolescentes de hoje?

Acrescente-se a êsse quadro o afrouxamento dos princípios religiosos, a batalha pela sobrevivência, todos os dias recomeçada, a decadência da vida familiar — e aí temos outras tantas causas das atitudes atuais da adolescência.

A família é o meio por excelência onde a infância se cria; a família está para a criança como a água para o peixe, como a mata está para as borboletas. Pois bem: a família se vem deteriorando de maneira espantosa, seja pelas necessidades da vida, que levam o homem e, muitas vezes a mulher também, a passarem o dia inteiro fora de casa trabalhando; ou seja pelas dificuldades de alojamento, que reduziram o lar a um apartamento estreito de sala e quarto, sem lugar para as crianças; ou seja pelo sistema de diversões dos nossos dias, tôdas elas fora de casa, como o cinema, o botequim, as "boates", as partidas de "bridge" da alta sociedade.

O fato é que a família pobre não pode dar a devida assistência aos filhos, e a família rica não tem tempo para isso. E em ambos os casos a tragédia resultante é essa: — a juventude transviada.

Parece, assim, que é muito mais justo falar em adultos transviados, em sociedade transviada, do que em juventude transviada. Esta é uma vítima, a maior vítima desses espantoso mundo em que vivemos.

§ 74) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devemos proceder com os adolescentes)

74.1) CAUTELA E DISCREÇÃO. — Os assuntos referentes à puberdade e ao sexo precisam ser tratados com extrema cautela. É um grave erro pretender “dizer tudo” ao adolescente, sem reboços, alegando que “quanto mais cedo ele souber a verdade, melhor”. Conversas sobre êsses assuntos devem assumir caráter de intimidade e naturalidade entre pais e filhos. Mas se os pais não querem ou não sabem falar a respeito, com os adolescentes, em casa, então melhor será que êstes se orientem na escola, com o professor, do que com elementos suspeitos, na rua.

74.2) EVITAR RECALQUES. — Não se deve levar muito a mal o erotismo amoroso dos adolescentes. Em grande parte êsse erotismo é superficial, é mais da imaginação do que real. Isso não significa que não devemos levar em conta os problemas da puberdade, fingindo que nada sabemos a respeito, mas sim que não devemos *atemorizar* o adolescente. O “medo da puberdade”, o “medo do sexo” podem provocar sérios recalques e complexos. As recomendações para se tratar o assunto sexo são: cuidado, discreção, reserva, mas tudo isso sem afetação e com naturalidade.

74.3) A ESCOLHA DOS ÍDOLOS. — Vimos no § 70 (“Concepção do mundo”) que é comum o adolescente perder aquela fé anterior nos pais e procurar novos modelos para sua vida, novos ídolos. É importante, pois, que os pais e os professores procurem inculcar ao adolescente “guias” e “ídolos” sadios, que sejam realmente pessoas recomendáveis pelo seu caráter, por suas atividades construtivas. Nesse sentido são altamente aconselháveis as coleções com retratos de personagens ilustres, bem como os quadros de parede. Na escola, para êsse fim, deve o

professor desenvolver o Clube de Civismo ou Centro Cívico, bem como o Clube de Leitura. As vidas dos grandes personagens (do mundo, do Brasil, do Estado ou apenas do município) precisam ser estudadas e comentadas. Devemos desenvolver entre os adolescentes o hábito de ler bons livros, especialmente as biografias. Por outro lado, são inúteis os livros de leitura que apresentam pais perfeitos, meninos perfeitos, irmãos perfeitos, porque o adolescente já sabe que aquelas perfeições não existem neste mundo...

74.4) PATERNALISMO EXCESSIVO. — Finalmente, é muito necessário que os pais e os professores vão, pouco a pouco, dando relativamente mais liberdade ao adolescente, para que êle aprenda e se habitue a resolver seus próprios problemas na vida. O paternalismo excessivo é prejudicial à formação da personalidade do adolescente. A experiência é a grande mestra da vida; é preciso que os adolescentes, aos poucos, vivam as suas dificuldades, criem suas vivências, pois, como nos ensina a lei fundamental da Psicologia da Aprendizagem (vide capítulo XVI), *só se aprende a fazer fazendo*. O excesso de comando tira a iniciativa do comandado, que passa a agir como um autômato, só sabendo fazer o que mandam (vide NÓTULA n.º 34, abaixo). O paternalismo excessivo

NÓTULAS — N.º 34

O “Mamãezismo”

Nos Estados Unidos, ao lado de numerosos casos de “juventude transviada” (ou talvez mesmo por causa disso) há também em certo setores aquilo que já se convencionou de chamar de **mamãezismo**: as mães que cuidam de mais de seus filhos, procurando mantê-los afastados de todo perigo. Ora, o certo não é esconder o jovem do perigo, mas sim ensiná-lo a enfrentar o perigo e vencê-lo. Exemplo: se as más companhias são um perigo para a formação moral do jovem, a solução não é prendê-lo dentro de casa, mas sim ensiná-lo a livrar-se delas e evitá-las.

gera o *infantilismo*: o jovem cresce em idade mas permanece infantil nas atitudes; torna-se uma "criança grande".

74.5) VALOR DO ESPORTE. — Todos os adolescentes têm verdadeira mania de esportes, seja para praticá-los, seja para assisti-los. Nada mais natural, pois o esporte tem múltiplas finalidades: a) satisfazer ao instinto lúdico; b) é uma forma de atividade; c) exercita as fôrças; d) desenvolve os músculos; e) proporciona saúde e vigor; f) permite lutar, competir, ganhar, sagrar-se vencedor, sentir-se superior aos outros; g) serve à afirmação da personalidade.

Bem orientado, o esporte tem o mais alto valor educativo, inclusive valor moral: ensina solidariedade, espírito de grupo, disciplina, obediência aos regulamentos.

Por outro lado, o esporte é a continuação do *jôgo* infantil: já vimos, em capítulos anteriores, que "*o natural da criança é brincar e imitar*", como diz CLAPARÈDE. A criança de 2 anos, ou de 7 ou de 10, ama o brinquedo ou *jôgo*. Pois o esporte é a forma que toma o *jôgo*, a partir de certa idade, culminando na adolescência e na juventude. A criança de 4 anos a correr, montada num cabo de vassoura, está fazendo a mesma coisa que o rapazinho correndo atrás de uma bola no estádio. O único cuidado que os pais e educadores devem ter é contra o *excesso* do esporte. O perigo começa quando o jovem não pensa noutra coisa senão no esporte e não sabe conversar de outro assunto que não sejam os times de futebol e os jogos.

74.6) GRUPOTERAPIA. — Devemos levar os adolescentes a se organizarem em grupos, a trabalharem e brincarem em grupo. As atividades grupais desenvolvem a educação social do aluno, isto é, a sua *socialização*. Ensinam-no a viver com os outros, ou seja, a *conviver*. Levam-no a ter mais disciplina, a respeitar o ponto de vista alheio, a ser menos egoísta e mais altruísta, a

ajudar os outros. Os esportes coletivos, como futebol, voleibol, etc., têm essas vantagens. Mas, mesmo na sala de aula, nos estudos, os adolescentes devem ser levados a formar seus grupos, suas *equipes*, suas *patruilhas*, até para competir na aula de português ou matemática. O *trabalho em equipe* é uma das bases da Educação Renovada. A atividade em grupo é tão importante que hoje em dia constitui a base do tratamento de muitas moléstias, sendo comum nos hospitais de convalescentes e até nos de doenças mentais. É a tal forma de tratamento médico que se chama de *grupoterapia* (tratamento em grupo). Igualmente no Serviço Social há um método especial de ação que se chama "Serviço Social de Grupo". Enfim, as atividades em grupo preparam os jovens para trabalharem juntos, depois, na vida, com mais espírito de compreensão e de cooperação. E elas são ainda mais necessárias no Brasil por causa do nosso excessivo individualismo.

§ 75) TÓPICOS PARA DEBATE

1. Significado da palavra "adolescência". Seus caracteres físicos.
2. Explicar em que consiste a **crise da puberdade**.
3. O adolescente precisa de um "ídolo"; explicar essa necessidade.
4. Por que razão o adolescente chama seu pai de "o velho"?
5. Enumerar os principais caracteres da adolescência no mundo atual.
7. Que pensa você da "juventude transviada"? Causas e remédios.

§ 76) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS

Aplicar a um grupo de adolescentes, que pode ser a própria classe da Escola Normal, o questionário abaixo, podendo ser formuladas outras perguntas, sugeridas pelo aluno ou pelo mestre:

1. Quantos anos você tem?
2. Sente-se feliz como adolescente? Sim ou não? Por quê?
3. Que pensa você do mundo atual?
4. Que pensa você sobre "os velhos" (seus pais) em relação à maneira como eles consideram você?
5. Que pensa você sobre as autoridades que governam o Brasil?
6. Na sua opinião, quais são os principais problemas do Brasil atual?
7. Que pensa você sobre a Religião?
8. Que pretende você fazer na vida quando ficar adulto?
9. Que pensa você sobre o amor?
10. Quais as suas distrações preferidas?
11. Que pode você dizer sobre a "juventude transviada"?
12. Que pensa você sobre o magistério? Você pretende ser professor? Por quê?

OBSERVAÇÕES: 1) O professor poderá mandar mimeografar este questionário e distribuir entre todos os alunos da turma, bem como de outras turmas, que também sejam compostas de adolescentes. 2) Nenhum aluno deverá aplicar o questionário a outro sem que primeiro ele próprio haja respondido. 3) O questionário poderá ser aplicado em forma de **entrevista**, isto é, o aluno-pesquisador frente a frente com o pesquisado, anotando as suas respostas. Mas também é possível o pesquisador entregar a folha com as perguntas ao pesquisado e pedir que a devolva, devidamente respondida, dentro de 48 horas. 4) Não se deve marcar limite quanto ao número de linhas da resposta, mas mostrar que essa não precisa ser longa de mais. 5) As respostas devem ser, depois, apuradas pelo professor com a turma, e devidamente tabuladas.

§ 77) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. BARNES, Domingo — "La Educación de la Adolescencia"; Editorial Labor; Barcelona, 1930.
2. BROOKS, Fowler — "Psicología de la Adolescencia"; Editorial Kapelusz; Buenos Aires, 1930.
3. BÜHLER, Charlotte — "La Vida Psíquica del Adolescente"; Espasa-Calpe; Buenos Aires — 1947.
4. HADOW & SPENS — "La Educación de la Adolescencia"; Editorial Losada; Buenos Aires — 1944.
5. MENDOUSSE, Pierre — "L'Âme de l'Adolescent"; Presses Universitaires; Paris, 1947.
6. MENDOUSSE, Pierre — "L'Âme de l'Adolescente"; Presses Universitaires; Paris, 1946.
7. SPRANGER, Eduardo — "Psicología de la Edad Juvenil"; Revista de Occidente Editora; Buenos Aires, 1946.

CAPÍTULO VIII

A Criança Problema

Ficha-resumo:

§ §

78) CONCEITO DE CRIANÇA PROBLEMA:

É aquela que entra em conflito com o meio, ficando desajustada.

79) AS CRIANÇAS ANORMAIS:

São aquelas que possuem alguma anomalia no campo físico, mental ou moral. São corretamente chamadas de excepcionais.

80) CRIANÇA ANORMAL E CRIANÇA PROBLEMA:

As anomalias da 1.^a são orgânicas ou constitucionais; as da última resultam apenas da sua maneira de viver.

81) CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA-PROBLEMA:

Comportamentos: rebeldia, capricho, medo, cólera, indolência, furto, mentira, fuga, etc., etc.

82) CAUSAS DOS DESAJUSTAMENTOS INFANTIS:

Importância da constelação familiar.

- 1) Desajustamentos da vida familiar
- 2) Desajustamentos da saúde física
- 3) Desajustamentos da saúde mental
- 4) Desajustamentos da vida social.

Ficha-resumo (conclusão):

§ §

83) OS DOIS TIPOS FUNDAMENTAIS DE CRIANÇA PROBLEMA:

- 1) A criança mimada
- 2) A criança escorraçada

84) TERAPÊUTICA DA CRIANÇA PROBLEMA:

- 1) Pesquisa das causas
- 2) Tratamento da criança problema
- 3) Orientação Educacional e Serviço Social
- 4) Exemplos de criança problema.

85) CONCEITO DE DISCIPLINA ESCOLAR:

- 1) Conceito antigo de disciplina
- 2) Conceito moderno e errôneo de disciplina
- 3) Conceito moderno e acertado de disciplina
- 4) O caso dos desajustados.

86) ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

(Como devo proceder na minha escola).

87) TÓPICOS PARA DEBATE.

88) EXERCÍCIOS E EXPERIÊNCIAS.

89) LEITURAS COMPLEMENTARES.

§ 78) CONCEITO DE CRIANÇA-PROBLEMA

Todo indivíduo, todo ser vivo tende a desenvolver-se, a crescer. Qualquer obstáculo a êsse desenvolvimento tende a ser contornado, ou com prejuízo do indivíduo, ou do meio, ou de ambos. Por exemplo: um arbusto vai crescendo, mas a certa altura encontra um obstáculo — um muro, uma grade — então faz uma curva e continua, mas seu tronco ficará, talvez, torto para o resto da vida. Em outro caso, as raízes da árvore, ao engrossarem, encontram uma calçada de cimento: elas não se desviam, continuando até arrebentar e levantar o cimento.

No primeiro caso, o *conflito* entre o indivíduo e o meio foi resolvido às custas daquele; no segundo caso, às custas do meio.

Exatamente assim acontece com as crianças: toda vez que há, em suas vidas, um obstáculo ao seu desenvolvimento, elas tendem a vencê-lo, ou torcendo o seu próprio psiquismo, seu *eu*, ou danificando as comportas do meio, as normas sociais. No primeiro caso, a criança ficará ensimesmada, sorumbática, triste, calada, vivendo escondida dentro de si própria. No segundo caso, ela se torna irrequieta, turbulenta, revoltada. Em ambos os casos, há um *desajustamento* entre a criança e o meio: diz-se que a criança está *desajustada*, ou que é uma *criança-problema*.

Podemos, então, definir criança-problema como aquela que, por qualquer razão, se desajusta dos padrões da escola ou das normas de conduta infantil, de maneira a constituir um problema para seus pais ou educadores. Também recebe o nome de *criança-difícil* (do inglês "difficult child"). "Criou-se o conceito de "criança-problema", diz o grande mestre ARTUR RAMOS,

“em substituição ao termo pejorativo e estreito de “criança-anormal”, para indicar todos os casos de desajustamento característico e de conduta da criança, ao seu lar, à escola e ao currículo escolar. A expressão ficou, porém, para designar mais especialmente os casos de desajustamentos psico-sociais que não cheguem aos casos-limites dos distúrbios mental e constitucional.” (*)

§ 79) AS CRIANÇAS ANORMAIS

Queremos imediatamente chamar a atenção do leitor para este fato: criança-problema não é sinônimo de criança anormal. Antigamente não era raro entrarmos numa sala de aula e a professora reclamar que “tinha uma porção de anormais na sua classe, pelo que o ensino não progredia bem”. Algumas pessoas, menos avisadas, classificavam como “anormais” todos os alunos que não seguiam o comum, a norma da classe.

Depois, conforme salientou ARTUR RAMOS acima, passou-se a usar o termo criança-problema como sinônimo de criança-anormal, somente para não empregar este último.

Hoje, porém, há uma distinção muito nítida entre os dois casos: criança *anormal* é aquela que possui alguma anomalia no físico, ou no campo mental ou moral; e naturalmente tais anomalias se refletem a cada passo, na vida doméstica e escolar do menino.

Criança-problema, ao contrário, é aquela que apresenta desvios de conduta, em casa ou na escola, sem que tais desvios sejam provenientes de nenhuma anomalia física, mental ou moral.

Quanto aos anormais, estes são *anormais físicos*, se possuem algum defeito físico, algum aleijão, algum

(*) ARTUR RAMOS — “A Criança problema”; Editora Nacional; São Paulo, 1939. (Este livro, apesar de não ser muito recente, é o que de melhor até hoje se publicou sobre o assunto, e sua leitura muito se recomenda a todos os educadores.)

“deficit” nos órgãos sensoriais, de natureza mais ou menos grave. *Anormais psíquicos* são os que sofrem de alguma perturbação mental, distúrbio neuropsíquico, bem como os *oligofrênicos* (cretinos, imbecis e idiotas, isto é, indivíduos que possuem Q.I. abaixo de 70 — conforme mostramos no capítulo XXII desta obra). Finalmente, *anormais morais* são os que possuem alguma tara, os perversos, os mórbidos, os que apresentam graves falhas de caráter.

Tais anomalias podem ser inatas ou adquiridas. As anomalias *inatas* têm geralmente por causa o alcoolismo dos pais, a sífilis, ou psicopatias transmitidas de pais a filhos, bem como traumatismos ocorridos durante a gravidez. Anomalias *adquiridas* são as que resultam de traumatismos violentos, ou de moléstias ocorridas na primeira infância, tais como o tifo, a meningite, etc. (Vide o que dissemos a respeito, no capítulo III.)

Para essas crianças *excepcionais* (pois o termo “anormais” não deve ser usado, porque gera humilhações e complexos), para esses excepcionais, dizemos, devem existir instituições apropriadas, clínicas especiais, estabelecimentos psicopedagógicos para internações, e, para os casos mais graves, hospitais neuropsiquiátricos infantis. Em nenhuma hipótese deveriam tais crianças permanecer nas escolas comuns, pois sua presença serve de motivo de chacota para as demais crianças, não sendo possível exigir destas um comportamento científico e compreensivo, como se fôsem adultos (vide NÓTULA n.º 35, abaixo).

NÓTULAS — N.º 35

Crianças excepcionais

A presença de crianças excepcionais nas escolas comuns causa terrível mal para estas, para as crianças normais e para a vida escolar em geral. Em cada grande cidade deveria haver

§ 80) CRIANÇA ANORMAL E CRIANÇA PROBLEMA

A criança-problema não é uma criança anormal: ela é fisicamente, orgânicamente sã. As irregularidades de conduta que apresenta são *funcionais*, isto é, relativas apenas a suas funções, a *suas vivências*. São por isso, corrigíveis com certa facilidade, e cabe à escola tratar dessa correção.

No entanto, se não forem tratadas em tempo, podem tais irregularidades se incorporarem definitivamente ao indivíduo, tornando-o um elemento altamente pernicioso à sociedade, cheio de recalques e complexos, um permanente revoltado, talvez um criminoso.

§ 81) CARACTERIZAÇÃO DA CRIANÇA PROBLEMA

A criança-problema, também chamada difícil ou desajustada, apresenta um ou vários dos comportamentos abaixo:

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 1) Rebeldia | 14) Fugas |
| 2) Capricho | 15) Incapacidade para aprender |
| 3) Desconfiança | 16) Enurese (incapacidade de conter as urinas). |
| 4) Mêdo exagerado | 17) Estados de angústia |
| 5) Turbulência | 18) Antipatia pela escola, pelos colegas |
| 6) Agressividade e cólera | 19) Desordens sexuais |
| 7) Rixas freqüentes | 20) Nervosismo e instabilidade |
| 8) Indolência | 21) Inibição e timidez |
| 9) Apatia | 22) Perversidade. |
| 10) Furto | |
| 11) Histeria | |
| 12) Mentira | |
| 13) Falta de interêsse pelos estudos | |

uma escola (ou pelo menos uma classe), para alunos excepcionais. Aliás, em muitos Estados brasileiros já existem instituições especiais para esse fim: as "Sociedades Pestalozzi". A de Belo Horizonte possui magnífica instalação, numa fazenda — a Fazenda do Rosário. Exemplo digno de ser imitado em todo Brasil!

Naturalmente o que caracteriza a reação anômala é a sua repetição, ou o seu aparecimento sem causa lógica. Exemplo: não se conclui que uma criança seja *problema* porque "um dia" mentiu ou se mostrou encolerizada, ou brigou com um colega. Da mesma forma o garôto não será considerado *problema* se teve mêdo de um boi na estrada, ou se brigou com o colega por uma causa que lhe pareceu justa (vide NÓTULA n.º 36, abaixo).

§ 82) CAUSAS DOS DESAJUSTAMENTOS INFANTIS

A criatura humana não vive só, não constitui uma unidade isolada, sôlta no espaço. Ao contrário, vive dentro de *sistemas* sociais, equivalentes ao sistema planetário: o sistema da família, o do lugar de trabalho, o da religião, o do clube, o dos amigos, o do partido político, etc. Precisamos ter sempre presente que *o homem é um animal social*. E dentro de cada um desses sistemas existe uma constante *interação*, isto é, ação de uns indivíduos sôbre os outros.

Mas, vivendo ao mesmo tempo em várias órbitas, quando há um desajustamento do indivíduo numa

NÓTULAS — N.º 36

O perigo das crianças muito boazinhas

Devemos desde logo advertir o professor a respeito de dois perigos. O primeiro é o de pensar que, se o aluno que apresenta tais comportamentos é um desajustado, um problema, então bom aluno será o que não apresentar nenhuma falha, fôr uma criança muito boazinha, sempre pronta a concordar com tudo que o professor diz e o fazer tudo que êle manda. Não. A criança boazinha de mais, sempre pronta a obedecer sem discussão, mostra que não tem personalidade, o que também é um grande mal.

O segundo perigo é que, às vêzes, a criança demasiado quieta está simplesmente doente... Isso porque o natural da criança é a atividade, a inquietude, a ação, o bulício.